



A DEMONICA UNDERWORLD/
MASTERS & MERCENARIES NOVELLA

A muscular man is shown from the back, with his hands clasped behind his back. He has a large, detailed tattoo of angel wings on his upper back. The background is a deep purple with a subtle texture.

HER
Guardian
ANGEL

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

LARISSA IONE

Introduction by Lexi Blake

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



A DEMONICA UNDERWORLD/
MASTERS & MERCENARIES NOVELLA

A muscular man is shown from the back, with his hands clasped behind his back. He has a large, detailed tattoo of angel wings on his upper back. The background is a deep purple with a subtle texture.

HER
Guardian
ANGEL

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

LARISSA IONE

Introduction by Lexi Blake

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM



A DEMONICA UNDERWORLD/
MASTERS & MERCENARIES NOVELLA

A photograph of a muscular man from the back, showing his torso and arms. He has a large, detailed tattoo of angel wings on his upper back. His hands are clasped behind his back. The background is a dark, textured purple.

HER
Guardian
ANGEL

NEW YORK TIMES BESTSELLING AUTHOR

LARISSA IONE

Introduction by Lexi Blake

Sua guardiã anjo

Larissa Ione

Depois de uma infância difícil e de uma temporada turbulenta nas forças armadas, Declan Burke finalmente conseguiu ter uma vida normal. Agora ele é um guarda-costas profissional que leva seu trabalho na McKay-Taggart muito a sério e suas brincadeiras – e seus companheiros de brincadeiras – tão seriamente quanto. Uma coisa que ele nunca faz, no entanto, foi misturar negócios com prazer. Mas quando a misteriosa e linda Suzanne D'Angelo precisa de sua proteção contra um perseguidor, seu desejo por ela queima além do controle, tentando-o a quebrar todas as regras... mesmo quando ele é arrastado

para um mundo escuro e perigoso que ele não sabia que existia.

Suzanne é um anjo em sua primeira missão crítica: proteger Declan a todo custo de uma ameaça sobrenatural. Para mantê-lo perto, ela o contrata como seu guarda-costas. Não demora muito para ela perceber que está perdida e indefesa contra esse humano devastadoramente sexy que a faz desejar seu toque proibido.

Juntos, eles terão que utilizar cada grama de treinamento para resistir a intensa atração enquanto o inimigo se aproxima, mas logo fica evidente que nada poderia protegê-los da ameaça a suas vidas, e nem a seus corações.

Glossário

Os Aegis - Sociedade de guerreiros humanos dedicados a proteger o mundo do mal. Discórdias recentes entre suas fileiras reduziram seus números e enviou Os Aegis em uma nova direção.

Fallen Angel – (Anjo Caído) - Acredita-se que é o mal pela maioria dos seres humanos, anjos caídos podem ser agrupados em duas categorias: O verdadeiro caído e o não caído. Anjos não caídos foram lançados do céu e são terrestres e sem asas, vivendo uma vida em que eles não são nem bons nem verdadeiramente maus. Nesse estado, eles podem, raramente, ganhar o seu caminho de volta para o céu. Ou podem optar por entrar Sheoul, o reino demônio, a fim de completar a sua queda, crescer novas asas, e tornar-se um verdadeiro Caído, tomando seus lugares como demônios ao

lado de Satanás.

Harrowgate - portais verticais, invisíveis para os seres humanos, que os demônios usam para viajar entre locais da Terra e Sheoul. Muito pouco ser podem convocar seus próprios Harrowgates pessoais.

Inner Sanctum - Um reino dentro Sheol-gra que consiste em 5 anéis, cada um contendo as almas dos demônios categorizados por seu nível de mal, como definido pela Ufelskala. O Inner Sanctum é administrado pelo anjo caído Hades e sua equipe de guardas, todos os anjos caídos. O acesso ao Inner Sanctum é estritamente limitado, pois os demônios contidos no interior podem tirar vantagem de qualquer objeto fora ou pessoa que vive a fim de escapar.

Memitim - Anjos terrestres designados para proteger humanos importantes chamados Primori. Memitim permanecem na Terra até que completem seus deveres, quando eles ascendem, ganham suas asas e entram no céu.

Primori - Humanos e demônios cujas vidas estão destinadas a afetar o mundo de alguma forma crucial.

Sheoul - Reino Demônio. Localizado em seu próprio plano nas entranhas da Terra, acessível para a maioria apenas por Harrowgates e hellmouths.

Sheoul-gra - um tanque de retenção para as almas de demônios. Um reino que existe independentemente de Sheoul que é supervisionado por Azagoth, também conhecido como o Grim Reaper. Dentro Sheoul-gra é o Inner Sanctum, onde as almas de demônios são mantidas no limbo torturante até que possam renascer.

Shrowd - Quando os anjos viajam através do tempo, eles existem dentro de uma bolha impenetrável conhecida como shrowd. Enquanto no shrowd, os anjos são invisíveis e não podem interagir com ninguém - humano, demônio ou anjo - fora do shrowd. Romper com o sofrimento é uma transgressão séria que pode, e resulta em

execução. Também chamado de quantamun.

Ufelskala - Um sistema de pontuação para os demônios, com base no seu grau de mal. Todas as criaturas sobrenaturais e humanas más podem ser classificadas em escala cinco, com o Nível 5 compreendendo dos piores dos piores.

Capítulo 1

Há alguma coisa lá fora, nas sombras da noite, observando. E vendo a forma como seu cabelo arrepiou na parte de trás do pescoço, e a tatuagem em suas costas arder como uma espécie de sistema de alerta subdérmico futurista, provavelmente era demais esperar que fosse uma mulher linda que não queria nada mais do que uma noite de sexo.

Declan Burke afastou-se do prédio de quinze andares que abrigava McKay-Taggart, o escritório de seu patrão em Dallas, jogou o copo de café no lixo e passou a mão pelo coldre para soltar sua Glock G29 enquanto se movia em direção ao beco. Manteve os passos leves e tranquilos, se alguém o estivesse espionando, não ia deixar transparecer que ele sabia disso. Ele estava apenas indo para onde estacionou seu Rover na rua esta tarde, quando veio para pegar algumas coisas antes de sair em sua

missão na América do Sul.

— Ei, Burke!

Merda. Silencioso-observador-único e estava de pé escondido pelas sombras, ele respirou fundo antes de se virar para ver seu chefe, Ian Taggart, andando na direção dele como um homem em uma missão. E Dec sabia exatamente qual era. Tag tinha ligado na noite anterior enquanto Declan arrumava sua mala e perguntou se queria outro trabalho. Sua resposta foi um duro não. Tag tentou persuadi-lo. A resposta de Dec continuou sendo não, até finalmente desligar.

— Eu já disse que não vou aceitar esse trabalho, — Declan suspirou.

— E você não disse o porquê.

— Sou obrigado a dizer?

— Você sabe que não. — Tag parou na frente dele, seu cabelo loiro ondulando na brisa quente e sufocante. — Mas esse trabalho é perfeito para você. Você cresceu em D.C. e conhece as pessoas, conhece a política, conhece o dinheiro.

Sim, Declan conhecia isso tudo intimamente.

— Eu disse que não.

— Eu não pediria se não achasse que é a melhor pessoa para o trabalho.

Xingando silenciosamente, Declan olhou para o céu buscando alguma calma até que pudesse conversar com seu chefe sem perder a paciência.

Finalmente, ele olhou para Tag.

— Deixei aquela merda quando tinha dezessete anos e não olhei para trás. Desculpe-me, Ian. Te respeito muito, e se precisar de mim para qualquer outra coisa, estarei aqui, sem perguntas. Mas não isso, pode me demitir se quiser.

Tag soltou uma maldição exasperada.

— Você realmente prefere ir a uma missão na selva, que provavelmente vai te matar, do que trabalhar com o senador McRory e seu assessor em algumas questões de rotina de segurança?

Ok, Tag estava exagerando sobre o risco do trabalho na América do Sul, mas mesmo se ele não estivesse...

— Não posso sequer contar todas as maneiras que eu poderia dizer sim para isso.

— Tudo bem, — disse Tag, — mas pelo menos pense sobre isso. Seu avião não sai até amanhã à noite.

— Sim, claro, — Declan respondeu, sabendo que não iria pensar sobre isso um único segundo sequer. Tanto quanto ele estava preocupado o tópico sobre o trabalho em D.C. estava acabado.

— Obrigado, cara. — Taggart bateu no ombro Declan e se dirigiu para o estacionamento.

Declan ficou por mais um minuto, tentando decidir o que fazer. Ir para casa para um apartamento vazio e deprimente não era uma opção atraente, mas também não queria ir para uma boate, não quando estava tendo tantas dores de cabeça, o que vinha acontecendo com frequência nos últimos meses. Além disso, não era a pessoa mais sociável do planeta e também odiava bares. Ultimamente só frequentava porque sentia-se inquieto quando estava sozinho.

Talvez ele estivesse precisando de uma namorada. Ou, pelo menos, de uma transa. Claro, conhecer alguém significava sociabilizar.

Jogar conversa fora. Contar às pessoas sobre sua vida. Que pesadelo.

Ele ia morrer sozinho, não ia?

— Todo mundo morre sozinho, — disse seu colega de trabalho Shane Landon uma vez. — Alguns mais cedo que mais tarde.

Shane era um cara realmente otimista às vezes.

Sacudindo a cabeça, resolveu pegar uma caixa de cerveja Shiner Bock, ir para o seu apartamento e assistir a alguns episódios da terceira temporada de *Breaking Bad*. Porque ele não assistiu a série quando foi lançada? Era incrível. Agora ele não queria nada além de assistir.

Um flash de luz o cegou, tão forte que intensidade o fez tropeçar. Piscando, tentou proteger os olhos, e olhou na direção do beco para o qual ele andava antes de Tag detê-lo. A luz branca brilhante tremeluzia como uma lâmpada fluorescente entre os prédios, e ele jurou ter visto uma sombra enorme no centro, algo com braços e pernas grossos... e uma cabeça enorme com chifres.

Que porra é essa? De repente, uma dor

lancinante rasgou seu crânio e a tatuagem em suas costas começou a pulsar. Ele ouviu um grito, seu grito, antes de cair de joelhos segurando a cabeça entre as mãos como se isso fosse parar a agonia. Através do ataque aos seus sentidos, provou gosto e sentiu o cheiro de sangue, e enquanto ofegava por ar, jurou ter visto outra figura sombria se juntar à primeira. Esta menor, pequena, até mesmo feminina. E eles estavam lutando.

Mesmo enquanto gemia em agonia, ele riu internamente com o absurdo de seus pensamentos. Figuras sombrias lutando no centro de uma bola de luz? Alguém tinha drogado seu café? Estava realmente dormindo e tendo um pesadelo saído direto de uma revista em quadrinhos?

Um relâmpago de dor passou do alto de seu crânio até as pontas dos dedos dos pés. O mundo se inclinou e girou, e não teve forças para gritar de novo quando a escuridão encobriu sua visão e ele deslizou, inconsciente, para o chão.

* * * *

Suzanne nunca tinha encontrado um

demônio como aquele que acabara de infligir algum tipo de ataque psíquico ao humano ao qual ela era designada para proteger. E como um *Memitim*, um anjo terrestre encarregado de proteger pessoas que eram importantes para o destino da humanidade, ela já tinha visto muitos demônios. Bem, principalmente em livros, mas ela lia muitos livros.

A criatura era enorme, com pelo menos três metros e meio de altura, com chifres que se estendiam a mais de um metro do crânio e eram tão grossos quanto a as coxas. Mas não era o tamanho ou sua fealdade tóxica que o fazia tão único. Era o fato de que ele foi capaz de afetar o corpo de Declan à distância, sem desencadear seu alarme *Primori*, isso fazia o demônio não apenas único, mas perigoso pra caramba.

Girando, usou suas foices e chutes rodados para atacar agressivamente o demônio. Ela caiu de costas, mas sua espada maciça a obrigou a pular para trás com frequência, perdendo força a cada retirada. Seus pés em forma de casco a atingiram com força suas costelas pelos menos meia dúzia de vezes, quebrando ossos e rachando a pele até que seu sangue espirrou em

suas botas. Como um anjo, ela curava rapidamente, mas ela ainda sentia dor, e ela estava em agonia.

A coisa descascou os lábios negros e escamosos de seus dentes antes de se metamorfosear para uma forma humana, tornando-se um homem atraente com cabelo preto curto, cavanhaque, e olhos da cor azul geada.

— Quem é você? — ele rosnou em uma profunda voz de fumaça infernal que fez o cabelo na parte de trás do seu pescoço ficar de pé.

— Ninguém importante, — ela disse, toda animada e alegre para esconder o fato de que esse cara era aterrorizante e suas costelas quebradas estavam tornando difícil recuperar o fôlego. — Quem diabos é você?

Ele zombou.

— Alguém que não tem tempo para brincar com garotinhas. Você pode me chamar de Morroc, mas entre no meu caminho de novo, e eu vou me divertir até que você e todos os seus parentes não sejam nada além de bonecos de carne quebrados.

Com isso, ele desapareceu no ar.

— Graças a Deus, — ela sussurrou para si mesma. Seus joelhos quase dobraram de alívio. Esse foi o primeiro demônio com quem lutou para proteger seu *Primori*, e foi um dos demônios mais aterrorizantes que já tinha visto. Ela precisava pesquisar sobre esse otário o mais rápido possível.

Com um movimento de seu pulso, ela fez suas foices desaparecerem. Há vários metros de distância, Declan estava desmaiado na calçada e dois homens estavam correndo em direção a ele. Ela queria estar ao seu lado para se assegurar de que ele estava bem, mas a marca *Primori*, o *heraldi* de tamanho de uma moeda em seu pulso, não estava queimando, o que significava que ele não estava em perigo de morrer, então seus amigos humanos deveriam ser capazes de ajudá-lo.

Ao menos ela esperava. O *heraldi* não conseguiu avisá-la que Declan estava em perigo anteriormente. Se ela não tivesse aparecido para checá-lo, ele estaria morto agora.

Declan sentou, recusando a ajuda e xingando. Grata de que ele parecia estar apenas confuso, ela saiu de lá e retornou a *Sheoul-gra*,

um reino prisão para as almas de demônios e humanos malignos, mas também a residência de seu pai, o Grim Reaper, e centenas de seus irmãos e irmãs. Dezenas de *Unfallen* também viviam ali, servindo do Grim Reaper em troca de um lugar seguro para viver e trabalhar. Como *Unfallen*, eles não tinham mais asas, poderes ou acesso ao Céu, mas também não estavam totalmente caídos. Seu status os deixavam em um perigoso estado de limbo, impotentes contra demônios e outros anjos caídos que se divertiam em arrastar *Unfallens* para o reino demônio chamado *Sheoul*, conhecido conhecido pelas pessoas normais como Inferno. Como o amigo de seu irmão Hawkyn, Cipher, gostava de dizer: — Você ganha poderes legais... mas perde completamente sua alma.

E qualquer chance de redenção.

Mas alguns anjos Verdadeiros Caídos não eram idiotas completos, e alguns trabalhavam aqui em *Sheoul*-gra também.

Antes de vir morar aqui no ano passado, ela não conseguia imaginar que o domínio de seu pai pudesse ser tão bonito e, aparentemente, esse nem sempre foi o caso. Seu casamento com

um anjo celestial há alguns anos transformou não apenas ele, mas seu próprio reino.

Agora, em vez de folhagens mortas e enegrecidas que devoravam pessoas, havia grama exuberante e árvores vibrantes. Em vez de fontes de sangue, havia lagos e riachos límpidos e fontes com água cintilante. E em vez de ruínas cobertas de fuligem, havia dormitórios, academias, lanchonetes e bibliotecas.

Inalando ar perfumado por papoulas gigantes importadas da região de *Horum Sheoulla*, ela percorreu um caminho desgastado que levava aos aposentos dos *Memitim*, na esperança de encontrar seu irmão Hawkyn e Cipher. Hawk era seu mentor desde que ela foi arrancada de sua vida humana há pouco mais de cinquenta anos, e ela confiava nele mais do que em qualquer outra pessoa. Cipher, como um *unfallen*, pagava por seu quarto e alimentação, fornecendo valiosos serviços de tecnologia. Onde um fosse encontrado, o outro geralmente estava por perto.

Embora agora que Hawk tinha uma companheira e um bebê a caminho, ele passava

menos tempo com Cipher do que costumava.

Felizmente ela viu suas cabeças loiras do lado de fora, no Commons, perto dos dormitórios, sentados em uma das grandes mesas de pedra e bancadas. Cipher estava debruçado sobre seu notebook, seu cabelo comprido obscurecendo seu rosto bonito, seus dedos batendo no teclado com velocidade impressionante, e Hawk estava amaldiçoando como uma tempestade.

— Ei pessoal. O que está acontecendo?

Hawkyn gesticulou para Cipher.

— Ele está desenvolvendo um banco de dados de todos os irmãos e irmãs não despertos para que possamos começar a trazê-los para cá em algum tipo de ordem.

Ela lembrava-se de seus dias como um anjo não desperto, pensando que ela era humana, vivendo no mundo humano com uma maravilhosa família humana, e seu coração bateu com carinho. Ela foi uma das poucas, talvez a única *Memitim* a ter uma vida decente. O resto de seus irmãos, milhares deles, nascidos ao longo de vários milênios, cresceram nas piores condições imagináveis. Foi designado –

mães anjos dando-os para serem criados no mundo humano, para que entendessem as dificuldades e a humanidade.

Suzanne teve sorte, e isso aqueceu seu coração ao saber que, graças a seu pai e Hawkyn, todas as crianças com menos de vinte anos de idade que viviam no mundo humano seriam trazidas para cá, para serem criadas entre sua verdadeira família.

— Tudo bem, — ela disse, — o banco de dados parece ótimo. Então qual é o problema?

Hawkyn rosnou baixinho.

— O Conselho *Memitim*, que supostamente nos forneceu os registros, não entregou todos eles. Eu estimaria que há cerca de quinhentos desaparecidos.

— Fora de...?

— Aproximadamente um mil, cento e sessenta e três. — Cipher falou enquanto ele digitava, não olhando para cima da tela. — Teria sido mais se Azagoth não tivesse começado a hesitar em brincar de papai um tempo atrás. E não há ninguém com menos de quatro anos, o que coincide com o momento em que ele se casou com Lilliana.

— Bem, me avise quando os pequenos começarem a chegar. Vou montar alguns planos de refeições para crianças. Ela mordeu o lábio inferior por um segundo, hesitante em interromper... mas isso era importante. — Vocês estão muito ocupados para me ajudar por um minuto?

Cipher apenas arqueou uma sobrancelha, mas em um instante Hawkyn ligou o interruptor no modo irmão superprotetor.

— O que, mana?

Ela afundou ao lado de Cipher no banco antes de perceber que suas pernas ainda estavam um pouco instáveis pelo encontro com o demônio.

— Que tipo de demônio tem cerca de três metros e meio de altura, tem chifres, cascos, um grande manto de pelo preto ao redor dos ombros e pode fazer ataques psíquicos? — Bem, o cara também carregava uma enorme espada com uma lâmina de dois metros. — Oh, e ele pode tomar forma humana.

— Eu nunca vi nada parecido, — disse Hawkyn. — Você tem certeza que ele fez um ataque psíquico? Seu *Primori* foi a vítima?

— Sim, para ambos.

— Ele está bem, certo? — Hawk apoiou os cotovelos na mesa de piquenique e se inclinou para ela. — Qual o nome dele? Declan?

Hawkyn sabia o nome de Declan, mas por alguma razão seu irmão estava constantemente tentando se distanciar, como se isso também a distanciasse de Declan. Ele se preocupava demais.

— Ele está sendo atendido. Eu o verificarei depois que eu terminar aqui. — Ela se virou para Cipher, que ainda estava digitando em seu computador. — Você já ouviu falar de um demônio como esse?

— Não, mas estou verificando os bancos de dados angélicos e da Baradocian agora. — Ele olhou para a tela. — O demônio parecia um sapo com chifres? — Ao balançar da cabeça, ele tentou de novo. — Tem espinhos? — Outro balançar. — Ele vomitou muco de uma coisa esfinteriana no queixo?

— Eca, e felizmente não.

Duas aves de rapina se chocaram no infinito céu cinza-azulado, mas Cipher não piscou. Uma vez que ele estava concentrado no computador,

ela duvidava que até mesmo uma mulher nua pudesse afastá-lo. Bem, talvez Flail pudesse. A pervertida Verdadeiro Caído andava por *Sheoulgra* por alguns meses, trazendo recados para Azagoth. Cipher afirmou que tudo o que eles fizeram foi “jogar” juntos.

Uh-huh... uma sereia com pouca roupa como Flail e um macho gostoso como Cipher não ficavam sentados jogando videogame. Suzanne podia ser virgem, mas ela tinha setenta e cinco anos de idade e estava e sabia das coisas. Além disso, ela aprendeu muito com *Cosmopolitan* e *Sex and the City*.

— O demônio estava cercado de luz? — perguntou Cipher.

Finalmente! Ela endireitou-se.

— Sim.

Ele girou o notebook ao redor. — Este é o seu demônio?

A imagem na tela, um desenho feito com carvão, estava quase acabado, e ela realmente estremeceu.

— Esse é o desgraçado feio.

— O que é? — Hawk perguntou.

Cipher empurrou o computador de volta

para ele.

— De acordo com a classificação de Baradoc, é um Siecher. — Ele fez uma careta. — É cinco na *Ufelskala*. Extremamente perigoso, é impossível negociar com ele e carrega ressentimentos até o túmulo. Cruze com um destes, e ele procurará vingança até que você e o último de sua linhagem estejam mortos. É um grande fã de abater amigos e vizinhos também.

— Oops. — Ela estremeceu, lembrando suas palavras para ela. *Entre no meu caminho de novo, e eu vou me divertir até que você e todos os seus parentes não sejam nada além de bonecos de carne quebrados.* — Eles atacam por qualquer outro motivo que não a vingança?

Um dos grandes ombros de Cipher rolou em um encolher de ombros preguiçoso.

— Eles são carnívoros, mas, de acordo com isso, eles geralmente não atacam humanos, e raramente deixam o reino dos demônios.

Se isso fosse verdade, por que teria atacado Declan? Ugh. Mistérios. Ela os odiava. Ela nunca foi paciente o suficiente para isso. Era por isso que ela gostava de cozinhar. Receitas raramente a faziam adivinhar.

— Então, como você mata essas coisas?

Cipher rolou pela tela e soltou uma maldição frustrada.

— Não diz. Só que eles são difíceis de ferir.

— Isso certamente é verdade, — ela murmurou.

— Você lutou contra isso? — o tom agudo de Hawkyn significava que sua natureza superprotetora estava vindo a tona. Ótimo. Ele era irritante quando da uma de papai urso. Seu filho ia odiar a vida.

— Não por muito tempo, — ela assegurou a ele. — Acho que minha presença o assustou. Eu não me machuquei muito.

— Ele usou um ataque psíquico em você?

— Não. Ele usou espadas antiquadas e alguns chutes fortes com seus cascos. Minhas costelas vão doer por uma semana. Ela esfregou as costelas e estremeceu. — Ah, e seu ataque psíquico a Declan não acionou meu alarme *Primori*.

Hawkyn franziu a testa.

— Isso é ruim.

— Você acha? — mesmo agora ela estava se sentindo ansiosa com a necessidade de verificar

Declan. Se ela não estivesse percebendo que ele estava em perigo, ele já poderia estar morto por outro ataque demoníaco. — Eu não sei se isso é resultado do meu *heraldi* estar com defeito ou se esse demônio em particular não aciona o alarme.

— Cara. — Cipher soltou um assobio baixo. — O que você vai fazer? Vigia-lo de segunda a segunda?

A ideia de passar cada minuto do tempo com Declan a encheu com uma sensação quente e líquida que era, sem dúvida, proibida. *Memitim* deveriam ser robôs sem emoções que faziam o trabalho deles, não faziam perguntas ou se envolviam com as acusações. Quebrar essa regra, muitas vezes resultava em punição sob a forma de mais anos de serviço ou mesmo ser expulso do programa *Memitim*... o que significava que eles não poderiam ascender ao céu para se tornar um anjo cheio com asas.

— Eu posso convocar o Conselho, — disse Hawkyn. — Certificar de que você não seja designada a outro *Primori* até que isso seja resolvido. — *Memitins* costumavam ter pelo menos uma década com apenas um único

Primori, mas o Conselho teme a escassez de *Memitins* no futuro até que os anjos Celestiais comecem a dar à luz filhos com nossas competências e habilidades.

Oh, como ela amava seu irmão. Sim, ela tinha milhares de irmãos, todos produtos de seu pai, da união de Azagoth com anjos celestiais, com o propósito de criar a classe *Memitins*. Azagoth tinha parado de fazer *Memitins* quando ele levou Lilliana como companheira, então o Céu decidiu permitir que qualquer anjo desse à luz crianças *Memitins*. O que significava que ela não teria mais irmãos e irmãs até que Azagoth e Lilliana tivessem filhos. Nada demais, os que ela conhecia, ela amava. Especialmente Hawk, que estava lá quase desde o momento em que ela descobriu a verdade sobre o que ela realmente era. Ela definitivamente aceitaria sua oferta.

— Isso seria útil. — Seria apenas a sorte dela receber mais *Primoris* quando precisasse gastar todo o seu tempo com apenas um. — Você acha que eles vão fazer isso?

— Normalmente, não. Mas estas são circunstâncias especiais.

— Ok, então ter Declan como meu único

encargo fará com que ficar de olho nele seja mais fácil, mas, realisticamente, eu não posso simplesmente ficar no santuário ou nos lugares que ele frequenta o tempo todo. Seus colegas de trabalho e amigos provavelmente já acham que sou uma perseguidora. Vou precisar de uma desculpa para estar perto dele.

Cipher olhou do computador.

— O que ele faz para viver?

— Ele é um especialista em segurança e guarda-costas... — Ela parou quando a solução óbvia surgiu em sua cabeça. Então ela sorriu. — Vou precisar de uma casa D'Angelo, de preferência no Texas, onde ele trabalha, e uma história.

— Uau, agora, — disse Hawk, levantando as mãos. — Desacelere. Eu não sei se inserir-se na vida de Declan é uma boa ideia.

Mas Cipher já estava agindo, seus dedos tocando loucamente no teclado.

— Há três casas D'Angelo disponíveis no Texas. Uma é usada como uma casa de crack em Houston, uma fica em um bairro de classe média em Austin, e... — Ele deu um sinal de positivo. — A terceira é uma mansão em Dallas.

Perfeito para quem precisa contratar um guarda-costas.

— Legal. — Dallas funcionava, dado que Declan vivia na cidade. — Você vai trabalhar no meu passado e colocar as rodas em movimento?

— Você entendeu. Me dê quarenta e oito horas.

Hawkyn sacudiu a cabeça devagar.

— Você sabe que os anjos celestiais não gostam de compartilhar sua rede D'Angelo com os humildes *Memitins*. Eles podem não deixar você assumir uma das propriedades ou usar o nome da cobertura para configurar uma vida falsa.

— Pfft. — Cipher passou os dedos sobre o touchpad do notebook. — Eles não se importam. Permite-lhes mostrar aos humildes *Memitins* quanto melhor é ser um anjo real.

Hawkyn lançou um olhar aborrecido para seu amigo, mas não ficou claro se ele estava irritado por Cipher não estar ajudando ele a vencer a discussão ou se ele estava aborrecido por Cipher chamar os anjos celestiais de “reais” e insinuando que *Memitins* eram falsos anjos.

— Não gosto disso. — Hawkyn rosnou.

Claro que ele não gostava. Hawkyn não gostava de nada que exigisse que ela passasse tempo abertamente no reino humano. Os *Memitins* deveriam vigiar suas cargas da invisibilidade e segurança do *shroud* e interagir com os humanos o mínimo possível. O que ela estava planejando iria imergi-la no mundo não só dos humanos, mas também do seu *Primori*.

— É a única maneira de protegê-lo dos ataques psíquicos, — ressaltou.

— É também a maneira perfeita para você chegar muito perto dele, Suz. Você já interagiu mais do que deveria com as pessoas ao seu redor e está mais apaixonada por ele do que deveria.

Cipher bufou.

— Diz o cara que se apaixonou pela pessoa que ele estava protegendo.

— Isso é diferente, — protestou Hawkyn. — Aurora não era minha *Primori*.

Suzanne revirou os olhos.

— Sim, sim, tanto faz. Ficarão tudo bem. Além disso, — ela disse com uma piscadela que nunca deixou de desarmar Hawk, — meu irmão favorito está no Conselho *Memitim*.

Ele deu a ela um olhar “eu sei o que você está fazendo”.

— Tecnicamente não estou no conselho.

— Você é a ligação entre o Conselho e o resto de nós. Tenho fé que você pode me manter longe de problemas.

Hawkyn passou a mão pelo rosto como se tentasse esfregar sua frustração.

— Ei, eu tenho uma ideia maluca. Que tal você se manter longe de problemas? Isso seria bom.

Ela riu. Ela nunca se meteu em problemas e ele sabia disso. Ela poderia fazer esse trabalho e sair ilesa.

Mas, mesmo quando esse pensamento passou por sua cabeça, uma pequena dúvida lançou uma sombra. Seus sentimentos por Declan provavelmente já eram inadequados para o tipo de relacionamento que eles tinham, que não era nenhum. Foi tudo unilateral porque ele mal sabia que ela existia. E ele acreditava que ela era humana.

E a coisa era, tinha que ficar desse jeito. Um romance entre *Memitim* e *Primori* era além de proibido. E enquanto, ao longo de muitos

milhares de anos, vários *Memitim* não conseguiram proteger seu primeiro *Primori*, nenhum deles se apaixonou por eles.

Suzanne já se apaixonou pelo dela. A questão agora era o que ela deveria fazer sobre isso.

Capítulo 2

— O médico diz que estou bem, — Declan rosnou ao telefone pela terceira vez nos três minutos que ele estava falando com Tag. — ligar esta manhã para discutir isso é besteira. Eu poderia estar me preparando para o meu voo hoje à noite. — Na verdade, ele estava tão preparado quanto podia, mas Tag não precisava saber disso. Ele puxou seu Rover para dentro da garagem e estacionou em uma vaga. — Olha, eu estou nos escritórios. Estarei aí em cinco minutos e você pode ver por si mesmo que eu não estou as portas da morte e que isso foi uma perda de tempo.

Não esperou por uma resposta. Terminou a ligação, enfiou o telefone no bolso e dirigiu-se ao prédio. Seu amigo, Steve Barry, segurou a porta aberta para ele, enquanto Declan dirigia-se para dentro.

— É bom ver você de pé, — ele disse, parecendo divertido demais. — Seu rosto plantado na calçada é a fofoca do dia.

Claro que é.

— As pessoas que trabalham aqui estão doloridos de tanto fazer sexo, mas eu sou o tópico do dia?

— É um sinal. — As chaves do carro de Steve e uma série de pen drives e cartões-chave soaram enquanto ele girava em torno do dedo. Como o novo cara no escritório, ele sempre estava levando seu trabalho com Hutch do departamento de TI da McKay-Taggart com ele.

— Um sinal de quê?

— Que você precisa fazer mais sexo. Se machucar corretamente. — Steve saiu pela porta, mas parou. — Falando em se machucar, ainda vamos pular de paraquedas no próximo mês?

— Sim. Eu sentiria falta de ver você mijar nas calças novamente.

Steve jurou.

— Aquilo era cerveja, idiota.

Declan riu.

— Sim, Sim. Até logo.

Murmurando para si mesmo, Steve se afastou e Declan entrou no elevador. No momento em que ele saiu no último andar, Case Taggart e Michael Malone mudaram de rumo e entraram com ele.

Porra.

— Ei, cara, — Case disse. Ouvi dizer que você teve uma cabeçada ontem à noite. Você está bem?

Declan amaldiçoou.

— Para uma equipe de profissionais, ninguém aqui pode manter suas malditas bocas fechadas.

— Avery diz que fofocamos como um bando de garotas adolescentes, — Liam O'Donnell gritou enquanto passava, seu olhar colado a uma pilha de papéis em sua mão.

— Isso é ótimo, — Declan murmurou enquanto empurrava entre Case e Michael. — E estou bem. Apenas um pouco desidratado.

Case deu um tapinha no seu ombro ao passar por ele.

— Que bom que você não está morto ou com problemas cerebrais.

— Obrigado, cara. Você é um amor. —

Declan escapou dos dois, afastou mais dois simpatizantes e desordeiros, e finalmente chegou no escritório de Tag.

Que acabou por ser ainda pior. Tag nem disse olá. Apenas lançou-se em um discurso.

— Eu conversei com o médico, — disse Tag de onde ele estava sentado atrás de sua mesa. — Você não está bem.

— Eu estou bem, — disse Declan quando sentou em frente ao seu chefe. — O médico disse que não conseguiu encontrar nada de errado. — Claro, Declan não perguntou ao médico se havia algo errado com a tatuagem. Ele desistiu de tentar obter uma resposta para a pergunta — *Por que diabos essa coisa parece viva?*

— Isso não significa que não há problema. As pessoas não desmaiam na calçada sem motivo.

— Desidratação é um motivo.

Tag levantou as mãos frustrado.

— Não desse jeito. Você só tem desidratação leve.

— Então eu preciso beber mais cerveja. E daí?

Tag resmungou algumas coisas em voz baixa que não soaram muito elogiosas. As palavras “fodido idiota” surgiram muitas vezes.

— Estou tirando você do trabalho na Argentina.

— O quê? — Declan levantou-se. — Eu disse que não queria ir para D.C.

— Você não pegará esse trabalho também. Eu acho que você deveria ir com calma. Ficar perto de casa. Só por um tempo.

— Isso é besteira, — Declan retrucou. — Eu me ofereci para a missão na selva porque ninguém mais queria, e agora alguém vai se ferrar.

— Você sabe que estou certo, Dec, — disse Tag. — E você tomaria a mesma decisão se estivesse no meu lugar.

Sim, ele tomaria. Alguém que desmaiou sem motivo – a desidratação era um motivo – não pertencia a uma selva abandonada por Deus, onde os cuidados médicos eram escassos e onde ele poderia colocar em risco a missão. Como um ex-paramédico da Força Aérea, Declan sabia mais do que a maioria sobre a natureza séria das questões médicas no meio do nada.

Mas, caramba, Dec gostava de desafios. Ele gostava de ficar sozinho e gostava de não responder a ninguém. Resolver os grandes problemas sozinho era o que ele praticava e o que ele fazia desde que tinha idade suficiente para decidir por si mesmo. A única diferença era que agora suas decisões eram menos autodestrutivas.

Na maioria das vezes.

— Olha, — Tag suspirou quando jogou uma pasta na mesa para ele. — Não estamos marginalizando você. Apenas mantendo você no local.

Declan pegou o arquivo, perguntando-se que tipo de atribuição idiota ele estava recebendo. Ele gemeu quando ele leu. Sim, idiota.

— Então, eu estou de babá.

Tag bufou.

— Você não é babá. A cliente, Suzanne D'Angelo, tem um perseguidor, e ela precisa de um guarda-costas de segunda a segunda por um tempo.

Declan olhou para o arquivo.

— Diz que ela nunca foi à polícia.

— Ela não acha que eles vão acreditar nela.

Havia bandeiras vermelhas por toda aquela merda.

— Você acredita nela?

— Não importa. Mesmo se tudo o que ela quer é um guarda-costas para protegê-la das moscas domésticas, contanto que ela esteja disposta a pagar o preço por um único agente, vinte e quatro por dia, sete dias da semana, ela recebe um mata-moscas humano. — Ele se recostou na cadeira. — Mas para seu registro, não tenho nenhuma razão para pensar que ela está inventar um ex ciumento ou alguma porcaria.

Declan esteve nessa situação uma vez. A garota alegou ter um perseguidor, mas ela o tratou como um acompanhante masculino até que ele a confrontou. Ela confessou que só queria deixar seu ex ciumento, e quando ele perguntou por que ela não tinha apenas contratado um acompanhante masculino em vez de um guarda-costas profissional, ela alegou sentir-se “repugnante” sobre contratar alguém que namorava mulheres por dinheiro. Mas, no entanto, ela estava tentando manipular seu ex

com uma mentira.

Engraçado, ele achou isso muito mais “repugnante”.

Ele suspirou, resignando-se a ser uma babá.

— Quando eu começo?

— Amanhã à tarde. Pacote por um mês, vestiário vai ser jeans e uma camiseta casual. Tag olhou para o relógio. — Se você sair do meu escritório nos próximos dez minutos, você pode pegar Charlie e ela pode configurar sua conta de despesas para esta tarefa antes de sair para o almoço.

Porra.

— Quanto tempo vai durar o trabalho?

— É aberto. Normalmente, eu gosto de ter um prazo dos clientes, mas ela é de uma família muito rica e poderosa e está pagando mais para ter apenas uma pessoa como guarda, então... — Ele deu de ombros. — Oh, e eu deveria te dizer que ela pediu por você especificamente.

Ele franziu a testa e olhou seu nome e informações novamente. Não reconhecia nada disso. Bem, ele conhecia o nome D'Angelo. Quem não conhecia? A família reclusa e sua

enorme riqueza foram o tema de muitas teorias conspiratórias malucas. De acordo com muitos dos jornalecos mais estranhos, os D'Angelos tinham seus dedos na política e nos governos todo o mundo, eles poderiam ser alienígenas, e era inteiramente possível que eles fossem imortais.

As pessoas eram loucas.

— Por que eu?

— Eu não sei. — Ele girou o notebook e apertou um botão para iniciar um vídeo das câmeras de segurança do escritório. — Essa é ela.

Reconhecimento instantâneo.

Declan inalou lentamente, como se ele pudesse absorver o cheiro quente de açúcar mascavo que ele associava com a bela de cabelos ondulados desde a primeira vez que ele esbarrou nela.

— Ela é regular no Top e no café da rua. Ela parece conhecer Jules muito bem. Eu as vi conversando muito no restaurante.

— Quão bem você a conhece?

— A coisa mais íntima que eu sei sobre ela é que ela gosta de leite de coco gelado, mocha

macchiatos. 590ml. Dose dupla. E bolinhos. Ela pode comer em torno de cinco deles. Ela não pode pesar mais de cinquenta quilos. A coisa mais condenada que já vi.

Ah, e ela tinha um cheiro incrível. Muito, muito comestível.

As sobrancelhas de Tag subiram.

— Isso é muito detalhe para dizer que ela é viciada em café e come como um cavalo. Ou como Boomer.

— Sou observador, porra, — disse Declan, desafiando Tag a dizer o contrário. Dec tinha um olho para detalhes e um cérebro que registrava e arquivava minúcias com a eficiência de um computador, e Tag sabia disso. Foi por isso que ele o contratou. Bem, isso e o fato de que Dec tinha uma formação militar e não era desleixado em uma briga.

Mas não havia como Declan admitir que, neste caso, os instintos de Tag estavam certos. Declan tinha memorizado intencionalmente tudo sobre Suzanne, da juba de cachos grossos e escuros que ela usava em um rabo de cavalo, no alto da cabeça, puxada para trás com um prendedor, e solto para balançar em seus

ombros um milhão de vezes, seu físico curvilíneo e tonificado e olhos castanhos de claro.

— Então? — Tag arrastou. — Você está a bordo?

Assistir uma rica herdeira nunca lhe daria a satisfação que provavelmente encontraria na Argentina, e isso provavelmente seria mil vezes mais frustrante. Mas se ele não aceitasse o trabalho, Tag o colocaria em algum trabalho administrativo super entediante até que tivesse certeza de que Declan não cairia no meio de uma selva.

— Sim, — ele reclamou. — Eu vou fazer isso. Mas é melhor que haja um perseguidor.

Tag sorriu.

— Se isso fizer você se sentir melhor, pense nisso dessa maneira. Dallas nesta época do ano poderia muito bem ser a selva.

De alguma forma, isso não fez Declan se sentir melhor.

Em absoluto.

* * * *

Suzanne estava atrasada. Como sempre.

Mas desta vez não foi culpa dela. Ela saltou impacientemente na ponta dos pés e olhou para

o relógio. Ela estava tomando posse da casa dos anjos esta noite, o que lhe daria apenas dezoito horas para inspecionar o layout, aprender como todos os recursos de segurança funcionavam e basicamente fazer o lugar parecer que ela realmente morava lá.

Em vez disso, aqui estava ela perdendo tempo em *Sheoul-gra*, reunida com seus irmãos *Memitim* enquanto esperavam Azagoth terminar de falar. Sim, o que o pai deles planejava era importante, mas ela tinha um trabalho a fazer.

— Amanhã vamos receber o primeiro grupo de crianças *Memitim*. Estamos trazendo os mais velhos primeiro. Cipher e sua equipe atribuirá cada um a um mentor, e esses mentores ajudarão a estabelecê-los. Se vocês se oferecerem, precisará ver...

Azagoth continuou, mas ela realmente precisava sair de lá. Checou o relógio novamente. Merda.

— Suzanne? — a voz suave de seu pai, enganosamente tranquila, chamou com tanta autoridade que todos, incluindo os insetos e os pássaros, ficaram em silêncio. — Estou te deixando entediada?

— Claro que não, — ela disse apressadamente. — Eu, ah... — Ela parou quando sua irmã Temperance se materializou na pista de pouso a poucos metros de distância, sua roupa manchada de sangue, o rosto inchado, uma perna torcida em um ângulo impossível.

Antes que Suzanne pudesse reagir, antes que alguém pudesse reagir, Azagoth moveu-se em um raio, varrendo-a em seus braços enquanto ela desmaiava.

— É Meera, — ela gemeu. — Ela está morta. Seu *Primori* também. Eu tentei ajudar, mas havia muitos deles... me desculpe... sinto muito... — Ela caiu contra o peito largo de Azagoth, seu corpo quebrado sangrando. O único som que quebrou o silêncio opressivo foi o ruído de sua respiração lenta e ofegante.

Suzanne ficou ali, aturdida e oprimida, incapaz de processar isso. Meera tinha sido uma incrível guerreira sem nenhuma perda de *Primori* em seu registro. Ela era bruta, impetuosa e excitada como uma sucubus. Ela costumava dizer que sua energia sexual reprimida fazia dela uma máquina de matar. Com mais de mil e

duzentos anos de idade, Meera tinha certeza de que ela era devida para a Ascensão, e ela não podia esperar. A primeira coisa que ela faria, ela dizia a qualquer um que quisesse escutar, era que ela perderia a virgindade. A segunda coisa seria perdê-la novamente, só para ter certeza.

Ela era tão cheia de vida.

Como ela poderia estar morta?

Suzanne piscou para conter as lágrimas enquanto observava Azagoth embalar Temperance perto, os olhos fechados, a testa apoiada contra a dela. Suzanne não conhecia bem seu pai, só o conhecia há alguns anos, mas sabia que ele não era de mostrar emoção. Bem, ele mostrava sua raiva muito livremente, mas nada mais.

Pela primeira vez, ela o viu. Viu o anjo que ele tinha sido antes que ele voluntariamente perdesse suas asas para criar a prisão demoníaca conhecida como *Sheoul-gra*. O mal havia escurecido sua alma, mas Lilliana, sua companheira anjo, o havia trazido de volta, alisando suas bordas ásperas e acalmando a fera. Foi graças a Lilliana, Suz tinha certeza, que qualquer um deles foi capaz de testemunhar a

tristeza crua em sua expressão e a ternura na maneira como ele segurava sua filha.

Enquanto o choque passava pela multidão, um zumbido baixo se elevou, e então Darien, seu curador residente, abriu caminho até a frente e correu para Azagoth.

— Pai, — ele disse em uma voz suave, mas trêmula, que alguém poderia usar enquanto tentava tirar um bife de um cão infernal, — eu vou levá-la.

Assentindo entorpecidamente, Azagoth a entregou, e quando Darien foi para sua pequena clínica, Azagoth voltou para o grupo.

— Nós vamos terminar isso mais tarde. — Ele caminhou em direção a sua mansão, um manto sombrio em torno dele como uma mortalha.

Hawkyn apareceu ao lado de Suzanne, acompanhado por um meio-irmão de cabelos escuros, Journey.

— Droga, — Hawk respirou. — Eu não posso acreditar. Pensei que Meera fosse invencível.

Suzanne engoliu em seco.

— Eu também.

Journey mexia com um dos piercings em suas orelhas.

— Ela estava tão perto da Ascensão. Eu não a conhecia bem, mas ela sempre foi legal comigo.

Meera sempre foi apenas... legal. Sobre tudo. Mas ela estava nervosa ultimamente, cansada das regras restritivas dos *Memitins*, querendo experimentar todas as coisas que eram proibidas. Agora ela nunca as experimentaria.

— Hawk?

— Sim?

Suzanne afastou uma lágrima.

— Como o Conselho sabe se quebramos regras ou fazemos algo ruim?

— Por quê? — ele estreitou os olhos para ela. — O que você fez?

— Nada, — ela disse rapidamente. — Eu juro.

Ele exalou devagar, como se tentasse decidir o quanto dizer a ela.

— *Memitins* não são monitorados. Geralmente não, de qualquer maneira. Se o Conselho descobrir algo sobre o que fizemos,

provavelmente é porque um de nossos irmãos ou irmãs nos denunciou. — Essa última parte saiu em um grunhido porque ser denunciado foi exatamente o que aconteceu com Hawk recentemente. — Também devemos confessar nossos pecados diante do Conselho quando ascendermos. Por que você pergunta?

Porque Suz não queria acabar como Meera, morta antes de ter experimentado a vida.

— Eu só lembro de Meera estar tentada a quebrar as regras, mas ela estava paranoica em ser vigiada. Eu percebi que desde que você faz parte do Conselho, você saberia se a paranoia dela era justificada. — Ela balançou a cabeça. — Eu odeio que Meera morreu assim quando algumas das restrições foram soltas.

Algumas, mas não todas. E esses foram graças às recentes demandas de Azagoth e à influência de Hawkyn como a ligação entre o *Memitim* terrestre e o Conselho.

Hawkyn a olhou com ceticismo.

— Não faça nada estúpido, irmã.

— *Moi?* — ela bateu os olhos para ele em falsa inocência. — Nunca.

— Quero dizer. Você está se preparando

para muita tentação, trazendo seu *Primori* sob o mesmo teto com você.

— Ela o quê? — Journey perguntou.

Ela acenou com a mão. — Não é nada pessoal. Apenas fazendo o meu trabalho.

— Suzanne, — Hawkyn disse em voz baixa que gotejou com aviso. — Seja cuidadosa. Eu vou checar você.

— Ugh. — Seu filho não iria apenas odiar a vida, ia passar sua infância olhando por cima do ombro para o pai superprotetor. — Por que você não ascendeu como um *Memitim* normal quando o seu tempo acabou?

Ela estava brincando e Hawk sabia disso. A ascensão era o objetivo de todo *Memitim*, mas tinha um custo, depois que você conseguisse suas asas, você não estava autorizado a ver seus irmãos terrestres até que eles ascendessem também. Então, não, ela estava feliz por Hawkyn ter sido elevado a uma posição de ligação, não um anjo totalmente emplumado, mas também não mais ligado à terra.

— Porque eles sabiam que alguém precisava ficar de olho em você, sua dor na bunda. — Ele estava brincando também, mas ela tinha que

admitir que ela realmente era uma dor na bunda. — Você precisa me ouvir. Fique longe de Declan.

Nisso, ele não estava brincando.

E ela não ia ouvir.

Capítulo 3

A mansão de Suzanne D'Angelo era exatamente o que Declan esperava depois de pesquisar os extensos acervos da enorme família D'Angelo. O lugar era terrivelmente enorme, com paisagens bem cuidadas visíveis entre as seções de cercas de ferro e paredes de tijolos. Acres de gramado exuberante estendiam-se por toda parte e ele apostava suas bolas de que haveria uma casa de hóspedes e uma piscina nos fundos. Inferno, ele não ficaria surpreso em ver um heliporto também.

Parecia como a casa de todos os ricos parecia. Casa do seu avô. Casa do seu pai. Não que ele tenha visto a casa do velho frequentemente. Não se podia ter seu filho ilegítimo e inconveniente, a menos que a esposa e os filhos legítimos tivessem saído, afinal de contas.

Declan parou seu Rover bem perto do

portão, seu intestino se agitando, suas mãos não tão firmes quanto ele gostaria. Jesus. Ele esteve longe desse tipo de vida por treze anos e ainda não conseguia abalar as memórias ruins ou os sentimentos de vergonha e inadequação que se apossavam dele quando ele se via na presença de grande riqueza. Não era que ele tivesse vergonha de não ser um bilionário e viver em uma mansão. Não, o que criou raízes na barriga dele foi a rejeição. Humilhação. A sensação de ser dito que você não era nada se você não tivesse dinheiro, criação e uma educação da Ivy League.

Logicamente, Declan sabia que ele não era nada. Ele passou por um dos programas de treinamento militar mais difíceis e exigentes do país. Salvou vidas. Era determinado, engenhoso e capaz. Ele estava mais do que pronto para lidar com qualquer coisa, desde uma queda de avião até um desastre natural catastrófico. Ele gostaria de ver qualquer um desses fodido da Ivy League sobreviver a um apocalipse zumbi. Ou até mesmo um dia na selva.

Então não, Dec não era nada. Mas as lembranças da infância eram uma puta, tão

gravadas na alma que eram impossíveis de se desfazer, mesmo com memórias melhores.

Este trabalho seria irritante.

Ele olhou para além do portão, imaginando se a sra. D'Angelo tinha cachorros. Ele gostava de cachorros. Mas ele não gostava dos dobermanns de seu pai, que ele havia incitado em Declan uma vez. Dec tinha doze anos, sozinho no Dia de Ação de Graças porque sua mãe estava participando de algum evento político, seus avós maternos não se incomodavam em levar o neto ilegítimo para os Hamptons, e tudo o que ele queria era ver como a família de seu pai celebrava. Ele nunca descobriu, porque os cachorros foram incitados nele antes de ele ter atravessado metade do pátio.

Até hoje, o tornozelo direito machucado o incomodava quando chovia.

Amaldiçoando a lembrança inútil, ele checou o ambiente por hábito e discou para Jules.

— Ei, — ele disse quando ela respondeu. — É Declan novamente.

— Oi, Dec. O que posso fazer por você?

— Eu só queria ver se você lembra de alguma coisa sobre Suzanne que poderia ser útil. — Jules gritou algo sobre cenouras e cebolas para alguém próximo, e Declan estremeceu. — Desculpa. Eu não sabia que você estava no restaurante hoje.

— Não se preocupe, — ela disse. — Estamos fazendo o trabalho de preparação e estamos adiantados. — Ela suspirou. — Ok, Suzanne... Como eu disse, ela é muito legal. Apenas estranha às vezes.

Não era todo mundo? Ainda assim, detalhes específicos podem ser bons.

— Estranha? — ele perguntou. — Como?

— Ela tem um jeito de fazer você falar e às vezes ela parece muito mais velha do que realmente é. E ela faz muitas perguntas pessoais. — Ela fez uma pausa. — Mas eu não acho que é porque ela é intrometida. Eu acho que ela só gosta de ajudar as pessoas. Isso vai deixá-lo louco.

Sim, iria. Declan era muito privado, e a última coisa que ele queria fazer era responder a um monte de perguntas intrometidas sobre sua vida. Quando ele estava com alguém, um

cliente, um encontro, um colega de trabalho, ele gostava de manter as coisas leves e impessoais. Nem mesmo Steve, que era seu melhor amigo, realmente sabia muita coisa sobre ele.

— Oh, e Declan?

— Sim?

Jules hesitou.

— Apenas... seja legal.

Seja legal?

— O que diabos você acha que eu vou fazer com ela?

Ela riu um pouco.

— Querido, você pode ser um pouco intimidante. Eu sei que você é um cara legal, mas Suzanne tem um perseguidor, o que significa que ela provavelmente já está se sentindo vulnerável. Não a assuste.

Ok, claro, ele entendeu isso. Mas também percebeu que Suzanne tinha sorte de ter o dinheiro para se proteger dos infortúnios. A maioria das mulheres não tinha esse luxo, então ele não iria chorar muito sobre suas circunstâncias.

— Mais uma coisa, — disse Jules. — Uma de nossas garçonetes perguntou se você é

solteiro. Eu não sabia o que dizer a ela.

Ele tinha a sensação de que ele sabia quem era.

— Kelly? A morena que flerta comigo quando eu entro?

— Essa é a única. Ela te despe com os olhos toda vez que te vê. Ela adoraria despir você com as mãos.

Por mais tentador que fosse se relacionar com Kelly, ele sabia que isso era tudo, uma conexão, e há muito tempo ele aprendeu a não amar e deixar qualquer um cuidar de sua comida. Ou suas atribuições. Ou qualquer coisa na sua vida.

— Diga a ela que eu não estou no mercado agora.

— Você entendeu. Ligue se precisar de mais alguma coisa.

— Obrigado, — ele disse. — Mas é melhor eu parar de ligar ou Javier vai chutar a minha bunda.

Ela riu.

— Eu posso lidar com Javi. Você só cuida de si e de Suzanne. Ela come seu peso em sobremesas toda vez que entra aqui e não

podemos perder esse negócio negócios.

Foi a vez de Dec rir. Ele viu Suzanne pedir comida, e era um espetáculo para ser visto. Especialmente quando sua língua escorregava entre os lábios cheios para pegar um gole de suco de morango ou um fio de molho de caramelo.

— Obrigado, Jules. Eu tenho isso coberto. Até mais.

Ele desligou e colocou o Rover em marcha.

* * * *

Suzanne não lembrava-se da última vez que esteve tão nervosa. Nem mesmo lutar com demônios era tão estressante quanto fingir ser alguém que você não era em uma casa que não era sua enquanto esperava para conhecer formalmente o homem que você contratou para protegê-la, quando na verdade era o contrário.

Acrescente o fato de que ela estava um pouco apaixonada pelo homem, e estava tremendo como se tivesse consumido algumas dúzias de leite de coco gelado com mocha macchiatos em questão de minutos.

Que Meera morreu apenas vinte e quatro horas atrás também não estava ajudando. Para piorar as coisas, Journey telefonou esta manhã para lhe dizer que Meera e seu *Primori* foram mortos por anjos caídos... assim como o que aconteceu com seu irmão Maximus um mês atrás e seu irmão Gregorio dois meses antes disso.

Estava começando a parecer que alguém estava caçando *Memitins* ou *Primoris*, ou ambos.

— Declan está passando pelo portão.

Grata pela distração de seus pensamentos deprimentes, Suzanne virou-se para outra irmã, Sechseyrna, que se oferecera como governanta. Vários de seus irmãos *Memitim* estavam assumindo papéis para este trabalho, ansiosos para fazer qualquer coisa além de treinar em *Sheoul-gra* quando eles não estavam ativamente protegendo seus *Primoris*. Ela tinha a sensação, no entanto, de que Hawkyn lhes dissera para ficar de olho nela também.

Como se Suzanne não pudesse cuidar de si mesma. Ela tinha setenta e cinco anos de idade, ela matou vários demônios, supervisionada, durante as sessões de treinamento, e ela

treinava sem parar por mais de cinquenta desses anos. Ela não precisava de nenhuma maldita babá.

Até mesmo Cipher apontou para ela quando ela contou a Hawkyn exatamente isso. Então Cipher deu a ela o histórico e a história pessoal mais insultante de todos os tempos. Mas ela poderia trabalhar com isso. Ela sempre foi uma borboleta social, então fingir ser uma socialite insípida na família D'Angelo, que não tem nada a fazer além de administrar sua herança, não seria tão difícil de conseguir.

Ela praticou hoje cedo, enquanto fazia compras de roupas nas lojas mais sofisticadas que encontrou em Chicago, Paris, Milão e Los Angeles, graças à conta de despesas ilimitadas da rede D'Angelo. *Memitins* tinham acesso a um generoso salário se eles precisassem, mas haveria muitas perguntas se ela gastasse milhares de dólares em roupas e joias.

— Ele deve estar na porta a qualquer segundo, — disse Suzanne, soando um pouco ofegante até para seus próprios ouvidos.

Sua irmã estalou a língua. — Eu ainda acho que você deveria pelo menos estar usando

roupas. Que tipo de impressão você está tentando usando... isso?

Uma sedutora. Em todas as vezes que ela tinha visto Declan no Top ou no café, ele mal reconheceu sua existência. Com certeza, ela o observava de longe para cumprir as regras *Memitins*. Inferno, ela passou quase toda a sua vida sendo imperceptível para os humanos, e ela estava cansada disso. Ele ia notá-la, caramba.

— É chamado de maiô, — Suzanne bufou.

— Algumas pessoas chamam de lingerie.

— Sim? Bem, essas pessoas nasceram claramente há centenas de anos, quando as mulheres não conseguiam mostrar os tornozelos.

Sechseyrna fungou e colocou uma mecha de cabelo louro que escapou de volta em seu coque limpo.

— Há algo a ser dito sobre deixar algumas coisas para a imaginação. — Ela varreu Suzanne com seu olhar de desaprovação, seus olhos azul-violeta brilhando por trás dos grandes e glamorosos óculos que ela insistiu em usar como parte de seu traje, que Suzanne descrevia como “assistente de laboratório

reprimida”. — Você não deixou nada. E como esse biquíni pode ser confortável? As costas são feitas com fio dental?

— Estou usando um robe.

Sua irmã deu-lhe um olhar plano.

— É tão transparente que posso ver seus ovários.

Suzanne olhou para o robe de gaze dourada que mal chegava ao meio da coxa.

— É chamado gaze. E combina com o maiô. E você tem visão de raio-x. Agora, se você só vai...

A campainha tocou e Suzanne quase saltou de sua pele, e do biquíni super minúsculo, que certamente seria reportado a Hawky. Tanto faz. Ela estava desempenhando um papel, e uma jovem socialite rica usaria isso totalmente.

Totalmente, ela mentalmente adicionou novamente, mantendo o personagem, é claro.

Sechseyna abriu a porta.

— Olá, Sr. Burke. — Ela fez um gesto de “entrar” com um floreio exagerado, jogando de empregada ao máximo. — Senhorita Suzanne esteve esperando por você.

Ele encheu a porta, sua expressão dura e

profissional, mas Suzanne ficou um pouco excitada com a maneira como seu olhar aguçado permaneceu, apenas por uma fração de segundo, no decote profundo realçado por seu maiô.

— D'Angelo, — ele disse demoradamente com aquela voz rica e melodiosa que ela estava obcecada desde o dia em que ele foi designado para ela no ano passado.

Sua língua estava tão seca que ficou presa no céu da boca e ela não conseguiu falar por alguns segundos embaraçosos.

Finalmente, ela conseguiu um pouco triste: — Por favor, me chame de Suzanne. — Ela gesticulou para sua irmã, de repente, ansiosa para se afastar dele para que ela pudesse recuperar a compostura. — Sexy irá mostrar-lhe o seu quarto e você se acomode.

— Desculpe-me? — ele olhou para Sechseyna. — Qual o seu nome novamente?

— Você ouviu direito, — disse Sexy com um sorriso. — É a abreviação de Sechseyna.

Suzanne assentiu.

— Era um nome popular quando ela nasceu.

— *Quando* ela nasceu?

Oops.

— Eu quis dizer onde, — ela disse com um movimento desconsiderado com a mão. — De qualquer forma, fique à vontade. Coloque um traje de banho se quiser e junte-se a mim na piscina.

Um olhar assustado atravessou seu rosto, mas desapareceu em um instante, habilmente escondido atrás de uma máscara de indiferença.

— Se é tudo a mesma coisa para você, eu acho que prefiro ir direto ao trabalho. Temos muitas coisas para conversar.

Deus bendito, ele parecia Hawky. Todo trabalho e nada de diversão.

— Como o quê?

— Quero passar por cima do que você espera de mim, e vou precisar de detalhes sobre seu perseguidor, sua agenda e preciso analisar suas medidas de segurança, incluindo câmeras de vídeo, alarmes, pontos de entrada vulneráveis. O perímetro da casa... coisas assim.

Ele era tão sério e profissional, e ela não tinha dúvidas de que ele era capaz de proteger humanos comuns de outros humanos normais.

Não era por isso que ele estava realmente aqui, mas ela tinha que jogar junto, então ela sorriu e assentiu.

— Vou ligar para meu assistente pessoal para ajudá-lo com as coisas de segurança, — ela disse. — Hawkyn deve estar aqui quando você voltar.

Sexy levantou uma sobrancelha para isso. Sem dúvida, Hawk ficaria super aborrecido por ser escolhido como seu assistente pessoal. Ele ficaria ainda mais irritado quando Suzanne o provocasse sobre isso.

A boca de Declan definiu em uma linha dura, pareceu em um sorriso educado, embora impessoal.

— Estou ansioso para conhecê-lo e trabalhar com você.

Com isso, ele seguiu Sechseyrna até a grande escadaria que levava a esquerda do quarto de Suzanne, e para uma ala da mansão que ela ainda não havia explorado à direita. Este lugar era enorme, de acordo com a enorme riqueza e extravagância da família “D'Angelo” que servia de cobertura para os anjos que operavam na Terra para influenciar o governo humano, o

entretenimento... basicamente qualquer coisa que eles sentissem que deveriam manipular.

Ela observou a bela bunda de Declan, envolta em jeans desbotados, enquanto ele subia as escadas, e então, com um suspiro satisfeito, ela foi para a piscina. Hawkyn chegou no momento em que ela se sentou em uma espreguiçadeira.

— Não se preocupe, — ele disse antes que ela pudesse perguntar: — Eu não pisquei. Entrei pelo portão e porta da frente. Imaginei que seu humano estava aqui.

Seu humano. Ela não podia deixar de gostar do som disso.

— E por tudo o que é desprezível e profano, o que você está vestindo?

Nossa, seus irmãos eram tão puritanos.

— Como expliquei para Sexy, é um biquini. Eu percebi que eles não tinham essas roupas para nadar quando você nasceu, mas elas são muito úteis. — Ela moveu uma alça de ombro que estava cavando. Aparentemente, biquínis sensuais não eram confortáveis. — A menos que você prefira que eu nade nua?

— Você está brincando com fogo, irmã, —

ele disse.

Ela só podia esperar.

— Tudo ficará bem, Declan é muito profissional. — Profissional demais, para dizer verdade.

Hawkyn amaldiçoou em voz baixa.

— Onde ele está?

— Ele está se instalando no quarto. — Ela ajustou sua saída de banho com um puxão autoconsciente. — Ele quer falar com você sobre a segurança e outras coisas.

— Por que eu?

— Eu disse a ele que você era meu assistente pessoal.

Ele atirou-lhe um olhar.

— Suz, eu lhe disse que não queria me envolver.

— Oh, isso é uma piada. Você tem o seu nariz no meu negócio o tempo todo. Você já está envolvido. Isso lhe dará uma desculpa.

— Você poderia apenas dizer a ele que eu sou seu irmão.

Ela tomou um gole da piña colada que tinha preparado no bar da piscina antes de Declan chegar.

— Não se encaixa com a história de fundo que Cipher criou. — Ela enxotou-o com a mão. — Agora vá falar com Declan sobre toda a porcaria que eu não deveria saber sobre nada. Eu sou uma herdeira borbulhante, afinal de contas.

— Como eu disse antes, você é uma dor na bunda, — ele murmurou assim que Declan apareceu.

— Oh, ei, — disse Hawkyn. — Você deve ser o Declan. Eu sou o... assistente de Suzanne. — A última palavra saiu entre os dentes cerrados, e ela teve que esconder um sorriso em seu copo.

Declan ofereceu a mão a Hawkyn e os dois homens balançaram as mãos. Não escapou a ela que Declan, um mero humano, não foi diminuído pela poderosa presença de Hawkyn. Essa era uma das razões pelas quais ela estava atraída por ele desde o começo. De certa forma, ele transcendeu a humanidade. Havia apenas algo... maior que a vida sobre ele, uma intensidade e força interior combinada com a confiança que faltava em muitos.

Alguma mulher teria muita sorte algum dia, e só de pensar dava azia a Suzanne. Mas isso

era um trauma para mais tarde.

Agora ela tinha que mantê-lo seguro para que ele pudesse fazer uma mulher sortuda.

Eu quero ser essa mulher.

Ela não podia ser, e sabia disso. Ela nasceu a serviço da humanidade e tinha um destino a cumprir.

Mas talvez, apenas talvez, Declan pudesse ser dela por uma noite. Sorrindo, ela ergueu sua piña colada no ar. *Para você, Meera. Isso será para nós duas.*

Capítulo 4

Declan não podia acreditar que Suzanne não tinha uma equipe de segurança para esse lugar gigantesco. Com certeza, a cerca era mais que suficiente para afastar todos os invasores, menos os intrusos mais determinados, e havia câmeras externas em todos os lugares. Além disso, um sistema de segurança de última geração com alarmes, fechaduras automáticas e janelas que poderiam ser protegidas para proteção extra.

Ele notou que não havia cães. Seu tornozelo ficou feliz em ouvir isso.

Seu assistente, Hawkyn, era útil quando se tratava de recursos de segurança e mostrou ao redor do lugar, mas para alguém que deveria conhecê-la bem, ele não tinha muitos detalhes sobre sua agenda, sua rotina diária ou seu perseguidor. Apenas continuou dizendo a Dec para perguntar a ela.

Então agora, com Hawkyn fora, Declan estava indo para a piscina para fazer exatamente isso.

Ele saiu para o quintal meticulosamente ajardinado, onde a piscina infinita, completa com uma cachoeira e um escorregador, tomava o centro do palco. Bem, teria se uma das mulheres mais atraentes que ele já viu não estivesse descansando ao lado dela. Não, ela era o ponto focal, e seu olhar permaneceu em suas amplas curvas e pele nua por muito mais tempo do que deveria.

— Hawkyn? — ela gritou. — É você?

Como ela o ouvira?

— Não, senhora, — ele disse, movendo-se em direção a ela. — É Declan.

Uma mão graciosa surgiu para remover seus óculos escuros quando ela se virou para ele.

— É Suzanne. Não senhora ou senhora D'Angelo. — Seus lábios cheios se curvaram em um sorriso estonteante que qualquer homem mataria para ter dirigido a si. — Você deveria colocar uma roupa de banho. Ou shorts, no mínimo.

— Eu vou trocar por algo mais confortável

depois, — ele disse. — Agora eu gostaria de passar algumas coisas com você.

Ela revirou os olhos.

— Ugh. Tão sério.

— Perseguidores são sérios, e você sabe disso, ou você não teria me contratado.

— Claro. Desculpa. Você está apenas tentando fazer o trabalho para o qual te contratei. — Ela apontou para a cadeira ao lado dela. — Sente-se.

Ele esperava que ela viesse, mas ei, quem não amava sentar-se ao sol do Texas enquanto usava jeans, botas e uma camisa polo preta? Deveria ter aceitado a oferta de trocar de roupa. Pelo menos ele tinha seus óculos escuros.

Ele afundou na cadeira e colocou os óculos sobre os olhos. Ela ainda era sexy como o inferno através das lentes escuras. Não que ele esperasse algo mais, mas pelo menos assim ela não saberia quando ele estivesse admirando o decote profundo entre as ondas de seus magníficos seios. Ou seu estômago liso e musculoso. Ou suas pernas, que duravam para sempre e provavelmente eram tão firmes quanto as dele. Sua musculatura era incrível, como se

ela passasse horas por dia malhando. E talvez ela tenha. Ele não tinha ideia de como era a vida dela, e por isso precisavam conversar.

— Espero que seu quarto seja adequado, — ela disse, trazendo o copo para os lábios que brilhavam com um brilho rosa.

— Quarto? É uma suíte com um closet maior que o meu quarto inteiro. Inferno, o banheiro é maior do que a cozinha e a sala de estar do meu apartamento combinado. Eu diria que é mais do que adequado. — Ele cresceu em torno de diplomatas, realza política e algumas das pessoas mais ricas do mundo, e nunca tinha recebido uma suíte como essa antes. — Está perto do seu?

Ela se sacudiu um pouco.

— Por quê?

Ela pensou que ele estava sendo inapropriado? Lembrando-se do que Jules havia dito, ele se mexeu um pouco, colocando mais espaço entre eles, caso ela se sentisse desconfortável.

— Eu gostaria de estar ao alcance da voz no caso de você precisar de mim, — ele explicou. — Mas se isso deixa você desconfortável, não é

necessário. Sua casa e propriedade têm várias camadas de segurança.

— Ah eu vejo. E sim, está perto. Apenas no final do corredor.

— Bom. Não deixe de me avisar se tiver algum... convidado.

Suas sobrancelhas escuras ergueram em pequenos arcos perplexos sobre a borda de seus óculos escuros. — Convidados?

— Encontro romântico da noite para o dia. Eu odiaria ouvir gritos e descobrir qualquer coisa que possa envergonhar nós dois. — Ela gritaria na cama?

— Oh. — Rosa floresceu em suas bochechas. — Ah, não, não haverá convidados assim.

Era estúpido e estranho, mas ele estava realmente satisfeito com a resposta dela.

— Está bem então. Por que você não me conta sobre esse seu perseguidor? No arquivo que meu chefe me deu, diz que seu nome é Adam Painter, de trinta anos. Fiz uma pesquisa superficial na internet e encontrei muitos homens que se encaixavam nessa descrição. Eu não suponho que você tenha uma foto?

— Não, desculpe. Eu nunca pensei em tirar uma foto dele. Ela olhou para a bebida. — E honestamente, eu não acho que esse seja o nome verdadeiro dele. É exatamente o que ele me disse.

— Onde você o conheceu?

Ela hesitou, e ele se perguntou se era doloroso falar sobre isso.

— Continue. — Ela tirou os óculos de sol, enfiou a mão na bolsa ao lado de sua cadeira e pegou o telefone. Suas unhas pintadas clicaram na tela enquanto ela tocava algumas coisas, e então ela leu em silêncio por um momento antes de finalmente acenar para si mesma. — Eu faço esse programa de culinária do YouTube, *Angel na Cozinha*. É um nicho, então atrai alguns malucos. Ele começou a deixar comentários há alguns meses e parecia bom o suficiente na época. Mas então ele começou a aparecer em alguns dos meus shows, na localização das gravações.

— Onde você faz isso?

Ela puxou uma perna bem torneada e apoiou o braço no joelho.

— Eu fiz um episódio sobre grelhar no

acampamento, então fui a um acampamento perto de Abilene. E eu fiz um churrasco na praia, você sabe, numa praia. Eu digo aos meus espectadores antes do tempo onde estarei no caso de eles quererem vir.

— Isso parece seguro. — Provavelmente não era prudente aparecer com sarcasmo minutos depois de conhecer seu empregador, mas ele nunca foi bom em autocensura.

— Eu posso cuidar de mim, — ela disse em um bufo irritado. — E além disso, eu geralmente tenho Cipher comigo.

— Cipher? — as pessoas ao seu redor tinham os nomes mais estranhos.

Seus olhos de chocolate queimaram, mas apenas por um segundo.

— É um apelido. Ele é meu agente-técnico. De qualquer forma, Adam apareceu nos dois e foi muito agressivo.

— E o que fez você decidir que precisava de um guarda-costas?

— Ele começou a me enviar e-mails cada vez mais estranhos. Era como se ele pensasse que estávamos namorando. Ele sabia coisas que ele não deveria saber. Onde eu estive naquele dia.

Quem eu vi. Ele começou a ameaçar as pessoas ao meu redor, e algumas semanas atrás ele me ameaçou se eu não comesse a agir como uma namorada adequada. Eu posso te mostrar os e-mails. Quero dizer, tenho provas.

Que maneira estranha de expressar isso. Ela achava que ele não acreditaria nela? Tag mencionou que ela não tinha chamado polícia por esse motivo.

— Obrigado, gostaria de vê-los. Eu posso ser capaz de rastrear um local com os metadados.

Ela acenou com a mão.

— Cipher já tentou. Se ele não pode fazer isso, ninguém pode.

Declan não conhecia Cipher, que porra de idiota, mas ele conhecia caras da McKay-Taggart que eram bons o bastante para trabalhar para os fodidos S.H.I.E.L.D⁽¹⁾... se a agência existisse fora do universo Marvel, de qualquer maneira.

— Você nunca sabe, — ele disse simplesmente. — Ele sabe onde você mora?

Ela puxou a outra perna e colocou os braços ao redor dos joelhos.

— Na semana passada ele estava parado na rua quando cheguei em casa das compras. —

Ela olhou para os dedos pintados. — Eu comprei o mais lindo Jimmy Choos dourado.

Claro que ela tinha. E as pernas dela provavelmente pareceriam incríveis naqueles sapatos.

— Ele tentou fazer contato?

— Ele apenas ficou lá. Eu fingi que não o vi. Vim para dentro e tranquei o portão. Então decidi contratá-lo.

— Onde você costuma fazer o seu programa de culinária?

— Na minha cozinha. Minha antiga cozinha, acrescentou ela rapidamente. — Eu acabei de me mudar para esta casa e ainda não fiz um episódio daqui.

— Ok. Isso é tudo que você faz?

— O que você quer dizer, *é tudo o que eu faço?* — ela estudou a multiplicidade de anéis de joias em seus dedos. — Eu sou muito rica. Eu faço muitas coisas. Como pedicure. E compras. Não é isso que as pessoas ricas fazem?

— Eu não saberia.

Na verdade, ele sabia. E ela estava certa. Quando pessoas muito ricas não colocavam seu dinheiro em políticos que os mantinham ricos,

eles tiravam férias, compravam coisas, matavam tempo ou presidiam ongs que os faziam parecer bem ou davam voz a eles em políticas que os beneficiavam.

Deus, ele odiava pessoas ricas.

O que era estranho era que Suzanne, apesar de estar sentada em todas as armadilhas da riqueza, não parecia rica. Como se não fosse o que ela era. Mais como se fosse algo que ela tinha que viver.

A porta do pátio se abriu e Sexy saiu. O nome dela também era bizarro, mas ele tinha que admitir que se encaixava nela. Ele se perguntou se ela era solteira. Seu amigo Steve a amaria. Ele sempre teve uma queda por loiras e óculos de bibliotecária.

— Suz, — ela gritou, — Cipher lhe enviou uma mensagem. Ele quer que você pisque... ligue! Quero dizer, ligue assim que puder. — Ela ofereceu um breve sorriso e fez uma rápida retirada.

— Vá em frente, — ele disse. — Eu tenho algumas explorações para fazer. Hawkyn me mostrou, mas ele não parecia saber muito sobre o lugar.

Ela rolou para o lado para pegar a saída de banho que ela jogou sobre a mesa ao lado dela, e ele quase engoliu a língua com a visão de seu traseiro perfeito, redondo e duro como um pêssgo, a apenas um braço de distância. Sua virilha se apertou e sua boca se encheu de água, e maldição, ele poderia ter um encontro com esse belo traseiro toda a porra da noite.

— Há algo específico que você queira saber?
— ela perguntou quando ela virou para ele.

— Na verdade, sim. — Ele mudou de posição para abrir espaço em seu jeans para a semiereção tentando se tornar um pau duro, constrangedor. — Há uma entrada debaixo da grande escadaria. Onde isso vai? Estava trancada quando tentei.

— Hmm. Não tenho certeza. Mostre-me do que você está falando. Ela ficou de pé em uma onda graciosa que ele não pôde deixar de apreciar. Muito. Sentindo-se um vira-lata, ele desviou o olhar quando ela colocou sua saída de banho cintilante que fez muito pouco para realmente cobri-la. Que ele sabia porque ele só tinha disciplina suficiente para desviar o olhar por alguns segundos.

Essas pernas. Essa bunda.

Declan passou algum tempo com algumas das mulheres mais bonitas e mimadas do mundo graças a sua criação e seu trabalho com McKay-Taggart, mas havia algo sobre Suzanne que as jogava no escanteio. Sim, ela era linda. Sim, ela estava fisicamente em forma ao ponto da perfeição. Mas havia outra coisa. Uma qualidade que ele não conseguia definir. Como se ela devesse estar rodeada por um brilho dourado. Fosse o que fosse, isso o atraiu de um modo quase física desde o dia em que ele a viu pela primeira vez no café.

Ele a seguiu para dentro, orgulhoso da maneira como ele apenas fantasiava em agarrar sua bunda durante o sexo, enquanto caminhava, e então ele a levou para a porta que ele mencionou.

— Huh. — Ela franziu a testa para a porta.
— Eu nunca vi isso antes.

Ele bufou, mas rapidamente percebeu que ela estava falando sério. — Há quanto tempo você mora aqui?

— Não muito. Dois meses. — Ela morou aqui por meses e não notou a maldita porta

embaixo da escada? Ele puxou a porta, mas ela não se moveu mais do que quando tentou mais cedo.

— Aqui, deixe-me tentar. — Seus dedos delgados envolveram a maçaneta e a coisa se abriu sem qualquer esforço.

— Eu devo ter soltado, — ele murmurou, e ela olhou para ele como se ele fosse um idiota. Isso foi justo.

Ela acendeu a luz e engasgou. Declan não era um homem que fosse facilmente surpreendido, mas maldição se seu queixo não batesse no chão. O piso de borracha.

— O que... é isso? — ela entrou, os olhos arregalados de curiosidade enquanto observava a decoração da masmorra.

Entrando nela, ele catalogou a sala de cima para baixo.

— Parece uma sala de jogos.

— Jogos? Que tipo de jogos? — ela parecia horrorizada. — Há restrições. E há equipamento de tortura.

— Bem, sim. Há clubes dedicados a esse tipo de coisa. — Ele sabia porque tinha passado um tempo em um clube de BDSM chamado

Sanctum, onde seus colegas de trabalho gostavam de desabafar. Ele não pertencia ao clube, não pertencia a esse estilo de vida, tinha apenas estado lá como parte da equipe de segurança, mas ele definitivamente entendia como funcionava.

— As pessoas realmente brincam com serras e martelos?

Franzindo a testa, ele seguiu o olhar dela para uma bandeja que ela tirou de uma gaveta na parede oposta, e um arrepio subiu por sua espinha. Ela estava certa. As restrições eram comumente encontradas em jogos de BDSM, mas alguns dos equipamentos iam além do “brincar”.

Quem montou esta sala aderiu a sangue, medo ou assassinato em série.

Não é legal.

Ele passou o dedo por um conjunto de punhos com espinhos de metal afiados por dentro. Jesus. Isso era perturbador.

— De quem você comprou este lugar?

— Eu não comprei. Faz parte das propriedades da família. Eu acho que eles alugaram.

— Para quem? — ele perguntou em voz alta.
— Fãs de *Hostel*?

— *Hostel*?

— É um filme de terror onde pessoas ricas torturaram e matam pessoas impunemente.

Ela se virou e lhe ofereceu um sorriso trêmulo.

— Bem, eu não faço isso, então o que você acha de trancar esse lugar e esquecer que ele existe?

Declan seriamente duvidou que ele esqueceria que havia um quarto na casa que poderia ter sido desenhado por Jack, o Estripador, mas diabos, ele iria tentar.

— Parece um bom plano. — Ele a conduziu para fora e fechou a porta atrás dele, notando que ela parecia um pouco perturbada, o que provavelmente significava que ela realmente não sabia sobre o quarto.

Ela não encontrou o olhar dele enquanto puxava a saída de banho achatada ao redor dela.

— Eu vou tomar banho. O jantar é às seis.

Ela nem esperou por uma resposta antes de subir as escadas de dois em dois.

Ele tinha o mais estranho desejo de segui-la e ficar do lado de fora da porta do quarto para que ele pudesse protegê-la de qualquer coisa que tentasse chegar até ela. Sim, esse era o seu trabalho, mas ele podia fazer isso perfeitamente de qualquer lugar no terreno. Então, por que ele queria estar tão perto?

Cara, ele deveria ter pegado o maldito trabalho de administração.

Seu bolso vibrou, e ele checkou seu telefone, sorrindo quando viu o número de Ian piscando na tela. O chefe estava fazendo o check-in, e pela primeira vez, Declan estava grato porque isso significava que ele não tinha que analisar seu desejo de ficar do lado de fora do quarto de Suzanne como um cachorro esperando por migalhas de seu mestre.

E, no entanto, quando ele olhou para a escada atrás de Suzanne, duas palavras vieram à mente.

Au, au.

* * * *

O cheiro salgado de bacon, cebolas salteadas e alho encheu a cozinha, colocando Suzanne em seu lugar feliz. Pelo menos, ela

estava em seu lugar feliz até que o telefone tocou e o número de Cipher apareceu no identificador de chamadas.

Ela nem se incomodou com olá.

— Ok, Cipher, que tipo de casa você arranjou para mim?

Sua voz profunda rolou como um trovão sobre as ondas do rádio.

— Do que você está falando?

— Não se faça de idiota. — Prendendo o telefone entre o ombro e a orelha para que ela usasse as duas mãos, despejou uma grande lata de molho de tomate na mistura de cebola e alho que ela refogou com pedaços de bacon. — Há um quarto aqui. É uma maldita câmara de tortura.

— Oh, isso. — Ele tomou um gole de alguma coisa. Provavelmente vinho. Ele amava seu merlot seco. — Sim.

— Droga, eu salpiquei suco de tomate em minhas calças. — As calças de musselina creme flutuante eram suas favoritas, e elas pareciam fabulosas com a blusa solta e o top de renda creme que ela não conseguiu derramar nada. Ainda. — E o que você quer dizer, *sim*?

Ela praticamente podia ouvi-lo dar de ombros.

— Todas as casas da rede angélica têm algum tipo de sala onde os demônios podem ser mantidos. Ou interrogados. Se você fosse um anjo completo, seria capaz de ver os símbolos de proteção e restrição pintados no chão, no teto e nas paredes.

— Bem, obrigada pelo aviso, — ela disse, sem se preocupar em esconder seu sarcasmo. — Meu “guarda-costas” humano viu e provavelmente acha que sou uma sádica.

— Você o deixou entrar no quarto?

— Eu não sabia o que era. — Ela despejou várias fatias de bacon crocante em uma tábua de corte e começou a cortar. — Você sabe, porque você não me contou sobre isso.

— Ah, certo. — Cipher não parecia envergonhado. Divertido sim. Havia muito disso. — Como você explicou isso?

Seu rosto aqueceu porque ela não sabia como explicar isso. Ela nunca viu nada assim.

— Ele acha que é algum tipo de quarto de sexo, mas eu disse a ele que estava aqui quando me mudei para a casa. — Cipher riu. Mais forte

do que deveria, desgraçado. — Sim, sim, é hilário. Foda-se.

Ele riu mais ainda, então ela fez a coisa madura e desligou. Mas ela teve que admitir que era muito engraçado. Ou seria se ela não fosse aquela com o quarto de sexo / câmara de tortura em sua casa. Inferno, ela ria até se engasgar se Cipher estivesse em sua situação. Mas então ele mereceu.

Passos, tão leves como os de um gato, ecoavam pelo corredor, facilmente captados pelos sentidos elevados de Suzanne. Declan, definitivamente. Seus irmãos e irmãs podiam se mover silenciosamente, embora ela tivesse que admitir que Declan era super silencioso para um humano. Especialmente para um humano tão grande.

Quando ele entrou na cozinha, sua presença sugou todo o ar de seus pulmões. Porra, ele estava bem. Recém-banhado, vestido com uma calça cáqui do estilo BDU, uma camisa de linho branca de algodão e chinelos de couro.

Ele deve tê-la pego olhando para seus pés, porque ele balançou os dedos dos pés e disse rispidamente: — Não se preocupe. No caso de

uma emergência, vou tirá-los. Eu sou mais do que capaz em pés descalços.

Como fã de pés descalços, ela adorava isso. Ela enfiou o pé descalço pela lateral da ilha e mexeu os dedos do pé pintados de vinho.

— Entendi. Eu tenho muito melhor equilíbrio e consciência corporal sem sapatos. Dependendo da situação, isso pode ser uma grande vantagem.

Ele levantou uma sobrancelha loira.

— Sim? Como o quê?

— Ginástica, — ela disse enquanto verificava a panela de água que ela tinha colocado o macarrão. Quase fervendo. — Dança. Combate. Sexo.

Ela não sabia por que ela disse a última coisa, já que ela nunca teve relações sexuais. Mas ela queria. Em breve.

Outra sobrancelha se juntou à primeira.

— Você precisa de uma vantagem para o sexo?

— Você sabe o que eu quero dizer. — De alguma forma, ela resistiu à tentação de comer metade do bacon picado enquanto ela mexia o molho de tomate. — Não estamos conscientes

disso, mas a contribuição sensorial pode nos ajudar, e atrapalhar, de mais maneiras do que podemos listar.

Houve uma pausa. E então murmurou:

— Você me surpreende.

— Por que isso?

— Você não é o que eu esperava. — Antes que ela pudesse perguntar o que ele esperava, ele apontou para a panela fervente. Hora da massa. — O que você está fazendo?

— Não é óbvio? Estou cozinhando o jantar.

— Você não tem empregados para isso?

Ela encolheu os ombros.

— Sim, mas gosto de cozinhar. Você?

— Eu grelho um bife que pode mudar vidas. Quero dizer, a grelha é totalmente minha praia. Mas na cozinha? Não. — Ele apoiou o quadril no balcão e olhou para ela como se ela fosse louca. — Você realmente gosta de cozinhar?

— Por muito tempo eu queria fazer disso minha carreira. Além disso, isso me lembra da minha infância.

A maioria dos *Memitins* teve infâncias horríveis por padrão. A ideia por trás de deixar um bebê com pais de merda ou em situações de

merda, é de que isso deixaria os *Memitins* mais duros. Mas ela de alguma forma escapou desse destino e cresceu em uma família humana amorosa e feliz. Uma família que ela perdeu, uma família que ela quebrou as regras para ver enquanto eles ainda estavam vivos. Eles acreditavam que ela estava morta, desapareceu enquanto estava na faculdade. Suzanne sofreu uma culpa quase incapacitante quando pensou em como seus pais morreram acreditando que ela foi sequestrada e, provavelmente, assassinada. Mas cinco anos atrás, quando sua irmã, Elizabeth, estava em seus últimos dias em uma casa de repouso, ela viu através do manto de invisibilidade de Suzanne.

— *Suzanne, — ela sussurrou, olhando para o canto onde Suzanne estava cuidando dela, — é realmente você?*

Suzanne saiu do manto e entrou no quarto, limpa como o dia, e segurou a mão da irmã enquanto falavam sobre o passado e o futuro que sua irmã estava prestes a ter no céu. Suzanne havia confessado tudo para sua irmã moribunda, e até hoje, era a coisa que mais limpava sua alma.

— Espere, você queria fazer disso sua carreira? Como isso aconteceu no passado?

Ela suspirou. Todos esses anos depois e ela ainda sentia falta daquela vida. Ela tinha poder e juventude eterna e tanto dinheiro quanto queria, mas também tinha uma responsabilidade enorme, atribuições perigosas e muito pouca liberdade.

— Foi há muito tempo.

Ela bufou.

— Porque você é tão velha.

Engraçado. Ela era na verdade um anjinho em comparação com a maioria de seus irmãos.

— É porque eu não fui destinada a isso.

Não, cozinhar era apenas um hobby, mas ela amava.

Ele parecia divertido, seus olhos cinza aço brilhavam com humor.

— E para o que você estava destinada?

— Servir os outros.

Agora ele apenas parecia confuso.

— Servir de que modo?

Oh, o modo que salva vidas e preserva a história. Mas realmente, por que ela disse que não estava destinada ao serviço? Que tipo de

serviços as pessoas ricas fazem pelos outros? Doar dinheiro? Claro, isso soou bem.

— Eu faço um monte de trabalho de caridade. — Ela não queria ver sua reação à sua resposta coxa, então ela se concentrou em cavar uma travessa no armário. — Até doei para o arrecadador de fundos McKay-Taggart deste ano para os programas de enriquecimento depois da escola. Seus empregadores parecem bem legais.

— Eles são, — ele concordou. — Eles também disseram que você me pediu especificamente. Por quê?

Ainda evitando seu olhar, ela mexeu o molho de macarrão.

— Porque eu te conhecia.

— Você não me *conhece*. Você esbarrou em mim de vez em quando na cafeteria e no Top.

— Nós fizemos mais do que esbarrar, — ela apontou, um pouco magoada mesmo que ela não tivesse o direito de estar. Ela esperava que ele fosse obcecado por ela desde o primeiro dia em que ele a viu, do mesmo jeito que ela estava obcecada por ele — Nós conversamos.

Ele bufou.

— Sobre café. Não foi como se estivéssemos

envolvidos em uma conversa profunda.

Ela olhou para ele por cima do ombro.

— Você flertou comigo.

— Bem, você é uma mulher atraente.

Ferida esquecida, ela sentiu calor em suas bochechas pelo elogio. Ela não estava acostumada com isso. Ela passou a maior parte de sua vida na companhia de outros *Memitim*, os *Unfallen* e os Verdadeiros Caídos em *Sheoul-gra* que não se atreveram a fazer qualquer movimento por medo de que seu pai os virasse do avesso. Literalmente.

— Eu... eu não sei o que dizer.

— Você pode dizer por que você me contratou.

Ele estava de volta a ser todo negócios, o que ela deveria apreciar. Mas ela realmente queria ouvir mais sobre como ele achava que ela era atraente.

— Como eu disse. Eu conhecia você. Chame como quiser, você foi o único funcionário da McKay-Taggart que eu conheci, então você não era um completo estranho como todo mundo.

Ela ficou na ponta dos pés para pegar uma lata de spray antiaderente. Seus dedos roçaram

a lata, mas ela não conseguiu alcançar.

— Aqui, — ele disse. — Deixe-me pegar isso para você. — De repente, ele estava atrás dela, seu quadril roçando o dela, seu peito pressionado levemente contra seu ombro. Deus, ele cheirava bem, como sabão e camurça, e um toque de terra. Um arrepio de desejo percorreu-a, chocando-a com sua intensidade.

Cedo demais ele recuou e lhe entregou a lata. Que, pela vida dela, ela não conseguia se lembrar por que ela precisava.

— Obrigada, — ela disse sem fôlego.

Nossa, ela estava toda quente e incomodada, e praticamente ofegante, e ele parecia tão frio como sempre, com aqueles olhos acinzentados e sua expressão de pedra, e talvez ela realmente não tivesse uma chance de levá-lo para a cama.

Decepção acabou por ser mais eficaz do que um banho frio para dissipar a luxúria.

Ela girou em torno dele, colocou a lata no balcão e tirou o pão de alho do forno.

— Você disse que não está aqui há muito tempo, — ele disse. — Onde você vivia antes?

Ela o olhou com desconfiança quando

colocou a bandeja de pão no balcão.

— Você realmente espera que eu acredite que você não passou por todo o meu passado que pôde encontrar antes de vir?

— Passei, — ele admitiu, observando-a testar um macarrão. — Mas para uma herdeira, você tem uma impressão digital praticamente inexistente. Tudo o que pude encontrar foi que você cresceu com seus pais magnatas de hotel na África do Sul até os dezoito anos, quando foram mortos em um acidente de avião. Depois disso, você se mudou para os Estados Unidos. Atlanta. Até alguns meses atrás, quando você se mudou para cá. Por que isso?

Ela pegou a panela de macarrão do fogão e colocou em uma peneira, tanto porque não queria que ele visse seu rosto enquanto ela mentia quando para verificar se o espaguete estivesse perfeitamente al dente.

— O dinheiro chama atenção, e o nome D'Angelo é grande na Geórgia. Então eu me mudei para cá.

Cara, ela odiava mentir. Ela nunca esteve na África do Sul, seus pais não haviam morrido em um acidente de avião e ela não morou em

Atlanta. Bem, na verdade não. Ela cresceu fora de Atlanta com seus pais humanos, e ela imaginou que Cipher incluiu Atlanta em seu passado para pelo menos manter alguns elementos de verdade em sua história.

— Você usa um sobrenome diferente para o seu programa de culinária. Por que? Eu acho que o nome D'Angelo seria uma vantagem.

O nome D'Angelo era o que a maioria dos anjos assumia como padrão, mas ela não queria que seu programa de culinária atraísse muita atenção do tipo celestial que desaprovava o fato de *Memitim* estar nos olhos do público ou pior, famosa.

Não que ela fosse famosa, claro. Mas seu programa de culinária ganhou um bom número de seguidores... entre demônios e humanos.

— Eu quero fazer isso sozinha. Executar um programa de TV D'Angelo não funciona exatamente com os meus objetivos de vida.

— E o que você quer fazer da sua vida é o ... trabalho de caridade?

Ok, isso foi tão estúpido quanto parecia. Cipher tinha deixado alguns buracos em seu passado, e ela foi burra o suficiente para não

preencher as lacunas. A menos que o assunto fosse comida, ela realmente não dava muita atenção, e ela nunca o fez.

— Sim, — ela disse apressadamente, sua mente trabalhando horas extras para transformar isso em uma carreira em potencial. — Eu estava pensando em começar uma fundação. Para órfãos. — Oh, nossa, ela poderia cavar mais fundo? Hora de mudar de assunto. Ela apontou para as portas duplas de vidro que levavam ao quintal. — A mesa está posta do lado de fora, então por que você não sai e serve o vinho e eu estarei lá com o jantar em um momento.

Ele franziu a testa.

— Você realmente não precisava se incomodar.

— Não é incômodo, — ela interrompeu, seu pânico fazendo-a ficar irritada. Ela só precisava dele fora da cozinha para lhe dar um segundo para respirar e se reagrupar. — Eu gosto de cozinhar e sou nova na área, por isso não conheço muitas pessoas, e será bom ter alguém para jantar.

Por alguma razão, ele parecia

desconfortável, mas não discutiu.

Ainda assim, ele não parecia ser do tipo que deixava qualquer coisa de lado, e se ele encontrasse alguma coisa em sua história, ele a quebraria como um ovo frágil.

Bem, agora ela só tinha que esperar que ela pudesse ofuscar isso com boa comida. E talvez uma roupa minúscula não doesse. De qualquer forma, era hora de aumentar o calor, e quando ela pegou os flocos de pimenta vermelha, ela sabia exatamente como fazer isso.

Capítulo 5

Quando Declan viu a mesa ao lado da piscina, preparada para uma refeição elegante, ele sabia que estava em apuros. A música suave tocava ao fundo, o vinho foi aberto e deixado para respirar, e as luzes da piscina e da varanda acima banhavam a área num brilho romântico.

Isso estava tão acima de sua nota salarial.

O que Suzanne esperava dele? Flashbacks do tempo que ele foi usado por um cliente para deixar um ex ciumento apareceu em sua cabeça, mas ele estava com fome, e tudo o que Suzanne estava cozinhando cheirava a céu, então ele poderia derramar vinho e ver que tipo de coisas ele poderia extrair dela depois de alguns copos. Ele planejou investigar um pouco mais a sua vida de qualquer maneira porque algo parecia errado. Não era só que ela não parecia alguém que crescera jantando em pratos de ouro. A

história dela também não parecia certa. Ela não poderia ter uma carreira como chef porque ela estava destinada ao serviço de caridade? O que isso significa? Todo o tempo dela estava sendo ocupado por quanto dinheiro ela tinha para dar?

Declan odiava matemática, mas até ele sabia que algo não estava somando.

Balançando a cabeça, ele serviu o vinho, um rico e perfumado Chianti que brilhava na luz suave.

Suzanne saiu de dentro e ele teve que se forçar a não olhar. Ela estava linda esta noite, sua blusa de seda se espalhando sobre seus seios balançando frouxamente em seus quadris a cada passo. Um colar robusto de miçangas, brincos e braceletes combinados adicionavam elegância a sua roupa que de outra forma seria casual. Seus pés descalços batiam no deque da piscina enquanto ela carregava uma cesta de pão em uma mão e um prato de macarrão na outra.

— Espero que você esteja com fome, — ela disse com o menor sotaque sulista. Parecia estranho que ela tivesse crescido na África do Sul e não tivesse um sotaque, e ainda assim ela

pegou uma cadência da Geórgia em apenas alguns anos. — Eu espero que você me perdoe por não fazer salada. Eu esqueci de pedir a Sexy para comprar alface quando ela foi fazer compras mais cedo.

— Honestamente, eu não esperava jantar nada. — Ele pegou o macarrão dela e colocou sobre a mesa. — Normalmente eu acabo saindo ou peço um hambúrguer ou pizza quando estou num trabalho.

— Isso não vai acontecer enquanto você esteja trabalhando para mim, — ela prometeu. — Eu tenho uma cozinha totalmente equipada, a menos que você queira uma salada, obviamente, e você é bem-vindo a fazer qualquer coisa nela. Eu também planejo cozinhar muito. — Ele puxou uma cadeira para ela e a arrastou para frente enquanto ela se sentava, agradecendo-o com um sorriso. — Obrigada.

— Eu deveria ser o único a lhe agradecer. — Ele gesticulou para a comida enquanto se sentava. — Mas, novamente, você realmente não precisava ter todo esse trabalho.

— Como eu disse, gosto de cozinhar e jantar fora sempre é um prazer.

— Sempre? Já comeu uma MRE lá fora na selva? — Ele fez uma careta. — Não é um prazer.

Seu riso soou como um sino claro e perfeito no ar da noite.

— Eu retiro o que disse. Umidade e insetos são um saco. Temos a sorte de ter uma noite relativamente seca esta noite. Ela inclinou a cabeça em direção à massa. — Espero que você goste.

Ele encheu o prato com o espaguete e duas fatias de pão de alho. A primeira mordida picante e esfumada fez com que ele gemesse. — Isto é incrível. O que é isso?

— É meu Spaghetti all'Amatriciana. — Ela tomou um gole de seu vinho. — É o meu favorito. É tão fácil e rápido, mas parece que você tem cozinhado o dia todo.

— Eu poderia comer isso o dia todo.

— Bem, há muito, então, coma tanto quanto você quiser.

Ela usava o cabelo solto esta noite, os cachos fluindo sobre os ombros esbeltos e nus, e quando ela estendeu a mão para enfiar um fio atrás da orelha, sua respiração ficou presa.

Como ele não notou a marca no braço dela? Parecia ser uma marca, do tamanho de uma moeda, no interior de seu pulso.

Gentilmente, ele estendeu a mão e pegou a mão dela, virando-a para expor a marca.

— O que é isso? — Olhos arregalados, Suzanne tentou se afastar, mas ele apertou ainda mais, tomando cuidado para não machucá-la. — Suzanne?

— Não é nada, — ela disse, com muita força. Sob as pontas dos dedos, seu pulso acelerou, batendo num ritmo ansioso que aumentou sua suspeita de que era mais do que *nada*. — Foi uma coisa bêbada idiota que fiz na adolescência. Alguns amigos e eu queríamos fazer tatuagens iguais, mas temíamos que nossos pais ficassem loucos, então fizemos essa coisa de marca em vez disso.

Ouch. Declan tinha uma tatuagem, uma que ele se arrependeu com cada fibra de seu ser, mas ele não se lembrava disso doer. Talvez porque ele estava com cara de merda. Mas ele estava bem certo de que nunca esteve bêbado demais para não sentir um elemento em brasa queimando sua pele.

— E você pensou que eles ficariam bem com cicatrizes permanentes?

Ela encolheu os ombros.

— Bem, as linhas não são tão visíveis, e eu usei muitas pulseiras para encobri-la.

— O que significa o símbolo? — ele passou o polegar sobre as linhas cor de carne, sua curiosidade engatada no padrão ondulado dentro do círculo.

— Significa compromisso com o dever a uma pessoa.

Ele piscou.

— Parece uma coisa estranha para um grupo de jovens amigos.

Ela tomou uma dose considerável de seu vinho, e ele teve a impressão de que ela estava ganhando tempo antes de responder. Mas por quê?

— Também pode ser considerado compromisso a amizade de alguém. — Ela abaixou a taça, seu olhar caindo para onde ele segurava o pulso dela em sua mão. — Mas desde que meus amigos e eu perdemos a noção um dos outros, eu adotei o significado do dever.

Limpando sua garganta sem jeito, ela sorriu

e olhou para cima, uma sugestão de vinho brilhando em seus lábios. Era loucura que ele quisesse provar? Ele também não queria soltar a mão dela, em algum momento, ele parou de se interessar pela marca dela e ficou fascinado com a suavidade e frescor de sua pele. Como o pulso dela batia sob as pontas dos dedos. Como aquelas unhas pintadas de vinho se sentiriam cravadas em seus ombros durante o sexo.

Foda-se.

Relutantemente, ele a soltou e empurrou um pedaço de pão de alho em sua boca como se ela fosse uma vampira e ele precisasse de proteção.

— Então, — ela disse, dobrando a mão no colo dela. — Chega de falar de mim. Conte-me sobre você.

Não é um assunto sobre o qual ele queria falar. Mas ele supunha que lhe devia um pouco de informação: — O que você quer saber?

— Há quanto tempo você está com McKay-Taggart?

— Alguns anos. Antes disso, eu era um PJ da Força Aérea. — O garfo dela bateu contra o prato enquanto girava o macarrão. — O que é

um PJ?

— Paraquedista. Operações Especiais. Basicamente, um paramédico de busca e resgate de combate. Ele encolheu os ombros. — Significa que eu sou tão bom em causar ferimentos quanto em corrigi-los.

Ela o estudou por um segundo e depois assentiu.

— Hmm ... faz sentido.

— O que faz sentido?

— Você. — Ela fez um gesto com o pão de alho. — Nove meses atrás, você salvou uma senhora que caiu e bateu a cabeça na cafeteria. Ela estava confusa e tagarelando suas palavras, e você sabia que ela estava tendo um derrame quando todos em torno dela pensaram que seu comportamento era o resultado de uma concussão da queda.

Ele olhou surpreso, sua pausa dando-lhe tempo para dar sua primeira mordida na massa.

— Como você sabia disso?

— Eu vi isso acontecer.

— Você estava lá? Eu não me lembro disso.

— E ele teria.

— Eu estava lá, mas havia muita comoção,

então você provavelmente não me viu. — Ela limpou a boca com um guardanapo. — Então, por que você escolheu esse emprego nas forças armadas?

Ele encolheu os ombros.

— Eu sempre tive um tipo de complexo de salvador. Desde que eu tinha nove anos e salvei um cachorro de um bando de crianças que estavam abusando dele. — Ele manteve o cão, um misto de husky, até que morreu seis anos depois. Ele foi seu companheiro constante em um momento em que ele precisava, e ele foi um amante de cachorro desde então. Com exceção dos dobermanns. — As crianças me bateram muito, mas valeu a pena. Deu-me o incentivo para me envolver em artes marciais e consegui um cachorro legal.

— Você sente falta da Força Aérea?

Ninguém jamais perguntou isso a ele, e ele teve que pensar sobre isso por um segundo. Em última análise, a resposta foi bem clara.

— Sinto falta do trabalho. Eu não sinto falta da vida.

— É por isso que você saiu? Porque você não gostava da vida militar?

Ela tem um jeito de fazer você falar. As palavras de Jules de antes ecoavam em sua cabeça, e maldição se ela não estivesse certa. Isso vai deixá-lo louco. Sim, ela estava certa sobre isso também.

— Eu tinha meus motivos, — ele disse, e os olhos de Suzanne se iluminaram com a resposta abrupta dele, que soava mais dura do que ele pretendia. Mas realmente não gostava de falar sobre seu tempo na Força Aérea... ou sobre seu passado em geral, e Suzanne de alguma forma conseguiu que ele revelasse demais. — De qualquer forma, eu me juntei à McKay-Taggart até estar pronto para fazer outra coisa.

Os dois pararam para comer, com Declan praticamente jogando a comida em sua boca. Ele amava comida italiana e este era um dos melhores pratos de espaguete que ele já teve.

— Algo mais? — ela perguntou quando ele engoliu sua última mordida. — Como o quê?

— Eu tenho uma oferta permanente para me juntar à FEMA. — Ele encheu seu prato outra vez, e Suzanne também. Ele apostaria que ela poderia acompanhá-lo, mordida por mordida. — É tentador, mas preciso de uma

pausa no emprego do governo por um tempo.

Principalmente, ele precisava manter a influência de seu pai fora de sua vida, e desde que seu pai era um senador dos EUA, seu alcance era extenso. E talvez, apesar do fato de que a FEMA lhe desse o tipo de trabalho que satisfaria seu desejo de ajudar as pessoas, ele estava adiando a aceitação do trabalho porque perderia o elemento de perigo que ansiava.

— Então você é contratado como guarda-costas, — ela meditou. — Eu aposto que você tem muitas histórias.

Ele sorriu e pegou sua água gelada.

— Você não acreditaria em metade delas.

— Oh, você ficaria surpreso, — ela disse suavemente. — Diga-me a mais louca.

Ele tinha várias para escolher, e depois de rejeitar a maioria delas por várias razões, optou pelo que havia aparecido no escritório de Taggart no início do dia.

— Uma vez, — ele começou, — uma senhora me contratou para deixar um ex ciumento. Eu não sabia a verdade na época, ela alegou ter um perseguidor e precisava de um guarda-costas, mas quando estávamos em público ela subia em

cima de mim. Me assustou no começo.

— No começo?

— Sim. Ela disse que achava que isso desencorajaria seu perseguidor se ele pensasse que eu era o namorado dela. Fazia sentido. — Ela era como um polvo, mas, ei, alguns trabalhos exigiam sacrifício. — Eventualmente eu percebi que sempre que ela estava flertando, o mesmo cara estava por perto. Eu pensei que era seu perseguidor, mas descobri que era seu ex. Ela não tinha um perseguidor. Ela era a perseguidora. Ah, e eles eram swingers. Então ela me levou para uma fodida festa de sexo.

Suzanne riu.

— O ex dela estava lá?

— Sim. Ela estava tentando ficar com ele, pegando a parceira dele para ficar comigo.

Os olhos de Suzanne brilhavam com curiosidade, e emparelhado com a reação dela à sala de jogos sexuais que também poderia ser uma estação de trabalho de serial killer, ele teve a impressão de que ela não era muito experiente na cama.

— Você fez isso?

Ele estremeceu.

— Não foi um dos meus melhores momentos. Mas ela era quente e eu não tinha sexo em quase um ano.

— Um ano? A sério?

— Por que tão surpresa?

Evitando o olhar dele, ela distraidamente circulou a borda de sua taça de vinho com uma unha brilhante.

— Eu não sei. Você sai com pessoas que pertencem a um clube de sexo. E Top tem um quarto especial apenas para sexo.

— Sanctum é um clube de BDSM, e como você sabe sobre o quarto de sexo?

Ela encolheu os ombros. — Passo muito tempo no restaurante. Eu ouço coisas.

A maneira como ela disse isso, quase timidamente, mas com curiosidade, continuou a surpreendê-lo. Em sua experiência, aqueles com muito dinheiro eram ingênuos sobre como as pessoas normais viviam, mas o sexo não era uma dessas coisas. Havia algo muito... estranho sobre Suzanne. Ela era claramente mundana, inteligente e rica, mas havia uma ingenuidade subjacente e inocência que não se alinhava com o que estava na superfície.

Ele pegou o vinho, mas assim que seus dedos roçaram a taça, alguém enfiou um prego em seu cérebro. Essa era a única explicação para a dor aguda e lancinante que corria do alto de seu crânio até a base. Ele conseguiu não segurar a cabeça e cair da cadeira, e se Suzanne percebeu, ela não demonstrou. Na verdade, ela estava subitamente alerta e olhando para os terrenos da propriedade.

— Eu preciso verificar a sobremesa, ela disse, saltando para os pés. — Eu volto já.

Ela saiu correndo, deixando-o para embalar seu crânio e apenas tentar respirar.

Capítulo 6

Suzanne estava enlouquecendo.

As âncoras das asas, as marcas em suas omoplatas das quais suas asas brotariam depois que ela ascendesse coçavam com a presença do mal. O *heraldi* de Declan não queimou, o que, em circunstâncias normais, significaria que ele provavelmente não estava em perigo. Mas o demônio que o perseguia não era normal. Nada disso era normal.

— Sexy! — ela gritou enquanto corria pela cozinha. — Sexy!

Sua irmã estava correndo pela grande escadaria, seus olhos selvagens.

— Eu sinto o mal.

Suzanne assentiu.

— Fique com Declan. Faça com que ele entre se puder.

— Espera! — Sexy desceu as escadas,

bloqueando o caminho de Suzanne. — Você fica com Declan. Eu vou atrás do demônio.

— É o *meu* trabalho.

— Eu tenho quatrocentos anos de experiência que você não tem, Suzanne. Não seja uma idiota.

Suzanne odiava ser lembrada de que ela era praticamente uma criança no mundo dos anjos, e ela odiava ser chamada de idiota.

— Este é o meu show, — ela retrucou. — Meu *Primori*, meu dever. *Eu estou* no comando e você fará o que eu digo.

Sexy mostrou suas presas, presas que Suzanne não herdou de seu pai anjo caído.

— Você é uma garotinha tola às vezes, irmã. — Ela passou por Suzanne com força suficiente para derrubá-la na parede enquanto saía para cuidar de Declan.

Suzanne amaldiçoou suavemente e lançou-se fora da cerca de segurança, assumindo que o ser malévolo não poderia cruzar o limiar dos anjos. Mas ela apenas deu alguns passos ao longo do perímetro quando a vibração do mal desapareceu. Droga. Um carro passou voando, suas luzes a cegando momentaneamente

enquanto ponderava seu próximo movimento.

Verificar Declan.

Sem saber onde ele poderia estar, ela entrou novamente na propriedade através do portão para que ela não piscasse e se materializasse na frente de Declan ou algo assim.

Ela correu pela casa até o quintal, mas Declan se foi. O pânico flutuou na boca do estômago, tornando o jantar azedo. Ele não estava na cozinha, no escritório ou no quarto da família, e assim que ela começou a chamá-lo, Sexy virou a esquina.

— Ele está em seu quarto, — ela disse, como se não tivesse acabado de chamar Suzanne de idiota. — Ele tem uma dor de cabeça muito ruim. Eu dei a ele duas aspirinas.

Suzanne congelou.

— Uma dor de cabeça? E você o deixou sozinho?

— É apenas uma dor de cabeça.

— Não é apenas uma dor de cabeça! É assim que este demônio ataca. — Ela correu para a cozinha, Sexy em seus calcanhares. — Eu vou chamar Cipher e descobrir por que o demônio poderia afetar Declan através do véu

angelical ao redor da casa. Você ficará com ele por alguns minutos?

— Claro. — Sexy correu para a escada enquanto Suzanne localizava seu celular.

Cipher estava na discagem rápida, e ela o colocou na linha em menos de cinco segundos.

— Fale comigo, meu bebê anjo.

— Pare de me chamar assim, — ela suspirou, sabendo que era inútil protestar. Ele a chamava assim desde o dia em que ele apareceu em *Sheoul-gra*, arrastado para lá acorrentado por Hawkyn. Pior, o apelido havia pegado, e vários de seus irmãos e irmãs a chamavam assim agora.

— Claro, — ele disse, assim como toda vez que ela protestou. — O que você precisa?

— Eu preciso saber por que o demônio que está atrás de Declan foi capaz de afetá-lo de fora do perímetro da mansão.

Houve uma pequena pausa.

— Isso não deveria acontecer. Espere. O som do teclado e alertas de telefone celular encheu seu ouvido pelo que pareceram horas, mas provavelmente foram apenas alguns minutos. Finalmente, Cipher voltou na linha. —

Ok, parece que o encantamento que foi instalado para a maioria dos ataques remotos, mas com outros, apenas filtra o pior deles. Declan está bem?

— Eu acho que sim. Eu só queria que soubéssemos porque o demônio está atrás dele.

— Você acha que sabem que ele é um *Primori*? Talvez esteja caçando especificamente.

Ela pensou nisso por um minuto.

— Acho que não. Quando brigamos, Morroc pareceu surpreso com a minha presença. Se ele soubesse que Declan era um *Primori*, ele saberia sobre os *Memitim*.

Seria útil saber por que Declan era *Primori* também, mas *Memitins* nunca recebiam essa informação. Eles eram importantes o suficiente para merecerem guardiões angelicais, e ainda assim seus guardiões eram forçados a fazer seu trabalho com uma asa amarrada nas costas.

Assumindo que eles tivessem asas.

— Onde está Declan agora? — Cipher perguntou.

— Em seu quarto com Sexy. Estou prestes a dar uma olhada nele.

— Legal, — ele disse. — Deixe-me saber se

você precisar de mais alguma coisa. Eu estarei aqui chutando o traseiro de zumbis.

Suzanne disse adeus para o videogame amado do anjo caído e desligou. Ela foi para o quarto de Declan, mas ela não queria parecer muito preocupada, então ela inverteu o curso, foi até a cozinha e colocou uma bandeja com a sobremesa.

Sexy estava saindo do quarto quando Suzanne se aproximou.

— Ele está bem, — disse Sexy em voz baixa. — A dor de cabeça se foi. Mas ele está mal-humorado como o inferno. Não gosta de ser mimado.

— Você o mimou? — Suzanne esperava que a repentina picada de ciúme não fizesse parte de sua voz. — Você, que uma vez disse ao nosso irmão Maddox para parar de choramingar por uma perna quebrada?

Sexy bufou.

— Nós nos curamos rapidamente. E ele estava choramingando. — Ela olhou a bandeja nas mãos de Suzanne. — Apenas dois pratos? Acho que eu não conto?

— Há mais na geladeira, e você não estava

saindo de qualquer maneira?

Outro bufo.

— Sim. Mas você sabe o quanto eu amo suas sobremesas. E ter você me servindo. Sexy deu a Suzanne uma piscadela travessa. — Eu chegarei amanhã depois das minhas rodadas com os *Primoris*. Até mais.

Ela sorriu e se desmaterializou, o que ela sabia que não deveria fazer com Declan na casa a menos que houvesse uma emergência. E se ele abrisse a porta do quarto naquele momento e a visse desaparecer? Foi bom que não houvesse câmeras dentro da casa. Por alguma razão, os anjos estavam preocupados apenas com o exterior. Eles provavelmente não conseguiam compreender uma situação em que algo pudesse ultrapassar suas medidas de segurança para entrar.

Em qualquer caso, Suzanne ia dar a sua irmã um sério sermão amanhã, o que provavelmente aconteceria tão bem quanto quando ela bateu o pé hoje à noite.

Deslocando a bandeja em uma mão, ela bateu levemente na porta de Declan, e em seu grito de — Entre, — ela entrou.

Ele estava descansando no sofá na área de estar, suas longas pernas envoltas em um braço, a cabeça apoiada no outro. Quando ele a viu, sentou-se e colocou os pés no chão.

— Ei. — Ele passou a mão pelo cabelo, deixando-o deliciosamente bagunçado. — Desculpe, eu saí do jantar. Eu juro que não foi uma declaração sobre sua comida.

— Eu sei, — ela disse, fechando a porta atrás dela. — Sexy disse que você tem uma dor de cabeça súbita. Você está bem?

— Sim. — Ele soltou um suspiro exasperado. — Eu tenho tido muitas ultimamente. O médico diz que elas são dores de cabeça de um tipo de cefaleia, mas o mais estranho é que elas duram apenas alguns minutos. Às vezes apenas alguns segundos. Estou começando a pensar que tenho um tumor no cérebro.

— Bem, eu tenho algo que é garantido para fazer você se sentir melhor. — Ela colocou a bandeja sobre a mesa de café ao lado de uma pilha de revistas em quadrinhos. Ela viu várias caixas das coisas quando ela checkou seu apartamento uma vez, mas ela assumiu que elas

eram uma lembrança de infância. Aparentemente não. — Você gosta de morangos?

— Eles são a minha fruta favorita.

— Então você vai amar isso. — Ela entregou-lhe um prato de vidro cheio de morangos com pimentas preta e mergulhados em vinagre balsâmico.

— Parece chique.

— É outro dos meus favoritos. Simples, mas saiba que demorou muito para fazer.

Ela observou-o tomar uma colherada da fruta fatiada e bastante molho. Ele gemeu, fechou os olhos, e sua expressão de puro êxtase masculino fez seus seios formigarem e sua calcinha ficar úmida. Ah, para ver o mesmo olhar em seu rosto durante o sexo... ela estremeceu com a apreciação feminina.

— Porra, isso é bom, — ele ronronou. — Você faz esses pratos no seu programa de culinária?

— Eu fiz o espaguete e sobremesa de morango três shows atrás. — Ela sorriu. — Eu sempre digo aos espectadores que, se eles cozinham os pratos enquanto assistem ao meu vídeo, eles obterão o efeito da comida que eu

pretendo.

Uma sobancelha loira subiu pela testa dele.

— Efeito?

Ela assentiu.

— Cada episódio tem um tema. No mês passado, o tema foi refeições que melhoram o humor e combatem a depressão. Eu tive quase cem e-mails de pessoas que fizeram o meu Frango Anjo Alfredo enquanto assistiam ao show, e disseram que quando comiam, mesmo como sobras, eles experimentaram sentimentos positivos incríveis que duraram um dia inteiro.

O ceticismo em sua expressão não a incomodou em nada. Ela sabia que, o que ela estava dizendo soava maluco, mas ela realmente podia transmitir sua energia através da comida e do vídeo. Era um de seus talentos especiais de anjo, e essa era uma das razões pelas quais os anjos não deveriam ser filmados ou gravados sem um maldito bom motivo. A influência celestial em grandes populações era geralmente proibida, embora tenha sido usada não muito tempo atrás em escala mundial para convencer os humanos de que o recente quase-apocalipse foi causado por um vírus, terrorismo e pânico

humano, e não por demônios.

Declan terminou seus morangos e colocou o prato de lado.

— E qual tema você usou para o episódio do Spaghetti all’Amatriciana e morangos balsâmicos?

Ela esperava que ela não estivesse corando, mas ela definitivamente poderia sentir um formigamento de calor em suas bochechas.

— Especiaria e sensualidade. Eu disse aos espectadores que, se eles lavassem a louça enquanto assistiam ao meu programa, eles experimentariam as reações físicas mais incríveis.

— Reações sexuais? — a maneira como ele disse isso, baixo e esfumaçado, atingiu-a bem nos ovários.

— Para alguns. — De alguma forma, ela conseguiu não soar sem fôlego. — Outros simplesmente se sentirão quentes e confusos.

Diversão curvou os cantos da boca dele.

— Comida sexy. Eu gosto disso. — Ele esticou suas longas pernas e mudou para ficar mais confortável. — Então o que acontece quando você faz os pratos?

Quando ela cozinhava, seu humor infundia energia na comida, motivo pelo qual ela nunca cozinhava para os outros quando estava zangada ou triste. Uma vez, ela cometeu o erro de assar biscoitos na lanchonete *Memitim*, em *Sheoul-gra*, quando ficou furiosa, e o resultado foi um dia cheio de brigas. Em outra ocasião, quando fez uma festa de pena para si mesma, ela fez biscoitos bagatela, picadas de bolo de queijo Trefoil, e torta de nozes, mas esqueceu de avisar os outros para não comê-los. Como resultado, quase duas dúzias de seus irmãos e irmãs passaram horas desfazendo-se em lágrimas.

Desde então, ela só preparava comida quando se sentia otimista, o que era quase sempre. Ela era, por natureza, uma pessoa positiva, e precisava muito para derrubá-la.

— Quando eu cozinho, as pessoas podem saborear o amor que eu coloquei nela, — ela disse simplesmente. Era algo que sua avó humana costumava dizer, e Suzanne sempre acreditou que podia saborear o amor de sua avó em cada mordida. Ela olhou para ele enquanto ele a observava. — Então você conhece uma das

minhas paixões. Diga-me uma das suas.

Havia um brilho impertinente no cinza aço de seus olhos que fez sua respiração pegar enquanto ele se inclinava lentamente em direção a ela. Seu olhar segurou o dela, mantendo-a totalmente congelada no lugar. Quando aqueles lábios firmes e cheios se abriram para falar, ela enfiou as unhas nas palmas das mãos na esperança de que a dor a impedisse de fazer algo estúpido, como beijá-lo.

Sua voz era rica, escura e tão sedosa quanto as penas de um anjo.

— Uma das minhas maiores paixões está entre as suas pernas.

Suzanne quase engasgou com a própria saliva.

—O-o quê?

Seu olhar caiu para suas coxas, e ela olhou para baixo... para ver que ela estava sentada em uma de suas histórias em quadrinhos.

— Sério? — ela puxou a revista em quadrinhos debaixo dela. — Estas são suas paixões?

— Algumas pessoas cozinham, — ele disse com um encolher de ombros, — e algumas

pessoas relaxam com histórias em quadrinhos e graphic novels.

Ela fez uma careta para a capa da revista em sua mão. *The Flash*. A melhor história em quadrinhos na pilha da mesinha de centro era *Nightwing*. Agora a decoração em seu apartamento fazia sentido. Ela apareceu uma ou duas vezes, dizendo a si mesma que era para aprender tudo o que podia sobre seu *Primori*, mas além de um *monte* de bonecos de ação e obras de arte militar, seu lugar era extremamente minimalista. Mas ele tinha muitas dessas figuras de super-heróis e caixas de quadrinhos.

— Há algo para todos. — Ele bagunçou a pilha e jogou alguns, um por um, no sofá ao lado dela. — *Transformers*, *The Walking Dead*, *Star Trek*, *Esquadrão suicida*, *Demonica*, *Vingadores*.

Hawkyn adorava os filmes de *Star Trek*. Espere... ele disse *Demonica*? Curiosa, ela vasculhou os quadrinhos e arrancou um *Demonica* da pilha. Todo anjo que existia estava ciente dessa série em particular, e a maioria deles queria colocar os responsáveis

acorrentados. Ou pior.

Felizmente para os responsáveis, suas identidades ainda não eram conhecidas. A teoria mais popular envolvia anjos, mas quase tão popular era a ideia de que pelo menos um dos autores era um matador de demônios humanos.

Suzanne ainda tinha que formar uma opinião, mas se os autores de *Demonica* fossem anjos, ela teria que admirar sua audácia. Eles estavam colocando segredos celestiais e demoníacos por aí para os humanos verem, e se as identidades deles saíssem, eles poderiam enfrentar encarceramento, tortura e talvez até perder suas asas.

— Essa é uma boa. — Declan gesticulou para o quadrinho de *Demonica* em sua mão. — É definido em uma realidade alternativa em que os demônios existem, mas a maioria dos seres humanos não sabe sobre eles. E há uma agência internacional chamada Aegis que caça demônios. Eles são os bons. Na maioria das vezes. Você deveria tentar. Existem anjos, criaturas, vampiros... existe até um hospital que trata demônios.

— Isso é loucura, — ela disse enquanto

folheava as páginas coloridas.

— Bem, é ficção. Mas se for demais, você pode experimentar um clássico, como o *Superman* ou a *Mulher Maravilha*.

— Não é isso. Eu realmente gostaria de ler alguns desses *Demonica*. É muito louco o quanto os quadrinhos chegaram longe. Eu cresci com *Archie* e *Alley Oop*.

— *Alley Oop*? — ele assobiou baixinho. — Você não cresceu na África. Você cresceu em uma distorção do tempo.

Porcaria. Ela realmente precisava ser mais cuidadosa com as coisas que dizia.

— O que posso dizer? Eles não tinham muitas lojas de quadrinhos onde eu morava.

— Se você quiser, posso levá-la para uma, para que você possa pegar algumas edições anteriores de *Demonica*.

— Eu gostaria disso. — Ela colocou o quadrinho para baixo. — Amanhã?

— Quando você quiser. Você é a cliente.

Ela sorriu, mas ela não gostou do lembrete de que ela o estava enganando. Sim, era para o bem dele, mas ela nunca gostou de mentir para as pessoas com quem se importava. E ela se

importava com ele. Demais.

Ela pegou os pratos de sobremesa na bandeja e se levantou.

— Bem, é melhor deixar você descansar. Como está sua cabeça?

— Está melhor. — Ele lhe deu um sorriso sexy e brincalhão que a fez querer encontrar uma desculpa para ficar. — Deve ter sido seus morangos picantes.

Se qualquer coisa, os morangos dela o fariam sentir-se otimista e talvez um pouco amoroso, coisas que ela sentiu enquanto cozinhava.

— Eu não penso assim, mas você acabou de me dar a ideia de fazer um episódio de 'alimentos curativos' para um dos meus próximos shows.

— Feliz em ajudar.

Ela se dirigiu para a porta.

— Te vejo de manhã.

Ele bateu na porta e a abriu para ela.

— Obrigado novamente pelo jantar.

— Claro.

Quando ela passou por ele, saboreando a sensação de sua pele na dela, ele limpou a

garganta.

— Se você ouvir ruídos no meio da noite, não entre em pânico. Sou só eu patrulhando.

Ela quase derrubou a bandeja apesar de seu aviso sobre não entrar em pânico.

— Você não precisa fazer isso, — ela disse apressadamente. A última coisa que ela queria que ele fizesse era se aventurar do lado de fora da cerca, o que o levaria além da fronteira da ala de proteção. — Quero dizer, eu me sentiria melhor se você ficasse dentro de casa.

Ele olhou para ela como se ela tivesse crescido outra cabeça, mas ele assentiu.

— Eu posso ficar de olho no perímetro com os monitores no escritório de segurança, se é isso que você quer.

— Sim, obrigada. — Ela começou a sair do quarto, mas no último momento, Declan agarrou seu braço, parando-a em seu caminho.

— Suzanne? — sua voz era suave, mas seu olhar inteligente era duro como aço, e ela resistiu ao impulso de tremer. — Existe... alguma coisa que eu deveria saber?

Surpreendida com a pergunta e a suspeita em seu tom, ela engoliu em seco. Duro.

— Como o quê?

— Eu não sei. — Ele a soltou, o que deveria tê-la feito se sentir melhor, mas a verdade era que ela gostava quando ele a tocava, não importava por que ele estivesse fazendo isso. — Eu só tenho a sensação de que há algo que você não está me dizendo.

— Talvez, — ela disse levemente, sua tentativa de tentar desviar, — eu sou apenas uma pessoa privada com um ar de mistério.

Ele sorriu, desarmando-a completamente.

— Ok, dama misteriosa. Eu vou tomar banho e depois fazer as rondas. — Recuando, ele a conduziu pelo resto do caminho. — Vejo você mais tarde.

A porta fechou-se atrás dela, e ela soltou um suspiro de alívio. Ele foi aplacado por enquanto, mas ela tinha a sensação de que ele não perdia muito, e seria mais difícil explicar a estranheza que cercava sua vida.

Mas, por enquanto, ele estava a salvo e, no final das contas, isso era tudo o que importava.

* * * *

Declan não tinha ideia do que estava

acontecendo com Suzanne, mas ele sabia muito bem o que estava acontecendo com ele.

Ou seja, seu pau.

Porra, mas a mulher era fazia o inferno para sua libido. Ou talvez fosse a comida. Comida picante e sexy. Era ridículo, é claro, mas seu pau errante não achava isso. Além disso, aqueles morangos tinham sido incríveis. Doce com apenas uma sugestão de pimenta. Inesperado, assim como Suzanne.

Quem escondia alguma coisa? Ele apostaria sua coleção de quadrinhos nela. Mas o que?

Então, sim, havia um ar de mistério sobre ela, mas quanto a sua outra alegação, que ela era uma pessoa privada? Besteira. Ela era o tipo de mulher que usava suas emoções como suas joias caras, em exibição para todo mundo ver.

Seu celular tocou, e ele amaldiçoou quando pegou o telefone.

— Fale, Ian.

— Apenas verificando para ter certeza de que tudo está bem e que você não entrou em colapso ou alguma merda do tipo. Você sabe, *de desidratação leve*.

Declan nunca se livraria disso.

— Sim, estou bem. Eu estava me preparando para tomar um banho, então, se eu tiver sorte, eu apenas desmoronaria e me afogaria. Isso resolveria o problema da desidratação.

Tag bufou.

— Só mantenha contato. Deixe-me saber se você precisar de alguma coisa. Eu posso enviar Culligan.

— Hilário.

No outro lado da linha, Tag riu e desligou, deixando Declan proferindo maldições quando ele se despiu e entrou no banheiro luxuoso.

A água quente caía como a chuva da gigantesca ducha do chuveiro no teto e os seis pulverizadores de nas paredes. Ele gostaria de dizer que as luminárias, incluindo um painel que permitia que ele programasse cada um dos sprays, bem como a temperatura e o fluxo da água eram exagerados, mas na verdade, ele poderia ficar nessa coisa o dia todo.

O espaço também era grande o suficiente para cinco pessoas, mas ele ficaria feliz com apenas mais uma. Sua mente o levou instantaneamente a Suzanne, que ficaria

perfeitamente bem aqui curvada, segurando no banco de teca enquanto a água escorria por seus seios e coxas. Ele se imaginou de joelhos atrás, lambendo a água da bunda dela, *foda-se, Tag, eu não estaria mais desidratado*, trabalhando até que a língua encontrasse o doce ponto entre as pernas dela que a faria gemer.

Fechando os olhos, ele agarrou sua ereção e manteve a fantasia, só que agora era Suzanne, que estava de joelhos, seus lábios cor de morango enrolados em torno de seu pênis enquanto acariciava seu saco com aqueles dedos longos e graciosos.

Gemeu, deixando sua mão ensaboada deslizar lentamente pelo seu pau, fingindo que a boca de Suzanne faria a ação, seria incrível. Ela era tão cheia de vida e entusiasmo, e ele não tinha dúvidas de que ela lidava com tudo com a mesma energia com que ela cozinhava.

Em sua mente, ela chupou-o profundamente e, em seguida, girou a língua ao redor da cabeça de seu pênis antes de engoli-lo novamente. Suas pernas tremeram quando o orgasmo se formou, e ele teve que estender a mão para se apoiar contra a parede enquanto o

formigamento da explosão iminente se espalhava da base de sua espinha para suas bolas.

Apertando a base de seu eixo, ele segurou, apenas o tempo suficiente para imaginar Suzanne levantando-se e curvando-se novamente para poder abrir bem as pernas e enterrar-se profundamente em sua vagina gotejante. Porra, era isso, o jogo acabou, e ele reprimiu um grito quando chegou em um clímax longo e poderoso que o chocou com sua intensidade.

Jesus, ele pensou, se o sexo fosse tão bom só de pensar em Suzanne, como seria estar com ela?

Não que isso pudesse acontecer. Sexo com clientes não era exatamente proibido, mas a menos que fosse parte do trabalho, também não era incentivado. E Declan aprendeu há muito tempo que chegar perto demais de qualquer pessoa, incluindo colegas de equipe, poderia levar a erros e dor.

Com o canto do olho, através do vidro fumegante, viu o reflexo embaçado da tatuagem nas costas, lembrando-o daquela dor. Ele odiava

isso, tinha tentado removê-la, mas a coisa bizarra não podia ser alterada ou apagada. Era como se *O Homem Lá de Cima* quisesse que ele visse a evidência de sua arrogância e estupidez todos os dias.

Então, não, ele não iria se envolver com Suzanne, não importa o quanto ele se sentisse atraído por ela.

Seu pau só teria que lidar.

Capítulo 7

Suzanne era como uma criança em uma loja de doces com cheiro de pipoca. Ou, para ser totalmente preciso, uma criança numa loja de quadrinhos com cheiro de pipoca. Ela comeu um saco de pipoca de cortesia enquanto andava pelos corredores, parando para admirar obras de arte com temática de super-heróis nas paredes e figuras de ação e recordações nas prateleiras. Quando ela viu a réplica da TARDIS do Dr. Who no canto, ela realmente riu com prazer.

— Esta loja é tão legal. Eu não posso acreditar que nunca estive em um desses lugares. Ela olhou para ele. — Você vem aqui muitas vezes?

Ele encolheu os ombros.

— De vez em quando.

— Ei, Dec! — O dono da loja, Stuart, acenou

quando saiu da sala dos fundos, com os braços carregados de caixas. — Eu tenho o novo *Hellboy* e *Pantera Negra* que você pediu na semana passada.

Suzanne deu-lhe um olhar “você foi pego”.

— De vez em quando, hein?

Ele sentiu o calor do rosto.

— Ok, sim, eu praticamente moro aqui.

— Praticamente? — Stuart gritou enquanto passava. — Eu compro sua marca preferida de pipoca para comer, ele tem um lugar designado na prateleira do refrigerador na parte de trás para refrigerante, e uma das cadeiras na área de estar tem uma marca permanente da sua bunda.

— Obrigado, Stu. Isso não me faz soar patético. — Ele puxou algumas edições de *Demonica* das caixas de coleta e as entregou para Suzanne. — Isso dá para o começo.

— Obrigada. — Ela saltou na ponta dos pés e sorriu. — Isso vai ser divertido. Como eu disse, cresci com *Mighty Mouse*, *Alley Oop*, *Blondie* e *Dagwood*.

Ele balançou a cabeça, desanimado, mas o que ele realmente queria era beijá-la. Ele

apostava que beijá-la seria como sua sobremesa, doce, mas com um toque de tempero e um pouco de calor. E o jeito que ela estava olhando para ele agora poderia ser descrito usando os mesmos termos.

Porra, ele *realmente* queria beijá-la. E depois levá-la do jeito que ele fantasiou no chuveiro na noite passada. E novamente esta manhã, quando ele acordou com um tesão furioso.

Ela olhou para ele, seus olhos brilhantes. Ele se perguntou se eles seriam tão brilhantes se ela soubesse o que ele estava pensando. Eles ficariam surpresos? Chocados? Ou esfumaçados e com as pálpebras pesadas enquanto considerava todas as possibilidades sujas? Talvez todas as opções acima? A própria Suzanne era uma mistura de contradições, tornando impossível prever como ela reagiria a qualquer coisa. Ela parecia ao mesmo tempo inexperiente e sábia, uma inocente sedutora, uma sonhadora realista.

— Então, quanto tempo você realmente gasta aqui? — ela segurou os quadrinhos no peito enquanto caminhava em direção à frente da loja.

— Você está perguntando o quanto eu sou nerd?

Um belo tom de rosa floresceu em suas bochechas.

— Talvez. Você já esteve em alguma convenção de quadrinhos?

Ele pegou uma cópia da mais nova Liga da Justiça enquanto passava por uma prateleira.

— Eu sou muito nerd. E sim, eu estive em uma convenção, mas foi só porque eu estava trabalhando na segurança. — Ainda assim, foi incrível. — Eu conheci Kevin Smith e Robert Kirkman.

Ela colocou seus quadrinhos no balcão de vendas.

— Quem?

— Você não sabe? — Stuart ofegou em falso horror enquanto somava as vendas. — Declan, você trouxe um pagão na minha loja!

— Vamos lá, Stu, — Declan brincou. — De que outra forma podemos infectá-los com nossa obsessão?

— Verdade. — Stuart ensacou os quadrinhos e olhou para Suzanne. — Você é bem-vinda na minha loja sempre que quiser.

— Obrigada. — Ela fez uma pausa com uma risada enquanto brincava em sua bolsa. — Ei, acabei de perceber que seu nome é Stuart e você administra uma loja de quadrinhos. É muito *The Big Bang Theory*.

— Excelente gosto em programas de TV. — Stuart lançou uma piscadela a Declan. — Uma mulher dentro do meu coração.

— Não fique muito animado, — ela disse com um sorriso bem-humorado. — Eu só vejo de passagem quando minha assistente está assistindo TV. — Ela puxou a carteira da bolsa e gesticulou para os quadrinhos. — Eu vou pagar pelos de Declan também.

Declan sacudiu a cabeça.

— Stuart já colocou na minha conta.

— Você tem uma conta?

— Sua conta comprou meu carro novo — disse Stuart com uma piscadela, e Declan gemeu. O cara estava fazendo ele parecer mais nerd do que ele realmente era. Na maioria das vezes.

— Ok, — disse Declan para Suzanne, ansioso para mudar de assunto, — eu mostrei o que eu faço por diversão. Que tal você me

mostrar o que você faz?

— Eu como, — ela disse brilhantemente. — Todo dia eu gosto de fazer algo novo. Café da manhã em Toronto, almoço em Paris, jantar em Xangai.

— Todos os dias, hein? — Ele brincou. — Você tem um transportador pessoal que irradia você de um lugar para outro?

— Oh, não. Quer dizer, eu adoraria fazer isso todos os dias. Eu, ah, saio muito aqui em Dallas. Mas eu adoro viajar o máximo possível. Ela checkou o relógio. — E olhe para isso. É hora do almoço. Por que não vamos ao Top?

— Boa ideia. Eu não consigo pensar em um lugar mais seguro para comer, na verdade. — Não quando um número considerável de funcionários ou seus cônjuges tinham treinamento militar.

Ainda melhor, em um ambiente público cheio de pessoas que ele conhecia, ele estaria ocupado demais para fantasiar sobre Suzanne no chuveiro.

Provavelmente.

* * * *

Suzanne realmente amava a atmosfera no

Top, mas menos sobre decoração e mais sobre a equipe e a comida. No momento em que ela e Declan entraram no restaurante, o aroma do saboroso almoço especial fez com que ela sorrisse, e a calorosa saudação dos dois membros da equipe a encheu de calor que a lembrou da vida com sua família humana.

Ela amava seus irmãos e irmãs anjos, mas dizer que havia muito em termos de recepção calorosa deles seria um exagero.

Imediatamente foram levados para uma das melhores mesas, e ambos pediram o almoço especial. Enquanto esperavam por suas costeletas francesas, Declan contou-lhe histórias engraçadas sobre sua experiência na convenção de quadrinhos, mas quando ela perguntou sobre suas experiências nas forças armadas ou quando estava crescendo, ele evitou as perguntas ou deu respostas vagas e genéricas.

Quando a comida chegou, ele mudou de assunto, fazendo perguntas sobre seu passado e planos para o futuro, ambos os assuntos a deixando extremamente desconfortável. Sim, ela tinha a maioria de suas bases cobertas quando

se tratava de sua história, mas ela tentou ficar o mais perto que podia da verdade, não apenas pela facilidade de lembrar sua história, mas porque ela odiava mentir para Declan.

Seus planos para o futuro eram um pouco mais complicados, em parte porque ela não podia dizer a verdade, e em parte porque seu caminho para o futuro, planejado para ela desde o momento em que ela foi concebida, não era mais o que ela queria.

Foi algo que ela admitiu para si mesma quando disse em voz alta para Declan.

— Eu costumava ter minha vida planejada, — ela suspirou. — Mas algumas coisas aconteceram recentemente para me fazer questionar meus planos.

— Como o quê?

Como você.

— Alguém com quem eu me importava morreu inesperadamente, — ela disse, com a voz presa na garganta enquanto pensava em Meera. — Havia tantas coisas que ela queria fazer, e agora ela nunca terá essa chance.

Ele terminou a última mordida de seu almoço e tomou um gole de chá.

— Então, como isso muda seus planos futuros? Você parece ter tempo e dinheiro para fazer o que quiser.

Deus, ela queria contar tudo a ele. *Não, eu não posso fazer o que quiser. Eu nasci a serviço do Céu e me disseram que não tenho escolha no assunto e que me desviar desse caminho seria egoísta. Mas droga, eu quero ser egoísta. Eu quero fazer um programa de culinária e quero ter amor. O que eu não quero é ser uma guerreira celestial.*

Ela quase caiu de sua cadeira quando a verdade a atingiu como um golpe.

Ela não queria ser um *Memitim*.

Felizmente, ela foi poupada de ter que pensar muito nessa revelação quando Deena apareceu na mesa com uma bandeja nas mãos.

— Eu trouxe-lhe um tratamento especial. — Ela colocou um copo, cheio até a borda com três camadas de líquido na frente de cada um deles. — Linc inventou uma nova bebida e estamos fazendo um concurso para nomeá-la, mas a palavra “Top” tem que estar nela. Dê uma chance. Até agora, os pioneiros são Top Pesado e Mulher em Top.

Balançando a cabeça, Declan empurrou sua bebida para Suzanne.

— Eu não posso. Estou de plantão e estou dirigindo o Jag de Suzy. Mas tenho certeza de que Suzanne pode inventar um nome para nós dois.

O álcool era outra daquelas coisas que era originalmente proibido para os *Memitim*, mas com o tempo as regras se soltaram, e agora era geralmente aceitável tomar um vinho, porém não o álcool pesado. Mas Suzanne estava acima de ser *Memitim*, acima de todas as regras estúpidas, e se ela ia quebrar uma, ela poderia muito bem quebrar todas elas.

Ou, pelo menos, as divertidas.

Ela olhou para Declan, seus sentidos femininos presos a toda essa masculinidade crua e indomada, e sabia, sem sombra de dúvida, que sexo com ele seria uma daquelas regras que seria divertido de quebrar.

Por enquanto, ela pegou um dos pequenos copos.

— Eu ficaria honrada em tentar a sua criação alcoólica, Deena.

Ela bateu de volta, tomando tudo como uma

profissional. Pelo menos, ela se sentia uma profissional por três segundos. E então a queimadura fez seus olhos lacrimejarem e sua respiração parecer fogo de dragão.

— A palavra “top” realmente tem que estar no nome? — ela ofegou. — Porque penso que deveria ser chamado de Óleo Ardente.

Deena riu.

— Você não bebe muito álcool, não é?

Ela balançou a cabeça e olhou para o copo restante como se estivesse cheio de mijo de demônio. Mas ei, ela era uma matadora de demônios, não era? Ela poderia matar essa bebida como uma campeã.

— Vamos tentar de novo. — Preparando-se, drenou o segundo copo. Desta vez ela mal chiou.

Eu sou uma menina grande agora!

Ela riu com esse pensamento e lhe ocorreu que ela já podia sentir o álcool borbulhando em suas veias. Hmm, talvez houvesse uma razão pela qual *Memitins* deveriam evitar o álcool.

— Bem, — disse Deena, — o que você acha agora?

— Eu acho que não deveria ter um terceiro, — disse Suzanne, mesmo que ela quisesse um.

— Mas obrigada. E obrigada pelo almoço. Foi incrível como sempre.

Deena pegou os pratos vazios e os empilhou na bandeja.

— Você sabe, eu não acho que já mostrei a instalação para você. Você gostaria de ver a cozinha?

Suzanne quase saiu de seu assento.

— Eu gostaria? Sim por favor!

Deena fez sinal para Dec e Suzanne seguirem. E, como esperado, a cozinha era incrível, com eletrodomésticos e utensílios de última geração. As mesas de preparação de aço inoxidável brilhavam e o chão estava tão limpo que ela teve medo de pisar nele. Comparada com as enormes cozinhas em que trabalhava em *Sheoul-gra*, esta era pequena, mas era menos industrial e muito mais personalizada, desde fotografias do grupo do pessoal ao longo dos anos penduradas nas paredes, até o quadro branco que continha apenas as especialidades diárias, mas também obras de arte em quadrinhos dos chefs.

Suzanne inalou o delicado aroma de açafrão vindo de uma panela fumegante e admirou a

precisão com que Macon estava usando para decorar uma torta de frutas. Ela poderia ficar aqui o dia todo feliz e apenas fazer anotações.

Alguém bateu uma porta , o que rendeu a alguém uma palavra afiada de Deena, mas Suzanne mal notou, preocupada demais com o que tinha visto do outro lado da porta antes de fechar.

— Ooh, é o famoso armário de suprimentos que eu já ouvi falar? — ela começou a andar em direção a ele, e cada passo era como andar em um parque de diversões tortuoso. O álcool estava realmente afetando-a tão rapidamente? Os formigamentos agradáveis se espalhando por sua pele disseram sim.

— Não é tão emocionante, — Deena gritou enquanto checava o telefone. — Oh, ei, Declan, você pode terminar a turnê por mim? Eu tenho algo para cuidar.

— Com certeza. Se não te virmos antes de sair, obrigado por tudo. Até logo.

Suzanne acenou e pegou a maçaneta da porta. Quando a porta se abriu, ela não tinha certeza do que esperava, mas um armário chato, cheio de material de limpeza e papel higiênico

não era.

— Você parece desapontada, — disse Declan, seu grande corpo tão perto do dela que ela sentiu o calor saindo dele. — Você estava esperando um balanço sexual ou chicotes e algemas fuzzy penduradas na parede?

Sim.

— Não. Ela entrou no quartinho e se perguntou como as pessoas conseguiam fazer sexo em um espaço tão pequeno. — Estou apenas tentando descobrir a mecânica. Entre comigo.

Suzanne...

Ela agarrou o braço dele e puxou-o para dentro, usando a mão vazia para fechar a porta atrás dele. Ele se levantou contra ela, seus quadris encontraram os dela, seu peito apertando seus seios, e sua pele ficou quente por toda parte.

— Você é assustadoramente forte, — ele murmurou enquanto recuava.

Para um humano, sim. Para um *Memitim*... nem tanto. Ela era mediana. Sua melhor habilidade de luta era sua velocidade. E sua sagacidade afiada como uma foice.

Ela riu, porque normalmente não se considerava particularmente espirituosa. O álcool estava chutando sua bunda angelical. E por que estava tão quente aqui?

Declan deu-lhe um olhar engraçado.

— Você está bem?

— Sim. — Ela colocou a palma da mão logo acima do decote de sua blusa decotada e quase gemeu com a sensibilidade aumentada de sua pele. — Eu sinto formigamento, como se houvesse bolhas no meu sangue. — Estendendo a mão, ela pegou a mão dele e substituiu a dela pela dele. — Pode sentir isso?

Aqueles incríveis olhos cinzentos tornaram-se poças lisas e escuras de metal derretido, e ao redor dela, todas as prateleiras cheias de toalhas de papel e material de limpeza deixaram de existir, deixando seu único foco no homem a poucos centímetros dela. Os músculos em sua garganta ondularam quando ele engoliu, seu olhar bloqueado com o dela, sua mão queimando sua pele como uma marca.

Seus ombros se contraíram, as âncoras da asa doendo como se tentassem liberar as asas que ela ainda não tinha. Mas o instinto era

forte, obrigando a necessidade de estender suas asas inexistentes e envolvê-las em torno de Declan no abraço possessivo dos anjos. A dor se intensificou, seu corpo estúpido insistiu em algo que ela não podia fazer. Mas, ao mesmo tempo, outra dor mais doce começou a latejar em sua pélvis, espalhando-se até seus seios e profundamente em seu núcleo.

— Suzanne... — ele parou quando ela se aproximou.

— Você pode sentir isso? — ela repetiu, mas agora ela não estava falando sobre as bolhas em seu sangue. Ela estava falando sobre o que estava acontecendo entre eles. Bem aqui neste armário.

— Sim, — ele disse asperamente.

O tempo parou por um momento, seus olhares se encontraram. Sua mandíbula se contraiu, os músculos se contraindo, os tendões de seu pescoço esticando-se, como se estivesse usando todas as suas forças para manter o controle. Controle que ela não queria. Ela queria que ele liberasse tudo o que ele tinha nela. Tudo.

— Declan, — ela sussurrou.

Como se o nome dele fosse a chave para quebrá-lo, ele abruptamente a puxou contra ele e cobriu a boca com a dele.

Oh, doce Céu, seus lábios eram mágicos, e agora ela formigava por outras razões além do álcool. Bem, ainda era principalmente álcool, porque porra, era quente e o quarto estava girando.

— Vamos lá, — ele respirou contra seus lábios. — Eu preciso te levar para casa.

— Por quê? — ela enganchou a perna em torno de sua coxa, segurando-o onde ele estava, mantendo a crista dura de sua ereção pressionada contra ela. — Eu gosto daqui. — Ela jurou que o ouviu amaldiçoar, o que foi superfofo. — Mas está quente. Eu preciso tirar algumas roupas.

— Ah... ei, eu tenho uma ideia. — Ele gentilmente a tirou de cima dele, mas principalmente ela estava apenas brincando com ele. Ela pode estar bêbada, mas não queria ser pega em uma situação embaraçosa no restaurante que ela frequentava tantas vezes que poderia muito bem se mudar. —Vamos esperar para fazer isso em casa, ok?

— Promete?

— Eu prometo deixar você tirar todas as roupas que você quiser.

— Eu vou te abraçar por isso. — Ela não estava brincando com ele sobre isso.

Ele amaldiçoou novamente, e tudo que ela pôde fazer foi sorrir.

Capítulo 8

Com o coração batendo forte e o corpo zumbindo com luxúria absoluta, Declan de alguma forma colocou Suzanne em seu carro e afivelou-a sem roçar contra o lado dela. Ele praticamente teve que arrastá-la para fora do restaurante, mas ela se sentou em silêncio enquanto ele se acomodava no assento do motorista e foi para o seu lugar. Ela ficou quieta por alguns minutos, tão silenciosa e ainda assim ele pensou que ela tinha adormecido, mas então ela se virou para ele, tão alegre como sempre e não mostrando sinais do que ela quase o fez experimentar no armário.

— Eu me diverti hoje. Obrigada.

Ele olhou para ela, divertido com a voz embriagada dela.

— Não precisa me agradecer. Eu me diverti também. — Seu pênis se contraiu como se para reclamar da falta de diversão. Bastardo idiota.

Ele gesticulou para a sacola de revistas em quadrinhos. — Você vai ter que me deixar saber o que você pensa.

Ela inclinou a cabeça, e mesmo através do brilho embriagado em seus olhos, ele viu um vislumbre de foco.

— O que fez de você um fã de histórias em quadrinhos?

O semáforo à frente ficou amarelo, então ele pisou no acelerador e os atravessou sem parar. Totalmente perdendo o vermelho... e uma multa do policial aparecendo em um estacionamento nas proximidades.

— Eu os leio desde criança, — ele disse simplesmente. — Minha mãe não estava por perto e, mesmo quando estava, estava tão ocupada trabalhando na sociedade que nunca a via, então *Batman* e *Os Vingadores* me fizeram companhia.

Uau, isso parecia bastante amargurado, não é? Era por isso que ele nunca falava sobre essa merda, mas mais uma vez, Suzanne estava ficando sob sua pele e fazendo com que ele se abrisse.

Jules tentou avisá-lo.

— Sinto muito. — Suzanne estendeu a mão e descansou a mão em seu antebraço, e ele queria odiar sua pena, mas estranhamente, ele gostava que ela estivesse tentando consolá-lo. Quando foi a última vez que alguém tentou fazê-lo se sentir melhor sobre alguma coisa?

Quando Gareth morreu.

Seus companheiros de equipe estavam lá para ele. Eles estavam lá quando ele se tornou autodestrutivo, assumindo riscos estúpidos com sua vida. E eles estavam lá quando ele levou a primeira saída oferecida a ele pela Força Aérea.

Uma pontada em sua espinha se espalhou através do sombreado em sua tatuagem e se tornou uma dor surda, como se a maldita coisa tivesse uma linha direta em seu coração, então ele empurrou essa merda com força e ficou grato quando Suzanne perguntou: — E seu pai?

Que piada.

— Ele não é meu pai. Ele foi um doador de esperma.

— Meu pai também, — ela murmurou, tomando a mão de volta para acomodá-la em seu colo. — Quero dizer, ele está compensando agora, mas eu não fui concebida por amor. Foi

tudo ódio e dever.

— Ódio e dever? — ele entrou na estrada, passando entre dois caminhões. Seu Jaguar corria como um sonho. Ele ainda não trocaria seu Rover por isso, no entanto. — E, uh, seus pais não estão mortos?

— Sim, — ela disse rapidamente. — Claro. Eu estava falando sobre meu pai biológico. Eu fui adotada.

Hã. Esse bocado de informação não estava em nenhuma das pesquisas que ele fez, mas não seria tão difícil para uma família manter uma adoção privada.

Ela segurou a mão na frente do rosto e balançou os dedos. — Agora eu sei porque eu não deveria ter álcool pesado.

Não deveria?

— Quem te disse isso?

— Eu não sei. — Ela olhou para o teto do carro, o que fez seus seios levantarem e puxarem o decote baixo de sua blusa. — Apenas sei disso. — Ela balançou a cabeça para trás e para frente como se estivesse testando seu peso, e seus seios testaram o decote. Eles iriam acabar tendo um acidente se ela não parasse

com isso. — Eu esperaria ser capaz de lidar melhor com isso. Meu pai bebe como um peixe, exceto que ele bebe sangue.

— O quê?

— Nada, — ela suspirou. — Eu acho que tenho alguns sentimentos reprimidos sobre a minha família. Eu sinto falta dos que foram embora e eu não entendo os que estão por perto.

— Eu entendo isso, — ele murmurou. Ele não tinha muita família, mas ele tinha muitos amigos que ele sentia falta. — Eu realmente entendo isso.

Deve ter sido algo sobre o jeito que ele falou, porque mais uma vez, ela se aproximou, mas desta vez ela pegou a mão dele, entrelaçando os dedos com os dele. Ele ficou tão surpreso que ficou sentado em silêncio, sem saber o que fazer. O que o irritou, porque ele geralmente sempre sabia como lidar com qualquer situação.

— Onde mora sua família? — perguntou Suzanne, com o olhar fixo em alguma coisa do lado de fora da janela do passageiro.

— D.C. — ele disse, oferecendo nada mais. Mas Suzanne sendo Suzanne, ela não entendeu a dica.

— É de onde você é?

— Sim.

— Irmãos e irmãs?

Ele saiu da rodovia e se fundiu na estrada que os levaria a um dos bairros mais ricos da cidade.

— Eu tenho quatro meio-irmãos e irmãs que nunca conheci.

Ela soltou uma risada silenciosa.

— Nós temos muito em comum. — Apertando a mão, ela olhou para ele. — Eu estou supondo que seus pais são divorciados?

— Eles nunca foram casados, — ele disse. — Meu pai mal reconhece minha existência.

Não, Declan era um inconveniente secreto do senador Thaddeus Cantor III, que o queria fora do caminho desde a primeira vez que ele pressionou a mãe de Declan a fazer um aborto... mesmo quando ele fazia campanha antiaborto. E enquanto era apenas uma suspeita por parte de Declan, ele tinha certeza que seu pai não tinha desistido de tentar se livrar de Declan, até mesmo ao ponto de pedir favores para mandar Declan em missões de alto risco nas forças armadas.

— Isso é realmente uma merda, — ela disse suavemente. — Você é próximo de sua mãe?

Ele se virou para a garagem de Suzanne. — De modo nenhum.

Declan foi um meio para o fim de sua mãe, chantagem para conseguir o que ela queria de um poderoso senador dos Estados Unidos. Jeanne Burke não tinha conseguido convencer Thad a deixar sua esposa e família, mas nos anos desde que Declan nasceu, ela ganhou muito dinheiro, um trabalho de alta patente como porta-voz do Pentágono e viveu a vida social que ela sempre ansiava.

E eu fiz tudo apesar de você, ela disse uma vez a Declan.

Graças a Deus ela nunca esperou que ele fosse para casa nos feriados. Inferno, ele tinha sorte quando ela se dava ao trabalho de assinar cartão de Natal que sua assistente enviava com uma cesta de frutas.

Depois de apertar o código do portão, ele estacionou o carro de Suzanne, mas antes mesmo de desligá-lo, ela estava fora do veículo e indo em direção à casa.

— Eu tenho que nadar, — ela gritou, mesmo

quando ela começou a tirar a roupa.

Merda. Ela ia afogar sua bebedeira. Ele correu atrás dela, pegando as roupas que ela jogou no chão como farelo de pão.

Ele não tinha ideia de como ela chegou tão longe dele, mas no momento em que ele saiu para a piscina, ela estava nua, nua.

E flutuando imóvel, com a face para baixo, na superfície.

— Suzanne? — ele se moveu para a borda, seu coração batendo um pouco mais rápido. — Suzanne?

Ela não se mexeu. Filha da puta! Em segundos, ele tirou os sapatos, tirou a camisa, desarmou-se, esvaziou os bolsos e mergulhou na água. Como um PJ treinado para resgates de água, ele tirou muitas pessoas do mar. Mas esta foi a primeira vez que entrou em uma piscina atrás de uma mulher nua.

Bem, atrás de uma mulher nua e *inconsciente*.

Ele a alcançou ao romper a superfície, mas quando a puxou em seus braços, ela despertou, piscando seus olhos grandes e sonolentos para ele.

— Que diabos você estava fazendo? — ele praticamente gritou. — Prendendo a respiração? Você me assustou, porra.

Sua boca se curvou em diversão.

— É difícil nos afogar. — Ela estendeu a mão, enrolando o braço em volta do pescoço dele enquanto deixava cair as pernas para que ela ficasse de pé e seu corpo nu estivesse colado ao dele. — Eu eestou quente. Você estava quente? A água parece muito melhor.

Ok, claro, a água ficou ótima. Mas seu corpo escorregadio e duro parecia ainda mais incrível.

É difícil nos afogar.

O que isso significa? Deus, esta tarefa poderia ser mais estranha? Ele ia chutar o traseiro de Ian por isso. Supondo que Ian não fosse chutar Declan primeiro, por se envolver com um cliente.

Não que ele estivesse envolvido. Na verdade, não. Embora ele soubesse exatamente o que Ian diria se ele se aproximasse deles nessa posição agora.

Não envolvido? Você está brincando comigo? Ela está nua, você está praticamente nu e sabe muito bem como isso vai acabar.

O Ian imaginário, então, chamaria Declan de o mais novo idiota, ou lhe entregaria um preservativo.

O cara era imprevisível pra caralho.

As mãos de Suzanne acariciaram seus ombros e deslizaram para suas costas enquanto ela enterrava o rosto em seu pescoço e acariciava a pele sensível entre sua mandíbula e sua orelha. Puta merda, seu corpo escorregadio de água ficava bem deslizando sobre o dele. Seus seios se esfregaram contra o peito dele enquanto ela ondulava, e seus gemidos delicados o fizeram vibrar todo o caminho até suas bolas.

Uma de suas mãos caiu e seus dedos encontraram a braguilha de seu jeans. Mas antes que ele pudesse impedi-la, ela parou e se afastou com um sorriso travesso.

— Vamos para dentro. — Sua voz era rouca, gotejando desejo desmedido. — Meu quarto.

Ok, ele poderia fazer isso. Ele poderia levá-la para o quarto dela e colocá-la na cama para dormir. Com certeza, neste minuto não havia mais nada que ele quisesse do que transar com ela, mas não havia como ele fazer isso enquanto

ela estivesse intoxicada. Se ele iria arriscar seu trabalho, ele faria isso enquanto ambos estivessem sóbrios.

Tomando a mão dela, ele se virou para os degraus, mas ela o empurrou para parar com sua força bizarra. Isso fez com que ele se perguntasse como ela manteria essa força na cama. Ela era uma amante gentil e brincalhona, ou gostava de algo violento e sujo?

— Espere. — Ela estendeu a mão para ele, e ele ficou tenso quando a palma da mão desceu em sua omoplata. — Essa tatuagem é incrível.

— Não toque...

Muito tarde. Ele estremeceu quando seus dedos hábeis traçaram os contornos das asas de anjo que atravessavam sua pele desde o meio das costas até os ombros. As asas eram sensíveis, dolorosamente às vezes. Mas às vezes, como agora, eles se tornaram zonas erógenas.

— O detalhe é excelente. A tatuagem quase parece... viva. Sim, também era assim para ele. — Quando você a conseguiu?

— Alguns anos atrás. — Sua voz foi cortada, falada através dos dentes cerrados. Ele realmente não queria falar sobre isso.

— Por quê?

Raiva e dor carregada como ácido em seu peito, queimando pra caralho. Ele odiava tanto a pergunta, mas ele não conseguia encontrar a força de vontade para dizer a Suzanne para se foder do jeito que ele fazia com todo mundo.

— Declan? — ela solicitou, seus dedos acariciando as penas pintadas na parte inferior de uma das asas. Sensação erótica disparou direto para seu pênis, tornando-se a única razão pela qual ele ainda estava lá quando ele queria fugir. — O que isso significa? — Sua voz tornou-se provocante. — Você é algum tipo de anjo da guarda?

— Eu não sou nenhum anjo, Suzanne. — Ele rosnou. — A tatuagem não significa nada.

Ele começou a se afastar, para sair desta maldita piscina onde ele estava preso com uma sereia nua que o tentou não apenas para descarregar seu pênis dentro dela, mas para descarregar seu passado também. Mas então ele congelou quando sentiu uma sensação diferente em suas costas. Algo quente. Suave. Molhado.

Sua língua.

Um suspiro escapou enquanto ela arrastava

a língua por seu ombro, onde ele sabia exatamente qual pluma ela estava provando. Seus lábios pressionaram sua pele quando ela o beijou lá, e ele estremeceu com os arrepios eróticos que se espalharam de todos os pontos de contato.

— Suzanne, — ele gemeu. — Você tem que parar.

— Por quê? — ela o beijou novamente, desta vez no topo da asa direita, seus seios molhados pressionando em suas costas.

Porque estou tentado.

— Você está bêbada.

— Sim. Mas eu sabia o que queria antes de tomar uma bebida.

Merda. Isso não estava indo bem. Suavemente, ele alcançou atrás dele e pegou seus pulsos, mas em um movimento surpreendentemente poderoso e rápido, ela deslizou de seu aperto e girou em torno dele assim que ele estava de frente para ela, seu peito contra o dela, sua ereção pressionando em sua barriga através de seus jeans encharcados.

Sorrindo, ela se inclinou, enterrando o rosto em seu pescoço. Seus lábios macios

mordiscavam sua garganta enquanto suas mãos vagavam para baixo, deslizando de seu peito para sua cintura, as pontas de seus dedos deslizando sob seu cós.

Um pequeno avião sobrevoou e não imaginava que fosse um jato particular caro, provavelmente indo para o aeroporto particular nas proximidades. Ele teria revirado os olhos se não estivesse em uma luxuosa piscina com borda infinita com uma rica herdeira que o estava tentando como ninguém jamais tivera.

Mas qual era o jogo dela?

Quando o zangão do motor do avião desapareceu, ele se afastou para poder ver o rosto dela.

— O que é que você quer? Mesmo.

— Huh? — ela piscou, mas seu olhar ainda estava fora de foco. — Eu quero fazer sexo com você. E quero que você me conte sobre a tatuagem.

Fechando os olhos, ele soltou um suspiro longo e tenso. Ele queria sexo também, mas em toda a realidade isso não poderia acontecer. Ele já se importava com ela mais do que deveria, e o sexo apenas aprofundaria seus sentimentos por

ela, tornando-o menos eficiente em seu trabalho.

— Bem? — Sua palma encontrou seu zíper novamente, e seus olhos se abriram. — Que tal você me falar sobre a tatuagem e depois fazemos sexo?

Seus dedos circularam seu pulso enquanto ele relutantemente retirou sua mão.

— Suzanne, me escute. Nós não podemos fazer isso.

Como um relâmpago, ela pegou a outra mão e colocou-a em seu monte.

— Bem aí, — ela disse suavemente. — Oh, sim... — Ela bombeou seus quadris para que seus dedos deslizassem entre suas dobras e ele quase veio em suas calças. — Toque-me, *por favor*.

Havia um desespero em sua voz diferente de tudo que ele já ouvira. Oh, ele fez as mulheres implorarem antes, se deliciou com seus pedidos de libertação, mas isso era diferente. Havia dor por trás desse pedido de prazer.

— Suzanne... — Sua voz soou torturada para seus próprios ouvidos. — Eu não posso.

Seus dedos afundaram dolorosamente em

seu pulso.

— Mas e se eu morrer?

— De não ter um orgasmo? — ele tentou guiá-la em direção aos degraus. — Eu não acho que isso seja possível.

— Não. — Ela balançou a cabeça, seus cachos úmidos batendo contra suas bochechas. — E se eu morrer e não tiver um? — ela estava falando sério, seus olhos castanhos nadando em lágrimas não derramadas.

— O que é isso, Suzanne? Seu perseguidor? Ele ergueu o rosto com um dedo sob o queixo, certificando-se de que ela visse a determinação e a promessa em sua expressão. — Eu não vou deixar ele te machucar. Eu juro. Nada passará por mim.

As lágrimas ameaçaram derramar, e ele não conseguia se impedir de puxá-la para perto. Ela veio de bom grado, dobrando-se em seus braços enquanto pressionava a testa contra o peito dele. Eles ficaram assim por muito tempo, até que seus soluços se acalmaram e ela caiu sobre ele.

— Suzanne? — ele beijou o topo de sua cabeça. — Ei. Você está bem?

Houve um ronco suave.

Inacreditável. Ela desmaiou. De pé. Em uma piscina.

E agora ele tinha uma nova coisa mais estranha que já aconteceu com você em uma história de trabalho.

Porra, esse trabalho era bizarro.

Capítulo 9

— Volte para a cama, Hawk.

Hawkyn terminou de abotoar a camisa e virou-se para sua companheira, reprimindo um gemido ao ver Aurora deitada enroscada nos lençóis, o cabelo loiro caindo sobre o travesseiro, os seios espreitando por baixo do edredom. Eles passaram uma hora esta tarde fazendo amor, e então eles adormeceram... até que o toque incessante de seu telefone o acordou.

— Eu queria poder, mas Sexy ligou. Ela está ocupada com uma de suas *Primori* e não pode checar Suzanne, então eu vou rapidinho.

Aurora se apoiou em um cotovelo, o cobertor se afastando para revelar os seios cheios e pesados que ele beijou mais cedo, e a onda de sua barriga de grávida que ele gostava de descansar a mão quando ele caía no sono todas as noites.

— Tenho certeza que Suzanne está bem, —

ela disse em um bocejo. — Ela não teria sido atribuída a um *Primori* se você não a tivesse treinado corretamente. Talvez você devesse dar um pouco de espaço para ela.

Ele enfiou os pés em suas botas.

— Eu adoraria, mas ela é... Suzanne.

— Ela não é uma criança.

Não, ela não era. Mas ela era jovem. Inocente. Não moldada para isto tudo.

— Eu vou apenas verificá-la. Eu não vou interferir.

— Pfft. — Ela revirou os olhos. — Você? Não interferir?

Sim, sim, então ele era um pouco superprotetor.

— Eu ficarei lá dois minutos, no máximo.

Aurora caiu de novo nos travesseiros com um pequeno grunhido de frustração.

— Com o que você está preocupado? A sério. Que ela não possa proteger o *Primori* sozinha?

— Não é só isso. Eu me preocupo que ela tenha sentimentos por ele.

Ela rolou para o lado e se apoiou novamente.

— Eu sei que os relacionamentos *Memitim* /

Primori são proibidos, mas vamos lá, o Conselho fez uma exceção para nós.

— Nossa situação é diferente por muitas razões.

— Bem, ainda é estúpido. — Aurora pensava que muitas das regras que os *Memitins* tinham que seguir eram tão estúpidas quanto essa, mas, neste caso, as regras eram boas. — Ok, então o pior cenário?

— Ela não ascende ao anjo pleno e é relegada ao status humano.

Aurora franziu a testa.

— Mas ela é *Memitim*. Como ela pode ser transformada em uma espécie diferente?

— Ela não seria tecnicamente humana. Ela teria seus poderes despojados, o que a deixaria indefesa e mortal. Eu não posso deixar isso acontecer. Especialmente não por um macho humano.

— Você não é um pouco elitista? — ela murmurou, mas ela estava provocando. Bem, ela estava brincando, mas ela não estava necessariamente errada.

— Bem, é uma coisa boa você não ser humana, não é? — ele deu um tapinha na

bunda dela e se inclinou para beijá-la nos lábios. — Eu tenho negócios do Conselho depois disso, então verei você em algumas horas.

Ela deslizou a mão por sua coxa e apertou.

— Não demore muito. Eu tenho o dia de folga no SPA e quero passá-lo com você. E com o jeito que esse bebê drena minha energia, eu preciso recarregar em breve.

Recarga, neste caso, significava sexo. Como Wytch, ela se alimentava da energia dos outros para alimentar suas habilidades, e seu método favorito de extrair poder dele era via orgasmo.

Ele não reclamava.

— Eu te amo, — ele murmurou contra sua boca.

Ela sorriu sussurro — Eu também te amo — ecoou em seus ouvidos quando ele estendeu as asas e saiu de lá.

Por um instante ele pensou em se materializar do lado de fora do portão da mansão e entrar como uma pessoa normal, mas na verdade, ele só precisava dar uma olhada rápida para se certificar de que Declan estava fazendo seu trabalho e que Suzanne estava... bem, fazendo tudo o que Suzanne deveria estar

fazendo em seu papel de herdeira mimada. Então ele ativou o encobrimento, permitindo que ele se movesse em completa invisibilidade e aparecesse em seu quintal.

Ela não estava descansando na piscina como ele esperava. Mas as roupas dela estavam lá. Incluindo seu sutiã e calcinha.

E ao lado de sua pilha de roupas estava a pilha de Declan, que incluía botas, camisa, celular, chaves e uma arma.

O intestino do Hawkyn se contorceu.

Ela não. Ela *não iria*.

Putá merda

Ele não achou. Não hesitou em nada. Ele entrou no quarto de Declan, momentaneamente aliviado por não encontrar sua irmã emaranhada nos lençóis com o cara. Então ele tentou o quarto de Suzanne, mais aliviado por encontrá-la sozinha. O alívio não durou, não quando ele a viu nua e esparramada na cama. Ele desviou o olhar e jogou as cobertas sobre ela.

— Suzanne. — Ele balançou o ombro dela.

— Suzanne! Acorde.

— Declan, — ela suspirou, um sorriso

secreto curvando seus lábios.

Hawk conhecia aquele sorriso. Sabia disso porque ele o via toda vez que acordava Aurora com carinhos íntimos.

A ira irracional girou, aquecendo seu sangue até que ele praticamente sentiu o vapor saindo de suas orelhas. Sinos de advertência soaram em sua mente, lembrando-o de que esse tipo de fúria vinha diretamente de seu pai, diretamente do DNA de um anjo caído cujo mal enegreceu sua alma por milênios.

Chamas de calor lambendo sua pele, Hawkyn ignorou os avisos.

Primori ou não, Declan ia levar uma surra.

Capítulo 10

Depois que ele tomou banho, e enquanto Suzanne dormia com o álcool, Declan patrulhou os jardins e analisou as medidas de segurança. Em determinado momento, ele até ligou para Deena para perguntar o que diabos tinha na bebida que Suzanne engoliu, mas não continha nada fora do comum. Ele não esperava ouvir que havia algo estranho no drink, mas ele estava esperando que talvez houvesse um ingrediente alimentar exótico que pudesse explicar seu comportamento.

Não.

Agora ele estava olhando as imagens de segurança dos últimos dois dias. Ele não esperava ver nada além de um guaxinim ou gato andando em cima da cerca ou no terreno, mas algo estranho chamou sua atenção.

Ontem à noite, a merda ficou muito foda.

Na marca das 19h37, apenas alguns

minutos depois que ela se levantou da mesa de jantar para verificar a sobremesa, Suzanne entrou no terreno do lado de fora do portão de segurança. Que diabos? Ele não a viu sair. Franzindo a testa, ele inverteu as imagens, mas não, ela não tinha saído. Não a menos que ela soubesse de uma maneira de sair da casa e do lado de fora da cerca sem que as câmeras a pegassem. Havia alguns pontos cegos, mas eles eram limitados, e ele pessoalmente os testou para garantir que era impossível para qualquer coisa maior do que um cocker spaniel⁽²⁾, correndo em um padrão complexo fosse da cerca para a casa e vice-versa sem pelo menos uma câmera pegá-lo.

Houve uma falha na gravação? Ele verificaria os registros do portão eletrônico para ver se ela tinha sido gravada saindo e entrando, e talvez ele pudesse...

O cabelo na parte de trás do pescoço se levantou e a porra da sua tatuagem gritou um aviso, como se um raio o tivesse golpeado na espinha. Instintivamente, ele alcançou o conforto de sua arma, apenas para perceber que ainda estava ao lado da piscina. Idiota!

— *O que diabos você fez com ela?*

Declan levantou-se e girou em direção à porta do escritório, mas ele nem sequer teve tempo para ajustar sua posição antes que o assistente de Suzanne, Hawkyn, o tivesse pela garganta e preso à parede. Seus pés não estavam nem tocando o maldito chão.

— Eu disse — rosnou Hawkyn — o que você fez com ela?

Declan jurou que tinha chamas dançando nos olhos verdes do cara, mas isso provavelmente era apenas o resultado de uma falta de oxigênio em seu cérebro.

— Nada, — ele murmurou. Jesus, o aperto do Hawkyn era como uma porra de braçadeira de aço. — Ela tomou um par de bebidas. Ela está dormindo.

Hawkyn grunhiu e bateu Dec contra a parede novamente. Dor rachou em sua espinha e costelas, e maldição, ele estaria sentindo isso por dois dias.

— Você deu álcool a ela?

— Que caralho? — O cara fez soar como Declan tivesse lhe dado metanfetamina ou uma doença venérea. — Eu não dei nada a ela, porra,

— ele disse asperamente. — E amigo, ela é adulta. Ela bebeu de bom grado. Em um restaurante.

— Você se aproveitou dela? — Apertando os dentes, Hawkyn apertou com mais força. — Se você tocou nela...

— Eu não, — ele resmungou, mas mesmo quando ele disse isso, ele percebeu que beijá-la era tocar. A mão entre as pernas dela era *definitivamente* tocando-a. E ele teria feito muito mais do que isso para ela se ela estivesse sóbria. Provavelmente é melhor não dizer nada disso para esse lunático. — Eu a coloquei na cama. Isso é tudo.

O tempo se esticou quando a visão de Declan ficou embaçada e manchas de luzes e sombras alternadas dançaram na frente dele, não importando o quanto ele lutasse contra o domínio de Hawkyn.

— Filho da puta. — Finalmente, Hawkyn soltou Declan, e ele agradeceu silenciosamente pela parede atrás dele. — Não deixe ela fazer isso de novo. Alguns de nós não podem tolerar isso.

Alguns de nós?

— Que diabos você está falando? Não deixá-la? Eu sou seu guarda-costas, não sua babá. Se ela quer beber uma garrafa inteira de Jack e ter uma orgia na piscina, essa é a escolha dela. — Sua escolha, sim, mas não havia como ele ficar parado e deixar acontecer, não importa o que ele tivesse acabado de dizer a seu assistente autoritário. O pensamento dela se envolvendo em uma orgia o deixou um pouco irritado. — E quem é você afinal? O pai dela? — Ele esfregou a garganta e se perguntou se haveria hematomas em forma de mãos. — Jesus. Ela sabe que você é um fodido psicopata?

Hawkyn riu, aparentemente frio ao ser chamado de louco.

— Basta fazer o seu trabalho e manter suas patas longe dela.

O som de uma limpada da garganta os parou quando eles se viraram para a porta. E uma muito zangada Suzanne, os lábios franzidos, os punhos cerrados ao lado do corpo, de pé lá.

— O que diabos está acontecendo? — ela retrucou. — Eu podia ouvir vocês dois do outro lado da casa.

Deus, ela parecia adorável no robe de seda curto, seu cabelo despenteado, seus pequenos pés escondidos em chinelos fofos. Quando ela olhou para Declan, suas bochechas ficaram rosadas e ele se perguntou o quanto ela se lembrava do incidente da piscina.

Hawkyn agarrou seu braço com força suficiente para fazê-la ofegar em indignação.

— Nós precisamos conversar. — Ele começou a arrastá-la para fora do escritório, mas algo dentro de Declan estalou. Duro.

Com um grunhido, ele colocou a mão no ombro de Hawkyn e o girou no batente da porta.

— Eu não dou a mínima para quem você é ou quão louco você pode ser. Você não lida com ela assim.

Desta vez, as chamas nos olhos do outro cara não estavam na imaginação de Dec. De jeito nenhum. Não com o jeito que eles estavam chutando uma rajada de calor. E ainda assim, era impossível. Ele estava ficando louco, porra.

Hawkyn sibilou, porra assobiou, mas antes de se lançar no que Declan tinha certeza seria uma batalha brutal, sem limites, Suzanne estava entre eles, uma palma em cada um dos

peitos deles. Muito ruim, porque neste momento, Dec estava pronto para uma briga, e claramente Hawkyn também estava.

— Ei rapazes. Vamos respirar fundo. Dec, voltarei em um minuto. Hawk, vamos conversar.

Declan se afastou, contente em deixar Suzanne lidar com isso. Mas se ele ouvisse um único som que o fizesse pensar que ela estava em apuros, aquele desgraçado do Hawkyn teria a briga que ele estava procurando.

* * * *

Suzanne. Estava. Furiosa.

E ela não tinha absolutamente nenhuma dúvida de quem merecia sua fúria.

No momento em que ela e Hawkyn entraram na biblioteca maciça e à prova de som do primeiro andar, ela fechou a porta e se virou para ele, com os punhos cerrados ao lado do corpo, a respiração queimando como fogo em sua garganta.

— Tudo bem, mano, o que diabos foi aquilo?

— Eu sou o único que consegue fazer perguntas aqui. — Hawkyn apontou pela janela para o quintal. — Eu cheguei para verificar você

e eu encontrei suas roupas... e as dele... ao lado da piscina, e então eu te encontrei na cama. Nua.

Seu rosto ficou tão quente que ela sentiu como se estivesse em uma das celas da prisão infernal de Hades.

— Você estava no meu quarto? — Ela puxou o roupão mais apertado, imaginando exatamente o quanto ele tinha visto. — Você está brincando comigo?

Ele teve a graça de parecer envergonhado. — Eu pensei que você e Declan estivessem, não importa. Mas você...

— Espere. — Ela levantou a mão para cortá-lo. — Você pensou que Declan e eu estávamos fazendo sexo, não é? Bem, tenho novidades para você. Mesmo se tivéssemos, não seria da sua conta. Nenhuma. Se eu quiser fazer uma... uma... vaqueira reversa em um armário de suprimentos para restaurantes ou... um carrinho de mão na piscina, você não tem nada a dizer. Entendido?

Ele deu a ela um olhar divertido.

— Você sabe quais são essas posições? Ou talvez você pense que potencialmente se afogar é

erótico?

— Isso não é engraçado. — E não, ela não sabia quais eram essas posições. Ela tinha ouvido falar delas, mas que seja. Essa era uma questão para o Google.

— Eu não estou tentando ser engraçado, — ele retrucou. — Isso é sério, Suz.

Ela bufou, cansada de ser tratada como uma criança.

— Você acha que eu não sei disso? Você acha que depois de mais de cinquenta anos de você me perguntando sobre todas as nossas leis, costumes e regras que eu não sei o que são ou o que estou fazendo? Eu estou protegendo o Declan, e vou fazer do jeito que achar melhor.

— Então, isso inclui ficar nua com ele.

— Ele não estava nu. — Ela só queria que ele estivesse nu.

— Mas você estava.

Seu rosto se aqueceu novamente. — Obviamente.

— Merda. — Ele esfregou a mão sobre o rosto. — Estou supondo que você não teve relações...

— Não diga isso! Eu não quero ouvir nada

disso do meu irmão. — Tão nojento. — E não que isso seja da sua conta, mas não.

— Então as orientações são obscuras. Se ele tocou em você... — ele fez uma pausa e engoliu, como se ele se sentisse fisicamente doente... — então você pode se safar sem declarar isso quando você ascende.

— Ascender? — ela jogou as mãos para cima em frustração. — É tudo com o que você se importa? Estou farta de ouvir sobre isso. Ascender, Ascender, Ascender. Dane-se isso. Eu sou jovem, Hawk. Isso não vai acontecer por séculos, então podemos parar de falar sobre isso?

Ela nem queria pensar nisso. Ao contrário de todos os seus outros irmãos e irmãs que constantemente fantasiavam em ganhar suas asas e se juntar aos anjos “reais” no Céu, Suzanne gostava disso aqui, a Terra, e ela queria experimentar sua história como acontecia. Ela queria vivê-la, não vê-la se desdobrar da distância impessoal do Outro Lado.

— Não, nós não podemos, — ele disse. — Como é o evento mais importante que pode

acontecer a um *Memitim*, e se você não vive sua vida com esse objetivo em mente, pode se perder. Eu não vou deixar isso acontecer, Suzanne.

— Sim? — ela cruzou os braços sobre o peito, cavando dentro — Bem, é a minha vida, e como eu vivo, é a minha escolha. Minha. E agora eu escolho ficar sozinha, por favor, saia.

— Droga, mana. Estou tentando te proteger. Ela jogou a mão na porta.

— Saia! E não se atreva a ameaçar Declan novamente.

— Você precisa demiti-lo e voltar para *Sheoul-gra*.

— Não.

— Não é uma sugestão, — ele disse, suas asas brilhantes saindo de suas costas. — É uma ordem.

Ela chupou uma respiração assustada. Ele nunca puxou essa posição com ela. Ele certamente nunca abriu as asas em uma demonstração de superioridade. Como as coisas ficaram tão ruins entre eles? Como não podia ver que ela tinha que fazer isso? Declan morreria sem sua proteção constante.

Ela morreria se ficasse presa em *Sheoul-gra*.

— Eu disse não. Declan precisa de proteção de segunda a segunda.

— Nossos irmãos e irmãs vão ajudar a cuidar dele, — ele argumentou fazendo todo o sentido.

Ela sabia que podia contar com seus irmãos *Memitim* para ajudar, mas e se a pessoa que estava vigiando fosse chamada para o seu próprio *Primori*? Declan estaria vulnerável, mesmo que fosse só por alguns minutos até que ela pudesse chegar lá.

— Você está próxima demais, — ele continuou. — E se eu tiver que ir ao Conselho para transferi-lo para outro *Memitim*, eu o farei.

A raiva a engoliu inteira.

— Como você pode? Você... seu... imbecil! — Enquadrando seus ombros, ela foi até a porta e abriu-a. — Você precisa sair.

Ele cuspiu uma maldição desagradável, mas não discutiu. Ele guardou as asas e saiu da biblioteca, suas botas pesadas bateram no piso e ecoaram pela casa até que ele saiu na porta da frente.

Porcaria. Ela não queria que isso

acontecesse. Ela amava seu irmão e odiava brigar com ele, mas ela também odiava ser tratada como uma *Memitim* novata que nem lutou com seu primeiro demônio. Sim, ela cometeu erros, e não, ela não tinha séculos de experiência como a maioria de seus irmãos e irmãs, mas ela não era completamente ignorante.

Ela proferiu obscenidades em voz baixa enquanto voltava para o escritório de segurança, onde Declan estava em frente a um dos monitores, os músculos de suas costas largas ondulando com cada movimento minúsculo. Seu estômago se revirou de ansiedade quando ela ficou na porta, imaginando o que dizer. Ele provavelmente estava chateado com Hawkyn e confuso com o comportamento dela na piscina.

Tão constrangedor. Ela desejou que não se lembrasse, mas estava tudo muito claro. Ela podia colocar a culpa de suas ações no álcool, mas no fundo, ela sabia que tudo o que fez e disse se originou de desejos e sentimentos reais.

Mas e quanto a Declan? Seus sinais misturados constantemente a deixavam desequilibrada. Ele a beijou, e ela sentiu a

evidência de seu desejo pressionando em sua barriga no armário do restaurante e na piscina. Mas ele continuou se afastando. Concedido, tinha sido a coisa cavalheiresca dada a sua embriaguez.

Talvez fosse hora de descobrir onde eles estavam. Ela só esperava que estivessem no mesmo lugar. Não era como se ela estivesse procurando por casamento, afinal. Ela queria apenas uma noite na cama para quebrar uma regra e um hímen.

Um hímen figurativo, pelo menos. *Memitins* não os tinham.

Ela respirou profundamente e entrou na sala de segurança, onde Declan estava pairando sobre um monitor de câmera, seu olhar focado na tela. Ele estava vestido com calças pretas de estilo militar com botas e uma camiseta preta, e ninguém que o visse duvidaria que ele fosse uma força a ser considerada.

— Declan. Ei. Olha mais cedo...

Ele não olhou para cima, mas seu aperto na mesa ficou branco.

— Seu assistente é maluco e você deve demiti-lo.

— Hawk é um pouco superprotetor, — ela disse. — Mas ele está bem.

Ele se virou, sua expressão esculpida em granito, seus olhos tão frios e cinzentos quanto o inverno na Inglaterra.

— Então o que ele diria sobre isso?

Ele gesticulou para um dos monitores da câmera, onde uma imagem dela do lado de fora da cerca, na noite anterior, estava em exibição total.

— Oh, isso. — Merda. Ela esqueceu de toda a porcaria de segurança. Talvez Hawkyn estivesse certo em se preocupar com ela. Ela era uma péssima *Memitim*. — Sim, hum, enquanto eu estava verificando a sobremesa, olhei pela janela e pensei ter visto um gato e fui checar.

— Um gato. Realmente. — O ceticismo escorria de sua voz. — E como, exatamente, você saiu do muro sem acionar nenhum dos sensores de movimento ou aparecendo na câmera?

— Obviamente, alguns equipamentos são ruins. Por que você não dá uma olhada nisso?

— Eu considereei isso, — ele disse. — Mas então eu encontrei outra coisa que não fazia

sentido. Ele apontou para uma captura de tela dos registros do portão. — Talvez você possa explicar por que há um registro de você entrando pelo portão, mas nenhum registro de você ter saído da propriedade, e enquanto você está nisso, explique como Hawkyn entrou na casa sem o portão registrá-lo?

Merda de novo. Ela encolheu os ombros.

— Como eu disse, falhas.

— Em dois sistemas diferentes e independentes? — Declan deu um passo mais perto e ela lutou contra o desejo de voltar atrás. — Por que você está mentindo para mim?

— O que? Mentindo? — Ela tentou soar inocente e ofendida. A combinação fez com que ela parecesse culpada. — Eu não estou.

— Besteira. Você está corando. Suas pupilas estão dilatadas. E a menos que vocês dois possam se teletransportar, há outro caminho para esta casa que você não me contou. Cadê?

Oh droga. Como diabos ela ia explicar isso? Ela não podia. Ela teria que se desviar.

— Olha, eu tenho certeza que há uma explicação lógica que não envolve túneis secretos ou superpoderes ou algo assim. —

Palmas suando e seu coração se agitando em seu peito como um pássaro preso, ela começou a ir em direção à porta. — Eu tenho que planejar meu próximo episódio de culinária, então eu vou começar a trabalhar...

Ele bloqueou seu caminho, seu grande corpo uma parede virtual entre ela e a saída.

— Eu verifico as falhas de segurança pessoalmente, — ele disse, — e eu realmente, realmente não gosto de ser enganado. — Seu olhar se fixou no dela, segurando-a cativa como se ele a tivesse equipado com *algemas* neutralizadora de poder. — Não há falha.

Presas em uma mentira, ela entrou em pânico e tomou outro rumo.

— Bem, — ela disse rapidamente, convocando a aura de comando de seu pai, — eu sou sua chefe, e se eu disser que há uma falha no sistema de segurança, então você deveria dar uma olhada. Agora, comece a trabalhar ou encontrarei alguém que o faça.

O desapontamento escureceu sua expressão, mas desapareceu em um instante, substituído por algo mais duro. E mais frio.

— Continue. Eu não queria esse trabalho de

qualquer maneira. Considere este meu aviso de três dias.

Picada e ainda mais em pânico porque ela não podia perdê-lo como um “guarda-costas”, ela atacou. “Se você sair, eu vou direto para o seu supervisor na McKay-Taggart. Vou me certificar de que você seja demitido.

Ela não quis dizer isso. Na verdade, ela se arrependeu de ter dito antes mesmo de terminar de falar. Mas agora estava fora, e a cabeça de Declan recuou como se ela tivesse batido nele.

— Eu pensei que você fosse diferente, — ele disse asperamente. — Eu realmente pensei.

— Diferente? Diferente do que?

O desprezo em seu olhar gelou-a até o osso.

— Do que outras pessoas ricas.

— Bem, — ela disse suavemente. — Desculpe por desapontá-lo.

Ele soltou uma risada amarga e passou por ela a caminho da mesa.

— Estar desapontado não é nada novo. — Ele apontou para as telas. — Eu vou voltar ao trabalho, já que você vai acabar com meu trabalho na McKay-Taggart, se eu não fizer isso.

— Eu não quis dizer isso, Declan. Eu não

quero que você saia. Por favor fique.

Afastando-se dela, ele bateu em um dos teclados.

— Feche a porta atrás de você. Senhora.

Ela odiava a distância entre eles. Odiava o tom gelado de sua voz. Odiava-se por colocá-lo lá.

Então ela disse a si mesma que isso era o melhor. Seu ódio os manteria longe de problemas. Ele estaria mais alerta e pronto para o perigo, e ela não estaria em perigo de não ascender.

Foi uma vitória.

Então, por que ela sentiu que acabou de perder tudo?

Capítulo 11

Suzanne passou os próximos três dias evitando Declan e se preparando para gravar seu próximo episódio de *Angel na Cozinha*. Ainda fazia as refeições, mas Dec levava o prato para a sala de segurança e comia lá.

Se ele encontrou uma entrada secreta para a mansão, ele não compartilhou essa informação.

Culpa beliscou seu coração. Ela entrou em pânico e tratou-o como merda. Ele estaria certo em sair direto naquele momento, mas por algum motivo, ele ficou. E ontem ele disse a ela que aceitou seu pedido de desculpas e continuaria no trabalho.

Mas as coisas ainda estavam frias e ela ainda se sentia culpada por ser uma idiota e por mentir. Ela não mentiu sobre a existência ou não existência de uma entrada secreta, mas ela definitivamente mentiu sobre o equipamento de

segurança estar com problemas. Ela queria dizer-lhe a verdade, tudo isso, mas revelar sua identidade a um humano era outra daquelas coisas proibidas. Ao contrário de outras leis que governavam ações proibidas, essa fazia sentido. O conhecimento mudaria sua vida e, talvez, seu destino. A verdade, neste caso, não o libertaria.

Seu telefone tocou no balcão ao lado da pilha de cartões de notas de receitas que ela estava preparando para os futuros episódios de *Angel na Cozinha*, e o nome de Cipher apareceu na tela.

— Ei, Cipher. Você está no viva-voz, — ela disse como aviso para ter cuidado com o que ele ia dizer no caso de Declan estar por perto.

— Te peguei, boneca. Ei, eu tenho algumas novidades emocionantes.

— Sim?

— Sim. E obrigado por me avisar que você me listou como sua pessoa de contato para *Angel na Cozinha*, a propósito.

— Por nada, — ela disse, divertindo-se com seu sarcasmo. — Então, isso está relacionado ao meu show?

— Você poderia dizer isso. Isso é enorme,

senhora. — Ele fez uma pausa, provavelmente para efeito. Ele era uma rainha do drama às vezes, mas funcionava. Ela estava praticamente pulando na ponta dos pés enquanto esperava que ele continuasse. — Essa grande rede de ficção científica quer se aventurar na programação de alimentos para nerds ou algo assim, e eles querem que você voe para Nova York para que eles possam discutir a assinatura de uma série culinária.

Muito atordoada para falar, ela ficou lá. E ficou parada ali, enquanto Cipher chamava o nome dela.

— Suzanne? Ei, você está aí? Suzanne?

Ela olhou para o telefone, seus pensamentos espalhados por todo o lugar. Isso era o que ela sempre quis. Um sonho tornado realidade. Era melhor Cipher não estar ferrando com ela.

— Sim, — ela finalmente resmungou. — Sim. Estou aqui. Você está falando sério?

— Como as maldições de Azagoth.

— Puta merda, — ela respirou. — Puta merda!

— Eles têm um prazo e eles querem você lá amanhã. Eles estão dispostos a comprar uma

passagem de avião, mas imaginei que você compraria um jato particular D'Angelo.

— Você pode fazer isso? — O anjo caído tinha de alguma forma mantido a sua capacidade de navegar na rede angélica, mesmo depois de ter perdido as asas, e seu alcance constantemente a surpreendia. O mesmo fazia sua vontade de ajudar. Ajudar *Memitins* em seu dever de proteger *Primoris* deve ser parte de seu plano para recuperar o caminho para o Céu.

— Considere isso, — ele disse. — Vou enviar a você as informações e a programação da rede para você.

O horário da rede. Isso era real! — Eu não posso acreditar. Isso é loucura. Você disse a Hawkyn?

— *Inferno*, porra não. Eu vou deixar você fazer isso. Você sabe o que ele vai dizer, certo?

Ela pegou o celular, clicou no viva-voz e baixou a voz.

— Ele vai dizer que eu não posso fazer isso porque estamos proibidos de ter muita interação humana ou chamar a atenção para nós mesmos, ficando famosos ou alguma porcaria.

— Bingo.

— Bem, vamos apenas manter isso para nós mesmos por enquanto, ok?

— Eu não vou mentir para ele.

— Eu não estou pedindo isso, — ela assegurou a ele. — Mas você espera que ele pergunte se você foi contatado por uma rede de TV sobre mim?

Cipher hesitou.

— Bem não...

— Então você não terá que mentir. — Ela ouviu passos no corredor. — Eu tenho que ir. Envie-me os detalhes quando puder. Tchau!

Declan entrou na cozinha e foi direto para a cafeteira. Porra, ele parecia bem em sua calça jeans, uma camiseta azul que abraçava cada músculo rigidamente definido e sua arma na cintura. Seus chinelos de couro bateram suavemente no ladrilho quando ele se mexeu para pegar uma caneca do armário ao lado da geladeira.

— Bom dia, — ela disse brilhantemente, sabendo agora que ele não era uma pessoa da manhã.

Sua risada.

— Bom dia, senhora, — a divertiu mesmo

que ela odiasse que ele ainda a chamasse assim. Ela queria ser Suzanne novamente. Seu nome soava tão sexy quando ele dizia isso.

— Eu tenho algumas novidades. — Ela não conseguiu conter um sorriso, apesar do fato de que as coisas entre eles estavam um pouco tensas.

Ok, muito tensas.

Ele colocou café fumegante em sua caneca.

— Sim?

— Estamos voando para Nova York amanhã.

— Ótimo. — Ele tomou um gole de seu café quando ele se virou para encará-la. — Por quê?

Ela não conseguia tirar o sorriso do rosto. Ele deve pensar que ela era uma louca.

— Porque uma rede a cabo quer falar comigo sobre *Angel na Cozinha*.

Por um longo momento, Declan não disse nada, sua expressão ilegível.

— Parabéns, — ele disse, finalmente quebrando seu silêncio. — Para quanto tempo de uma viagem devo fazer as malas?

Sua resposta, ou a falta dela, machucou. Ela sentiu como se eles tivessem se conectado, e ela tinha certeza de que ele contou coisas que

ela que normalmente não contava às pessoas. Especialmente não as pessoas que ele mal conhecia. Agora ele estava de volta ao soldado sério e frio que ele tinha sido quando chegou, e era tudo culpa dela. Ela tinha que consertar isso.

— Dois dias, pelo menos, — ela disse, ficando completamente feliz para o caso de ser contagiante. — Precisarei fazer compras esta tarde, entretanto, assim faça tempo em sua agenda para isto.

— Sim, sim chefea. — Ele começou a sair, mas ela se apressou ao redor da ilha e o bloqueou.

— Olha, podemos conversar? — Em sua contração de um ombro que ela tomou como um encolher de assentimento, ela iniciou sua turnê de desculpas. — Sinto muito sobre o outro dia. Eu não deveria ter dito as coisas que disse. Eu não deveria ter ameaçado o seu trabalho. Foi uma coisa de merda para eu fazer.

— Sim, foi. — Desta vez ele deu de ombros. — Mas, como eu disse, estou acostumado com isso.

— Você nunca deveria se acostumar com

isso, — ela disse, subitamente irritada. — Ser tratado como se você fosse menor do que alguém é besteira.

— Estou acostumado com isso, — ele disse. — Mas isso não significa que eu acredite nisso. Eu sei quem eu sou.

— Bem, eu ainda sinto muito.

Ele se moveu um pouco mais perto, sua marcha lenta e predatória, e seu coração bateu um pouco mais rápido. Ela se sentiu como uma gazela sendo perseguida por um leão.

— Você sente muito o bastante para me dizer por que você mentiu para mim sobre como você saiu da cerca?

— Declan. — Ela olhou para ele, desejando pela primeira vez que ela tivesse o dom de Maddox para compelir. Declan se convenceria a acreditar que ela ficou realmente acessível agora mesmo. — Não há túnel secreto desta casa para fora. — Pelo menos, ela não precisava mentir. — Eu prometo.

— Revi cada equipamento, cada quadro em todos os vídeos, centenas de vezes. Eu até enviei os arquivos digitais para McKay-Taggart para análise de especialistas. Nada foi adulterado e

não há dados ausentes. Então, como você pode explicar Hawkyn entrando e saindo sem ser gravado em qualquer uma das câmeras ou disparar alertas de movimento?

— Eu não posso. — Ela realmente não podia. Proibido e tudo isso. — Eu gostaria de poder provar a você que estou dizendo a verdade sobre não haver entradas secretas para a casa.

Ele a olhou especulativamente, e então um canto de sua boca se curvou em um sorriso sombrio que seu pai invejaria.

— Há uma maneira de provar isso.

Ela não tinha certeza se queria saber e hesitou antes de finalmente perguntar: — Como?

Ele apontou para a grande escadaria com sua caneca de café. No começo, ela não entendeu. Mas quando ele começou a subir as escadas, ela percebeu que ele não tinha intenção de subir ao segundo andar.

Ele estava indo para a câmara de tortura sob as escadas.

* * * *

Declan estava no final de sua corda. Em três dias ele não encontrou um motivo para a falta de vídeo mostrando Suzanne saindo de casa e Hawkyn vindo para dentro da casa, e ainda mais desconcertante, as portas e janelas, que registravam todos os casos de abertura e fechamento, não haviam registrado atividade durante esse tempo também.

Por que Suzanne mentiria, ele não sabia. E verdade seja dita, ele não achava que ela estivesse mentindo. Mas a menos que alguém mexesse com a evidência, não havia outra explicação. Mas por que alguém interferiria nas provas? Além disso, os melhores técnicos da McKay-Taggart, incluindo Steve, confirmaram que nenhuma adulteração havia ocorrido.

Algo não estava certo sobre toda essa situação, e ele estava prestes a chegar ao fundo de todos os segredos de Suzanne, de uma forma ou de outra.

Ele parou na porta embaixo da escada e testou o botão. Estava tão trancado como tinha estado toda vez que ele tentou, o que era pelo menos duas vezes por dia. E, no entanto, Suzanne conseguiu girar a maçaneta sem

problemas.

Tinha que ser algum tipo de tecnologia avançada de sensor de toque no equipamento. Mas quando ele perguntou, ela apenas deu de ombros e alegou não saber nada sobre isso.

Sim, algo definitivamente não estava certo.

— O que estamos fazendo aqui? — ela perguntou, seus punhos firmemente plantados em seus quadris. Quadris que ele poderia imaginar-se segurando enquanto fodia ela, não importa o quanto ele tentasse não imaginar isso.

Claro, ela cruzou a linha quando ameaçou seu emprego, mas ele acreditava que ela sentia muito, e sabia que ela estava em pânico e desesperada quando ela fez isso. Ela estava realmente com medo de algo, ele só podia imaginar que algo era seu perseguidor. O medo em seus olhos diminuiu sua raiva e lembrou a ele que prometeu que ninguém passaria por ele, e ele quis dizer isso.

— Estamos procurando por algo específico?

— Suzanne girou em círculo enquanto observava a sala. — Como uma porta secreta atrás do... o que é essa coisa?

— É um cavalo de escravidão. — Um

requintado, na verdade. As quatro patas e os estoques de castigo em uma extremidade eram de madeira, mas o resto era acolchoado e coberto de couro.

— Tudo bem... — Ela ficou lá, parecendo confusa e deliciosa em seu vestido de verão azul e amarelo.

— Venha aqui, Suzanne.

— O que?

— Eu disse venha aqui.

Ela engoliu em seco, os delicados músculos em sua garganta ondulando, e ele teve uma súbita vontade de morder seu caminho ao longo de cada um. Ele queria beliscar um pouco também, uma punição prazerosa, mas não por tratá-lo como um empregado, pelo qual ele a perdoou. Não, ela ainda estava escondendo algo dele e apesar disso ele queria transar com ela de todas as maneiras possíveis.

Sexo raivoso ainda era sexo.

Mas não foi isso que aconteceu. Não totalmente, de qualquer maneira.

— Por quê? — ela perguntou.

— Na piscina você disse que queria sexo. Você me implorou para tocar em você. Lembra

daquilo?

Ela engoliu novamente, seu rosto ficando vermelho brilhante.

— Sim, — ela sussurrou.

— Você ainda se sente assim? — em seu aceno de olhos arregalados, seu pênis pulsou, estupidamente feliz. *Calma, amigo*. Isso pode não acabar assim. Isso realmente não era sobre sexo, mas sim sobre abertura, quebra de barreiras e construção de uma conexão. Claro, não era profissional, mas, como ele estava descobrindo, este não era um trabalho convencional. E ele não faria nada que ela não quisesse. — Você confia em mim?

Ela não hesitou.

— Sim.

— Realmente? — ele gesticulou para o cavalo de escravidão e ações. — Então, se eu te algemar a isso, você confiaria em mim para não te machucar?

Seu queixo surgiu e seus olhos brilharam com determinação.

— Sim. Mas por que você quer fazer isso?

— Porque eu não confio em você, e isso é um problema.

Ela cruzou braços desafiadores sobre o peito, apertando os seios e aprofundando o decote. Deus, ela o estava matando.

— Você realmente acha que pode me torturar até dizer o que quer ouvir?

— Sim... e não. — Ele pegou dois conjuntos de algemas de onde eles estavam pendurados na parede. — Isso vai ser um exercício de confiança, Suzanne. Para tudo o que você me disser, eu vou te dizer uma coisa. É assim que funciona.

Por um momento, ela olhou para as algemas e depois endireitou os ombros e caminhou até o cavalo de escravidão.

— Continue. Você vai ver que eu não estou escondendo nada. Sorrindo, ela estendeu os pulsos para ele, quase provocando-o.

Ela ia aprender uma lição sobre provocações.

Sem aviso, ele se moveu para ela, colocando as algemas nos pulsos dela enquanto manobrava seu corpo, inclinando-a sobre o banco para que ela estivesse deitada de barriga para baixo, com os braços estendidos, as pernas abertas e os pés mal tocando o chão. O tecido de

seu vestido estava esticado ao redor de seus joelhos, então depois que ele fixou as algemas na extremidade, isso fez o vestido subir até seus quadris.

Ele não estava contando com a visão de suas coxas bronzeadas e tonificadas, e a calcinha de seda rosa que mal cobria sua bunda redonda e durinha. Uma ereção instantânea tensa apertou seu zíper, o bastardo impaciente.

— Declan! — ela engasgou. — O-o que você está fazendo? — ela tentou olhar para ele, mas sua posição não permitia muito movimento.

— Sua palavra segura é... auréola. — Ele não tinha certeza por que essa palavra surgiu em sua cabeça, mas parecia se adequar a Suzanne, e definitivamente combinava com sua maldita tatuagem de asas de anjo. — Se você quer que eu pare a qualquer momento, diga.

— Pare... o que, exatamente?

Ele bateu na bunda dela, apenas leve, e o som ecoou nas paredes.

— Shh. Eu faço as perguntas.

— Mas...

Ele bateu novamente, um pouco mais forte, e um rubor rosado começou a florescer em sua

bochecha direita.

— Eu faço as perguntas, — ele repetiu. — Eu disse a você que é assim que funciona. Você tem uma palavra segura, e você pode usá-la se qualquer coisa que eu te deixar desconfortável. — Ele lançou sua voz baixa e calma com uma ponta de comando. — Entendido?

A irritação colocou cor em suas bochechas e uma chama quente em seus olhos, mas ela assentiu e olhou para frente novamente.

— Boa menina. — Em recompensa, ele segurou seu traseiro, sentindo o calor das palmadas na palma da mão, e usou o polegar para acariciar a parte interna de sua coxa. Ela tremeu quando o polegar dele roçou o tecido de sua calcinha, e quando ele aumentou a pressão, ela se contorceu.

Bom.

— Agora, diga-me se há uma entrada secreta para esta casa. Ele enfiou o dedo por baixo do tecido e usou a ponta para acariciar, com alguma leveza, a carne macia e gorda entre as pernas.

— Não há, — ela desabafou. — Eu te disse.

Ele aprofundou seu toque, acrescentando

mais pressão e enfiando seu dedo para dentro, então ele estava acariciando a costura de seus lábios. Ela ficou completamente quieta, mas sua respiração veio em pequenas explosões que sacudiram o banco.

— Você tem certeza?

— Bem... poderia haver. — Ela interrompeu com um gemido e quando ela falou novamente, sua voz rouca foi ainda mais baixa. — Mas se houver, eu não sei sobre isso. Como este quarto.

Apesar das evidências em contrário, ele acreditou nela e se moveu para recompensá-la. Gentilmente, ele mergulhou o dedo entre as dobras e quase gemeu com a umidade sedosa que encontrou. Ela gemeu, um som forte e carente que fez suas bolas apertarem.

— Ok. — Ele manteve a voz em um murmúrio baixo e suave. — Você tem planos de construção para a casa?

— Não.

Ele também acreditava nisso.

— Agora é a minha vez de lhe dizer uma coisa.

— Sua tatuagem, — ela soltou sem fôlego. — Eu quero saber sobre isso.

Por reflexo, ele afastou a mão. Ele não queria falar sobre a maldita tatuagem.

— Primeiro de tudo, — ele disse, enquanto beliscava a área sensível que ele tinha espancado, — você não faz as perguntas. — Ele trouxe a mão para baixo no local que ele tinha acabado de beliscar, e ela assobiou mesmo enquanto sua adorável bunda, emoldurada por todo aquele tecido esvoaçante do vestido, subiu o máximo que conseguia para alcançar sua palma. Hmm, ela gostou disso. Isso abria muitas possibilidades divertidas. Para mais tarde. Agora isso eram negócios. Na maioria das vezes. — Segundo, Minha tatuagem está fora da mesa.

Ele jurou que ela rosnou.

— Então isso não é sobre confiança, é? — ela perguntou. — Se assim for, você precisa me dar algo que você não quer desistir.

Tão certo quanto ela estava, ele não queria ouvir. Desta vez, ele a beliscou entre as pernas. Não o suficiente para machucar, mas o suficiente para assustá-la e fazê-la gritar de surpresa e indignação. Mas quando ele começou a acariciá-la ali, aliviando o beliscão ele sabia

que ela estava sentindo, ela gemeu.

— Diga-lhe o que, — ele disse suavemente.
— Você me diz quem você realmente é e eu lhe direi o que você quer saber.

Ela ficou imóvel. Até a respiração dela parou.

— O que você quer dizer?

Sua umidade encharcou sua calcinha, a prova de que ela queria tudo o que ele estava fazendo com ela, e ele teve que segurar um gemido apreciativo de si mesmo.

— Quero dizer, de onde vem o seu dinheiro, e quem é você? — ele deslizou dois dedos sob sua calcinha e empurrou-os entre seus lábios, amando seu suspiro chocado. — Diga-me, Suzanne.

— Eu-eu não sei.

Ele retirou seu toque e trouxe sua palma para baixo em seu traseiro quente.

— Eu não acredito em você. — Ele bateu nela novamente. — Quem é você?

— Eu não sei!

Outro, e ela gritou com um soluço.

— Conte-me.

— Eu. Não. Sei!

— Besteira. — Ele dirigiu a mão entre as pernas novamente, tocando-a intimamente, mas não lhe dando qualquer estímulo. Apenas a sugestão disso. — Algumas pessoas são definidas pelo dinheiro. Você não é. Você age como se fosse, mas eu não acredito nisso. Você está escondendo alguma coisa, Suzanne. O que é?

— Por favor, Declan...

— Por favor, o que? Você quer que eu pare? Você quer que eu solte você?

Ela estremeceu e sua voz tremeu.

— Não.

— Então o que?

— Eu quero você, — ela sussurrou. — Desde a primeira vez que te vi, eu queria você.

Deus o ajude, ele a queria também. Mas ainda não.

— O que mais? — quando ela não disse nada, ele começou a esfregar círculos nos lábios de sua boceta, ainda sobre sua calcinha, tomando o cuidado de colocar ênfase extra sobre seu clitóris. — Vamos, Suzanne. Me diga o que mais você quer.

Vários momentos de silêncio passaram, e

então, como se uma represa tivesse quebrado dentro dela, ela soltou: — Eu quero ser livre. Eu quero cozinhar. Isso é o que eu sou. — Ela soltou um soluço. — Eu sou uma cozinheira e sou social, e quero escolher meu próprio caminho e estar livre de todas as regras malditas!

Regras? Havia regras para ser rico? Mas na verdade, quando ele pensava sobre isso, talvez para pessoas como ela, havia. Talvez ela se sentisse constrangida pelo nome de sua família ou pelas expectativas que vieram com pertencer ao império D'Angelo. Todo esse dinheiro, e ela ainda se sentia presa.

Por um momento, ele quis dizer a ela para sair dessa. Havia problemas piores do que ter dinheiro. Mas, obviamente, os sentimentos dela eram reais e ela soluçava como se fosse a primeira vez que ela admitisse isso.

Por tudo isso, ela merecia uma recompensa.

Ele enfiou os dedos debaixo da calcinha de novo, e desta vez, ele colocou um dedo dentro dela. Ambos gemeram quando ele testou seu canal escorregadio e apertado.

Ele queria fazer mais. Queria cair de joelhos

e lambê-la até que ela gritasse, mas, infelizmente, ele tinha outros planos para sua boca. Ele tinha que dar a ela algo que ele não queria desistir.

Ele tinha que contar a ela sobre a tatuagem.
Isso ia cortar fundo.

— Quando eu estava no exército, — ele começou asperamente, — eu tinha um amigo chamado Gareth. Fazíamos parte de uma equipe conjunta de forças especiais formada por membros da Força Aérea, Marinha e Exército. Ele era um Ranger. — A equipe tinha ido em dúzias de missões juntos, e Declan tinha remendado todos eles em um ponto ou outro. — Eu ganhei a reputação de ser um amuleto de boa sorte, e Gareth fez todo mundo me chamar de seu anjo da guarda. Era um apelido estúpido, mas ficou preso porque sempre que eu estava com uma unidade ou equipe, ninguém morria. Inferno, nós éramos assustadoramente sortudos o tempo todo. RPG⁽³⁾s inimigos voavam para fora do curso e atingiam prédios vazios, IED⁽⁴⁾s fracassariam antes que detonassem... Certa vez, um deslizamento de terra na montanha matou trinta combatentes inimigos antes que eles

pudessem nos emboscar. De qualquer maneira, uma vez quando estávamos de licença, Gareth me embriagou e me fez fazer essa tatuagem. Eu nem lembro disso. — O que provavelmente foi uma coisa boa, porque sua vida foi para a merda depois. Ele passou o dedo pela fenda dela, espalhando o creme de cetim sobre a carne inchada. — De volta para você agora. — Ele fez alguns círculos lentos em torno de seu clitóris, e ela começou a ofegar. — Você diz que quer ser livre. Por que você não pode ser?

— Eu acho que posso. Eu acho que... isso é um começo.

— Isso?

Ela se mexeu, sacudindo as algemas.

— Eu nunca fiz nada parecido com o que estamos fazendo. Isso é aterrorizante. Mas eu tenho que correr riscos se quiser ser feliz, certo?

Se ela achava que ele ficaria surpreso pelo fato de ela nunca ter brincado com o BDSM, ela era tão louca quanto seu assistente. Mas entendeu o que ela estava dizendo. Às vezes uma zona de conforto se transformava numa prisão.

— Continue fazendo isso, — ela sussurrou,

esforçando-se para empurrar em seu toque. — E me diga por que a tatuagem te incomoda tanto. Eu não acho que é só porque seu amigo te deu tinta enquanto você estava bêbado.

Não, não era.

— Eu não fiquei bravo. Eu era arrogante. Eu era um amuleto de boa sorte, um anjo da guarda. — E depois de uma infância de ser invisível na melhor das hipóteses e um meio para um fim na pior das hipóteses, ser necessário, ser importante, era algo que ele ansiava. — Mas depois voltamos ao trabalho. E uma semana depois, Gareth morreu quando o Humvee que ele estava atropelou um IED. Eu estava no veículo atrás dele. Vi a coisa toda. E eu não pude salvá-lo.

— Eu sinto muito, Declan. — Sua voz suave continha um leve tremor, um testemunho de sua capacidade de sentir empatia pelos outros. — Você sabe que não foi sua culpa, certo?

Seu coração sacudia dolorosamente contra suas costelas. Foi culpa dele. Porque todos, incluindo ele, acreditavam que ele tinha algum tipo de boa sorte, e eles se descuidaram. Gareth pagou o preço, e essa laceração emocional

nunca iria se curar, não importa quantas vezes alguém usasse as palavras “Não foi sua culpa” como uma bandagem.

— Seja como for. — Ele se moveu entre as pernas dela e deixou seus dedos brincarem na pele acetinada da parte interna de suas coxas e bunda. Tocar Suzanne era muito mais prazeroso do que reviver o passado. — Agora você sabe de algo que ninguém mais sabe. Por favor, não me faça arrepender de te dizer.

— Nunca, — ela jurou, o tremor ainda em sua voz. — Mas Declan?

— Sim?

— Auréola.

Capítulo 12

Auréola.

Suzanne não acreditava que tinha usado uma palavra segura. Alguém lhe dissera uma vez que palavras seguras eram para pessoas que queriam liberdade para dizer não durante uma brincadeira sexual sem interromper a ação. Havia outras razões também, ela supôs, mas ela simplesmente nunca se viu tendo o tipo de encontro que exigiria uma palavra segura.

Mas agora ela entendia o que a palavra segura significava para Declan. Como ele disse no começo, era sobre confiança. Era um contrato, uma garantia de que ela estava segura com ele. Ela não precisava disso, ela sabia em sua alma que ele não iria machucá-la. E se a alma dela estivesse errada, bem, ele não era páreo para seu poder e habilidades.

Por outro lado, ela não era páreo para suas mãos hábeis e sua voz fria e autoritária, e ela

estava à beira de deixá-lo tirar a virgindade em um cavalo de escravidão enquanto usava algemas.

Ela não estaria usando algemas na primeira vez.

Mas mais do que isso, ela estava em estado de sobrecarga. Ela admitiu coisas para ele que ela nem sequer admitiu para si mesma. Ele disse a ela coisas que ele mantinha em sigilo. E ele a tocava como nenhum homem jamais a tocou.

Ela nunca se sentiu assim, como se sua pele fosse explodir, e ela só precisava de um minuto para ganhar o controle da situação antes de deixar Declan tomar o comando de seu desejo e de seu corpo. Ela definitivamente confiava nele para isso.

Como a palavra segura desapareceu no ar, Declan congelou, seus dedos cavando em seus quadris. Então, lenta, deliberadamente, ele a soltou, destrancou as algemas e libertou-a dos estoques.

— Me desculpe se eu te chatee. — Ele ofereceu a mão para ajudá-la a sair do banco.

— Você não me aborreceu. — Ela empurrou

os cotovelos e resistiu à vontade de puxar o vestido para baixo para cobrir-se enquanto deitava em sua barriga, as pernas ainda cobertas de ambos os lados do cavalo de escravidão. Ela se sentia tão exposta, mas, ao mesmo tempo, sentia uma sensação de poder toda vez que o olhar faminto de Declan se dirigia para suas pernas e costas. — Quero lhe contar qualquer coisa que você queira saber e quero aprender mais sobre você, mas não agora. Eu preciso... eu quero... mais.

Ele ficou ali parado, o corpo tenso como uma vareta de aço, uma enorme ereção esticando a braguilha do jeans.

— Mais do que? — sua voz era crua, como se cada palavra doesse. Ela entendeu isso. Ela doía toda... mas ela tinha uma cura.

Convocando o conselho erótico de cada artigo de revista feminina que ela já havia lido, ela se abaixou e puxou o vestido para cima, desafiando o instinto de empurrá-lo para baixo. *Se você quiser, peça*, eles disseram. *Você é responsável pelo seu próprio prazer*.

Ela também era responsável por suas próprias asas, o que ela provavelmente não

conseguiria se fizesse isso. Se alguém descobrisse que ela fez isso. Sim, ela poderia manter a boca fechada e ninguém saberia, mas durante o ritual de Ascensão, quando chegasse a hora das Confissões no Conselho, ela sabia que diria a verdade.

Eu fiz sexo e não me arrependo.

Isso, ela sabia, seria a verdade.

O duro, frio, cinza aço dos olhos de Declan ficou derretido enquanto ele a observava, seu vestido agora estava em torno da cintura enquanto ela se inclinava sobre o cavalo de escravidão, sua calcinha úmida e implorando para ser arrancada.

— Diga-me exatamente o que você quer, Suzanne, — ele disse suavemente. Ele estava brincando? Sua bunda estava a mostra, e se isso não fosse um convite para o sexo, ela não sabia o que era. Mas ela não tinha certeza de como fazer isso. Havia um pouco mais do que ela esperava, o que era uma surpresa feliz.

Ela poderia começar com algo básico e óbvio.

— Seu zíper. Abra.

Seus dedos encontraram o botão de cima de

sua calça jeans, mas lá eles descansaram, esperando por seu comando.

— Sim, — ela sussurrou, com o olhar colado na mão dele.

Ela se contorceu quando ele abriu o botão. Então o próximo, dando-lhe um vislumbre de pele. Sua boca deveria encher água? Porque tinha.

Ele se aproximou, abrindo mais dois botões, e sua ereção, uma coluna magnífica de pele lisa e veias inchadas, saltou livre.

Oh meu.

Ela nunca esteve tão perto antes. Assim não. Algo em sua barriga vibrou descontroladamente quando ela chegou para ele, seus dedos deslizando na parte inferior de seu eixo. O engate em sua respiração quando ela o tocou fez sua própria respiração pegar. Ela amava suas reações, amava o impacto inebriante do poder feminino que ela tinha quando os causava.

— É tão... aveludado, — ela murmurou.

— Eu não tenho certeza do que dizer. — Segurando o olhar dela com o dele, ele cobriu a mão pequena com a sua grande, apertando-a

em torno dele. — Gosto disso.

Deslocando seu peso no cavalo para que ela não estivesse esmagando seus seios, ela apertou sua carne dura, levando-a da base espessa para a cabeça gorda.

— Mais rápido. — Sua voz era um chicote de comando, e ela nem sequer considerou desobedecer. Lambendo os lábios, ela bombeou a mão e observou-o balançar em seu punho, ouvindo a respiração dele quando se tornou irregular. — Isso mesmo, Suzanne. Somente. Assim.

Um estremecimento sacudiu seu corpo com o elogio, e tudo em que ela conseguia pensar era como seu pênis ia se sentir dentro dela. Ela se dera prazer, uma daquelas regras *Memitim* de que eles não deveriam gozar, embora Hawkyn tivesse recentemente revogado esse mandato específico. Mas sexo com outra pessoa, especialmente sexo com o próprio *Primori*, era ruim.

Tanto faz. Agora ela se sentia má. Muito muito má.

Como se Declan pudesse ler sua mente, ele saiu de seu aperto e moveu-se atrás dela, seus

dedos arrastando por cima de sua bunda enquanto ele manobrava ao redor do cavalo de escravidão. Suas mãos quentes pareciam fogo contra o lugar onde ele a espancara, e ela gemeu quando a sensação mais deliciosa a encheu. Ela ficou chocada a princípio com as explosões de dor seguidas por momentos de uma felicidade que ela queria manter para sempre.

— Fale sobre veludo — ele murmurou enquanto acariciava sua pele quente e espancada, e então ela gritou de surpresa quando sentiu seus lábios no mesmo lugar. Oh, como ela queria sentir mais dos lábios dele, mas então ele se endireitou, agarrou sua calcinha e puxou-a para baixo de suas pernas.

Ela não poderia ter se preparado para a vulnerabilidade repentina de estar nua na frente dele, curvada e de pernas abertas. O instinto a fez tentar fechar as pernas, mas ele segurou-a intimamente, pressionando suavemente em uma massagem suave que a gelou como se ele tivesse apertado um botão.

— Isso vai ser incrível, Suzanne. — Declan recuou e, de repente, chocantemente, ele substituiu a mão com a boca.

— Dec... — Ela parou com um grito quando a língua dele sondou sua fenda, a ponta provocando sua entrada.

Isso foi incrível. Delicioso. Tão pecaminoso que quase esperava ser atingida por um raio no telhado da casa. Com um gemido, ele a espalhou com os polegares e mergulhou em seu calor escorregadio, sua lambida de língua tornando-se uma tortura impiedosa quando ele lambeu e mordiscou sua carne íntima. E quando ele agarrou seu clitóris e chupou, ela soluçou com a necessidade de gozar.

Ele parecia saber quando ela estava bem ali na borda, e então ele mudava cruelmente o ritmo ou se concentrava em um ponto menos sensível. Ele provocou e atormentou até que ela estava se contorcendo, ofegante, uma bola de necessidade. E então, assim que ela tomou fôlego suficiente para implorar a liberação, ele parou.

Momentaneamente confusa, ela tentou girar o corpo para ver o que ele estava fazendo, mas naquele momento ele se moveu contra ela, empurrando a cabeça embotada de seu pênis coberto por camisinha em sua entrada.

O preservativo não era necessário, já que *Memitins* não Ascendidos não eram férteis, mas ela não ficou surpresa por ele estar preparado para protegê-la.

— Droga, — ele respirou. — Oh maldição. Eu vou me envergonhar.

Isso não ia acontecer, mas ela não tinha palavras para dizer isso. Não quando ele estava empurrando dentro dela, esticando-a até a borda da dor. Uma boa dor. Ela nunca soube que tal coisa existia, mas aconteceu, e ela queria mais.

Enquanto ele empurrava profundamente, seu núcleo se apertou ao redor dele como se tentasse segurá-lo ali. Seu corpo zumbia com luxúria, e os impulsos lentos e fáceis não eram suficientes.

— Mais rápido, — ela murmurou. — Eu acho que preciso... mais rápido.

Como se ele estivesse esperando por permissão, ele a martelou, sua carne dura acariciando seu canal liso. Cada movimento de seus quadris trouxe uma nova sensação e arrancou um som diferente dela. Ela amou especialmente como toda vez que ele chegou

perto de puxar para fora, a coroa de seu pênis bateu algo perto de sua entrada que a deixou selvagem. Ela quase se atirou para fora do cavalo de escravidão até que ele agarrou seus quadris com mais força, segurando-a por cada punhalada de seus quadris.

Sim, oh... sim... ali!

Cada célula de seu corpo tremia de êxtase, fazendo-a tremer, soluçar e ver estrelas. Nada que ela mesma fizesse sozinha poderia se comparar a isso. Nada além de Declan poderia fazer seu sangue atravessar suas veias com o prazer mais quente que ela já conheceu, e ela sabia disso. Ela estava estragada agora.

Ela precisaria disso novamente.

Ele gritou enquanto gozava, seus quadris bombeando violentamente, empurrando-a para frente no cavalo de escravidão. A partir desta posição, ela não podia vê-lo, mas sentiu os dedos dele cavando em seus quadris, sentiu cada espasmo que fez o corpo dele tremer de êxtase.

Finalmente, com um profundo gemido torturado, ele caiu em cima dela, sua respiração se espalhando pelo pescoço enquanto ele

ofegava em exaustão.

— Declan? — sua voz soou como se tivesse engolido um bocado de areia.

Ele grunhiu, mas antes que pudesse dizer qualquer coisa, o monitor de vídeo na parede apitou, revelando um veículo no portão.

— Foda-se. — Ele gentilmente saiu de seu corpo, e ela quase chorou com a perda. — Esse é Steve. Ele está aqui para me ajudar a descobrir o que está acontecendo com o sistema de segurança.

Besteira. Ah, Steve provavelmente estava aqui pela razão que Declan disse, mas ela não tinha dúvida de que ele também ajudaria Dec a vasculhar o local em busca de uma entrada secreta. Ela esperava que eles não encontrassem uma. Ela não sabia muito sobre esta casa, e por todas as suas negações, não a surpreenderia se descobrissem um portal para outra dimensão ou alguma porcaria.

Já estava se provando difícil mentir para ele, e ela não queria ter que fazer isso de novo.

Havia, no entanto, uma coisa que ela queria fazer de novo, e isso definitivamente não aconteceria se Declan acreditasse que ela estava

mentindo.

Capítulo 13

Azagoth não tinha visto sua companheira em quatro meses.

Todos esperavam que ele ficasse todo Grim Reaper por causa disso. E, enquanto ele estava em seu escritório, nuvens negras e relâmpagos se agitavam ao redor dele, ele não podia culpá-los. Ele era conhecido por seu temperamento.

Mas durante todos esses meses ele conseguiu, mais ou menos, controlar seu demônio interior. Quando ele precisava liberá-lo, ele ia para o *Inner Sanctum* e torturava algumas almas más. E não apenas as torturava, mas as assustava. Ele se tornava seus piores pesadelos. Ele passou um dia inteiro em um novo morador do 3º nível, um serial killer do reino humano que se chamava Jason Drayger. Hawkyn ficaria feliz em saber disso.

Então, sim, às vezes ele tinha que liberar o monstro dentro si, mas deste lado de *Sheoul-gra*,

ele mantinha suas exibições de fúria limitadas a merdas como essa.

Exceto que essa merda era só para mostrar.
Na maioria das vezes.

Jim Bob, um de seus espiões celestiais, acabara de revelar a identidade da pessoa que ajudou Lilliana a sair de *Sheoul-gra*, e depois de quatro meses sem ela, ele realmente não estava com disposição para isso.

— Eu sei que você é um grande fã de matar o mensageiro, — disse Jim Bob, seu rosto quase obscurecido pelo capuz de sua capa. — Mas se você me fritar, você sentirá minha falta.

Azagoth bufou, mas o anjo estava certo. Jim Bob era, de longe, sua melhor fonte de inteligência celestial, e seria uma vergonhoso eletrocutá-lo. Pode até levar um pouco mais de esforço do que o habitual, dado que a força da capacidade angélica do cara era tangível mesmo aqui em *Sheoul-gra*, onde Azagoth limitava todo o poder, exceto o seu próprio.

— Então talvez, — disse Azagoth, fechando a tempestade, — você deveria me trazer notícias melhores.

Jim Bob encolheu os ombros.

— Eu pensaria que descobrir que Reaver ajudou sua companheira a fugir seria uma boa notícia. Você sabe que ele vai ficar de olho nela.

— Lilliana não escapou, — ele retrucou. — Ela estará de volta. E foda-se Reaver. — Reaver, o anjo mais poderoso do universo, era um constante incômodo Azagoth, sempre fora assim. Então não foi nenhuma surpresa que o desgraçado de halo tivesse respondido ao pedido de ajuda de Lilliana para sair de *Sheoul-gra*.

Ele teria que pedir para Cipher descobrir como ela entrou em contato com Reaver. Isso assumindo que ele pudesse ficar longe da fêmea *Unfallen* de cabelos louros com quem ele estava em todas as chances que tinha. Flail, uma Verdadeiro Caído, morava aqui há alguns meses, pagando seu aluguel na forma de informações obtidas de demônios de alto nível e na limpeza de banheiros.

De acordo com a companheira de Hades, Cat, limpar banheiros era uma ótima maneira de derrubar anjos caídos arrogantes.

Houve uma batida na porta e Zhubaal enfiou a cabeça para dentro.

— Hawkyn quer falar com você. Diz que é

importante.

— É hora de ir, de qualquer maneira. — Jim Bob se moveu em direção à entrada, o manto preto batendo em torno de suas botas. — Fique bem, Azagoth.

Ele abaixou-se e Azagoth deu um aceno a Z. Um momento depois, Hawkyn entrou.

— Pai, — ele disse, inclinando a cabeça em saudação. — Obrigado por me ver em tão pouco tempo. — Sua formalidade dizia que ele estava aqui para tratar dos *Memitins*, mas o fio de preocupação em sua voz dizia que era pessoal.

O que significava que Azagoth provavelmente tornaria isso pessoal também.

— O que houve?

— É Suzanne. Ela se envolveu muito com seu *Primori* e não vai me ouvir. Eu estava esperando que você falasse com ela.

Se Hawkyn estava pedindo a Azagoth para falar com sua irmã favorita, a situação deve ser ruim.

— O que você quer que eu diga? Preciso de mais para continuar aqui.

Hawkyn hesitou, e Azagoth resistiu ao impulso instintivo de explodir. Mas Lilliana

partiu por um motivo. Ela tinha saído para ele aprender a lidar com seus filhos e suas emoções sem usá-la como muleta.

Isso o irritava.

Mas ele não iria recuperá-la até que ele descobrisse como fazer isso, então ao invés de ceder à sua impaciência, ele esperaria Hawk falar.

Ele esperou mais dois batimentos cardíacos. Foda-se.

— Porra, cuspa, filho. Eu tenho um estoque de almas para inspecionar e Lilliana vai me chamar no Skype... — ele olhou para o relógio, — em cinco minutos.

Ela estava no Skype todos os dias, e ver seu rosto era a única coisa que o mantinha são. Sim, ela se foi, mas ele teve que admitir que suas conversas eram... divertidas. Quase como se estivessem namorando pela internet. Eles pularam toda a rotina de namoro, com Lilliana sendo forçada a acasalar com ele. As coisas tinham sido difíceis no começo, mas eles encontraram o amor rapidamente. Talvez rápido demais.

Por mais que odiasse admitir, gostava da

maneira como as coisas estavam acontecendo entre eles. Lilliania sempre foi sedutora e cheia de risadas, e às vezes falavam por horas, e nisso iam aprendendo coisas um sobre o outro que não conheciam antes.

E o sexo via Skype era incrível.

Mas era hora de ela voltar para casa, e ele ia dizer isso a ela hoje.

— Suzanne está morando com o *Primori* dela.

Azagoth piscou na afirmação franca de Hawkyn.

— Ela o quê?

Com um grunhido frustrado, Hawk enfiou os dedos pelos cabelos, o que já era uma bagunça, provavelmente fazendo exatamente isso.

— Um demônio Siecher está atrás de seu *Primori*, e seus ataques psíquicos não acionam seu *heraldi*. Então ela pensou que seria uma boa ideia contratar seu *Primori* como guarda-costas para mantê-lo perto. E eu acho que ela está se apaixonando por ele.

Azagoth amaldiçoou, mas não ficou surpreso. Suzanne não havia sido feita para ser

Memitim. Ela era muito suave. Muito humana. De todos os seus filhos, ela foi a única que fez um esforço especial para vê-lo todos os dias, mesmo que fosse apenas para dizer oi ou perguntar como foi seu dia. Uma vez ela disse a ele que era “uma coisa” que ela fazia com seus pais humanos. Ela os via ou ligava para eles todos os dias, desde os seis anos, até o dia em que foi retirada do mundo humano e transformada em *Memitim*. Só que ela não chamava o humano de pai. Ela o chamava de papai.

E ele só agora percebeu que não a via há dias. Vergonha por não ter notado o arranhou, e seu demônio interior se agitou. Ele prometeu que mais tarde lhe daria sangue e se dirigiu a Hawkyn.

— Por que o *Siecher* está atrás de seu *Primori*?

— Não sabemos, mas acabei de ler alguns dos registros arquivados pelo seu antigo guardião. Parece que durante o quase-apocalipse Declan matou o chefe da família do demônio. Ele abateu muitos demônios. Ele era um matador de demônios surpreendentemente

letal e competente para um humano.

— Esse... Declan. Ele está ciente do nosso mundo?

— Não. Hawkyn olhou para a enorme lareira, onde chamas tão altas quanto Azagoth lambiam as paredes internas. Desde que Lilliana se fora, as chamas estavam frias. — Sua memória foi alterada depois.

— Hã.

Hawkyn ficou olhando.

— Hã?

Azagoth olhou para o relógio. Lilliana ia ligar a qualquer momento.

— Eu vou falar com ela, — ele assegurou a Hawkyn.

Mas ele não precisava. A menos que Suzanne estivesse em perigo físico, ele provavelmente não iria. Como alguém que podia ler almas, ele percebia o que estava acontecendo. Suzanne estava em uma encruzilhada, e ela precisava estar no comando de seu próprio destino. Quaisquer erros ou sucessos que ela tivesse, teriam que ser por conta própria.

— Agora, — disse Azagoth, enquanto seu

notebook apitava, — preciso de um pouco de privacidade. Ah, e Hawkyn?

— Sim senhor?

— Fique de olho em sua irmã. Eu ficaria... inconsolável... se alguma coisa acontecesse com ela.

— Claro. — Hawkyn inclinou a cabeça. — Obrigado.

Azagoth mal ouviu Hawkyn sair. Todo o seu foco estava em Lilliana agora, e de alguma forma, ele tinha que convencê-la a voltar para casa.

* * * *

Lilliana sentiu muito a falta de Azagoth, e quando ela olhou para ele na tela do celular, ela distraidamente acariciou seu dedo sobre sua bochecha.

— Você está na praia hoje, eu vejo. — Ela também sentia falta da sua voz esfumaçada e profunda.

— A ilha de Ares é adorável. — Ondas lambiam seus pés enquanto ela se sentava na areia quente, uma brisa salgada provocando seu

cabelo castanho.

Azagoth franziu a testa, seus olhos se estreitando.

— Isso é um cão infernal atrás de você?

Ela olhou por cima do ombro para a criatura negra que a observava detrás de uma duna e suspirou.

— Essa é Malévola. Ela tem me seguindo há semanas.

— Eu não gosto disso, — rosnou Azagoth.

— Está tudo bem. Eu tenho pena dela. Ela é muito pequena para um cão infernal e o resto dos cães a atormentam.

A companheira de Ares, Cara, era uma espécie de adestradora de cães infernais, e a ilha deles estava lotada com essas coisas. Malévola havia se apegado à Lilliana desde o minuto em que Reaver a trouxera para ficar com o Cavaleiro e sua companheira. Lilliana ainda não tinha conseguido acariciar a filhotinha, mas ela não queria ultrapassar os limites, contente em deixar Malévola vir até ela apenas quando estivesse confortável.

Azagoth levantou uma sobrancelha escura.

— Quão pequena ela é?

Ela encolheu os ombros.

— Eu não sei. Aproximadamente metade do tamanho de um normal? Considerando que as malditas coisas eram do tamanho de um alce macho, Malévola ainda era grande.

— Você não deveria estar aí, — ele disse, a mudança de assunto dando-lhe arrepios.

Fingindo ignorância, ela revirou os olhos.

— A praia é perfeitamente segura.

— Eu não estou falando sobre a praia e você sabe disso. Venha para casa.

Ela girou o cabelo em volta do dedo e virou o assunto de novo.

— Como as crianças que você trouxe do reino humano estão se instalando?

Sua expressão dizia que eles voltariam ao assunto mais tarde, mas que, por enquanto, ele a deixaria desviar.

— Alguns deles estão lidando bem com a situação.

— E os outros?

Ele franziu a testa, sua frustração colocando profundas dobras entre suas sobrancelhas escuras.

— Eles estão com problemas. é estranho. A

gíria que usam é desagradável.

Ela reprimiu uma risada. Ele tinha trazido os filhos mais velhos primeiro, o que significava que ele estava lidando com adolescentes. Ela realmente gostaria de ver isso.

— Bem, lembre-se, eles geralmente são levados por cinquenta anos de treinamento em centros de *Memitim* antes de você conhecê-los. — Ela sorriu. — O que os torna bastante civilizados.

— Não tenho paciência para isso. E se isso foi um erro?

O que ele estava realmente perguntando era: — E se eu cometer um erro?

Azagoth estava tão abalado com a culpa por permitir que seus filhos fossem abandonados ao nascer no reino humano e criados nas piores condições imagináveis. No passado, ele não se importava. Ele tinha sido um monstro mal e insensível até Lilliana aparecer. Desde então, ele abriu seu reino, e seu coração, para seus filhos e, na maior parte do tempo, tudo correu bem. Mas a emoção era uma coisa nova para Azagoth e levava tempo para descobrir a dose certa.

— Não é um erro, — ela disse gentilmente.

— Esses são os mais velhos, e eles precisarão de mais tempo para se ajustar. Você se sentirá diferente quando os pequenos começarem a chegar.

— Acho que não. As crianças não pertencem aqui, Lilliana.

— E você acha que eles pertencem ao mundo humano, nos piores lares possíveis que eles poderiam ter?

— Então, é uma escolha entre o inferno e o inferno. — Ele balançou a cabeça. "E se eu perder a paciência e mostrar meu demônio ou decapitar alguém na frente deles?

Ela diria a ele para parar de ser dramático, mas na verdade havia uma boa chance de qualquer uma dessas coisas acontecerem.

— Você só tem que se esforçar para controlar seu temperamento, — ela disse. — E não é como se eles não soubessem quem você é. Acho que você vai perceber que eles irão te aceitar bem. Afinal, você é uma lenda e eles serão anjos poderosos. No todo, eu diria que isso é uma coisa incrível para eles.

Azagoth soltou um longo suspiro.

— Há outro lado positivo. Hades apontou

que eu serei o único a cuidar deles ao invés de algum outro idiota.

— Esse é o espírito, — ela disse, tentando manter as coisas leves. O humor de Azagoth parecia um pouco sombrio, e ela não queria brigar. — Hades é sábio. — O carcereiro do submundo era um idiota, mas ele não era estúpido. — Ah, e eu tenho novidades. Cara está grávida. Ela contou a Ares esta manhã.

Uma sombra passou por seu rosto, sua expressão ficou tão sombria quanto seu humor, e seu intestino se apertou.

— Como ele recebeu a notícia? Ele ficou chateado?

—Chateado? — ela repetiu, incrédula. Ela não esperava que ele pulasse de alegria, mas isso? — Você está falando sério? Ele ficou emocionado. Por que você acha algo diferente?

— Ares perdeu os filhos antes, — disse Azagoth. Apenas soltando a bomba.

E agora ela entendia. Ela entendeu a relutância dele em deixar seus filhos entrarem. Além de sua culpa, Azagoth estava lidando com a dor de perder seus filhos. *Meera* pode ter sido a mais recente a perder sua vida a serviço do

Céu, mas havia centenas antes disso.

Ela queria ir para casa neste exato momento e abraçá-lo, mas ela não podia. Ainda não.

— Pobre Ares. Eu não sabia, — ela disse suavemente.

— Foi há muito tempo. Antes de ele se tornar Guerra.

Um pássaro gritou ao longo da praia em direção à mansão grega de Ares, onde um demônio *Ramreel* estava brincando de guerra com um cão infernal no gramado no mesmo lugar onde Ares tinha descoberto que ele seria pai.

— Bem, você ficará feliz em saber que ele estava tão animado com a notícia de que ele levou Cara para contar a sua família.

— Então você está na ilha sozinha?

— Azagoth, estou bem. A ilha de Ares está escondida de todos os olhos, e apenas algumas pessoas aprovadas podem passar pelas guardas. Além disso, o lugar está cheio de guardas e demônios *Ramreel*.

— Oh, — ele disse, com a voz cheia de sarcasmo, — se você tivesse me dito que a ilha está infestada de demônios no começo, eu me

sentiria muito melhor.

— Querido, você está sendo um idiota, então eu vou. Eu te amo.

Ele abriu a boca para argumentar, mas ela não lhe deu chance. Desligou a ligação tomou uma respiração calmante. Ela queria ir para casa, mas tinha que ter certeza de que ele tinha conseguido controlar suas emoções primeiro. Ela não poderia ser sentida culpada por sua dor novamente.

Um nariz quente cutucou sua mão e ela quase gritou. Então congelou quando Malévola a cutucou novamente antes de se afastar um pouco e cair na areia para olhar as ondas.

Essa foi a primeira vez que a cadela chegou tão perto, quanto mais tocá-la. Cara disse que os cães eram sensíveis às emoções daqueles com quem eles se ligavam. Mas certamente não tinha ligação com ela. Não que Lilliana soubesse o que estava envolvido no processo de ligação.

— Então, Mal, — ela murmurou. — O que você acha que Azagoth diria se eu te levasse de volta para *Sheoul-gra* comigo? — O cão se virou para ela, a língua pendendo. — Sim, ele enlouqueceria.

Mas isso não seria nada comparado ao que ele faria quando descobrisse que contar sobre a gravidez de Cara, foi um teste.

Porque Lilliana... bem, havia outra razão para ela ter deixado Azagoth enquanto ele lidava com seu demônio interior.

Ela estava grávida também.

Capítulo 14

Declan não estava acostumado a ficar nervoso. Não, não nervoso. Discordância. Discordância era uma palavra? Porque era assim que suas entranhas sentiam o dia todo. Ele só tinha visto Suzanne uma vez desde que ele a beijou e a deixou no calabouço, e isso foi quando ela chamou ele e Steve para o almoço. Ela tomou banho e vestiu um short cáqui com uma blusa rosa e cáqui combinando, e se Steve não estivesse lá, ele deixaria aquela pequena roupa sexy no chão.

Ela deu-lhe um sorriso de flerte, provavelmente pensando que ela tinha sido dissimulada sobre isso, mas no momento em que a porta do escritório se fechou atrás dela, Steve começou a zoar.

— Ooh, droga. — Steve assobiou. — O que foi aquilo? Você agarrou ela?

— Não, eu não agarrei ninguém. — Ele pegou o que Suzanne chamou de queijo grelhado francês. Declan normalmente não era o cara para contrariar a tradição de queijo grelhado com pão branco e fatias de queijo americano, mas este sanduíche de croissant com geleia de pimenta, maçãs fatiadas, queijo brie e peru era fodidamente incrível. Ele fez uma pausa antes de dar uma mordida. — E cale a boca.

Steve bufou.

— Você a acertou. — No olhar de Declan, ele sorriu e ergueu as mãos em defesa. — Calando a boca.

Isso durou aproximadamente três segundos.

— Mas não é você que sempre está pregando sobre como é mais difícil proteger alguém de quem você gosta do que alguém para quem você não dá a mínima? — Steve pegou uma batata frita caseira e a arrastou pela maionese de alho que Suzanne tinha feito. — Isso é besteira, você sabe. Basta perguntar a Liam e Avery ou Case e Mia. Se qualquer coisa, eu diria que você será ainda melhor em manter alguém com quem você se importa em segurança.

— Sim, bem, você é um cara de TI. Se o seu computador morrer, você pode comprar outro.

— Isso é duro, cara, — disse Steve com falsa seriedade. — Meus computadores são meus bebês.

— Isso é porque você não pode conseguir uma mulher.

Steve considerou isso quando ele estalou outra batata frita e mastigou.

— Você sabia que existem pornô com bonecas sexuais? Tipo, caras fodendo bonecas sexuais. Em vídeo.

— O que isso tem a ver com você não ser capaz de conseguir uma mulher? — Declan fez uma careta. — E por que você sabe disso?

— Não é importante. — Steve comeu outra batata frita e enxugou os dedos em um guardanapo. — Meu ponto é que eu não sou contra.

— Não é contra o que? Comprar uma boneca sexual?

— Assistir algum cara bater uma. Quer dizer, quão solitário você tem que estar para ver alguém transando com uma *boneca*?

Declan realmente não queria pensar muito

sobre isso.

Ele e Steve terminaram o almoço e voltaram para a casa, mas Dec não conseguiu tirar as palavras de Steve sobre Suzanne da cabeça. *Você será ainda melhor em manter seguro alguém com quem você se importa.*

Talvez. Mas o custo do fracasso também era muito, muito maior.

Agora, apenas horas depois que Steve foi embora, Declan se livrou de pensamentos que não estavam fazendo nada além de deixá-lo louco, enquanto puxava o Jag de Suzanne até a porta da frente. Ele não era fã. Claro, o carro era legal. Luxuoso, elegante, rodava como um sonho. Mas ele se sentia como um idiota ao dirigir aquilo. Como se ele estivesse vestindo um terno de dois mil dólares e pagando trezentos dólares pelo mesmo corte de cabelo que uma pessoa comum poderia pagar vinte no barbeiro local.

Ele escolheu seu Rover ao invés de um Jag em qualquer dia.

Sua respiração ficou presa quando ela saiu, ainda de bermuda e blusa, mas ela acrescentou um suéter leve, sandálias de tiras um monte de

joias. Ela estava praticamente brilhando, seu cabelo em um rabo de cavalo alto que saltava quando andava pela calçada. Se ele tivesse que escolher apenas uma palavra para descrevê-la, seria vibrante. Ela era um pacote de energia positiva que envolvia tudo ao seu redor, e quando ele saiu para manter a porta do passageiro aberta para ela, ele se deliciou com o modo como ela o fez sentir.

— Obrigada, — ela disse, dando-lhe um sorriso tímido que era tão brilhante quanto o diamante em torno de sua garganta.

Ele queria beijá-la. Talvez a assediar um pouco.

Merda. Por isso envolver-se com um cliente era perigoso. Ele estava pensando em levá-la para a cama quando deveria estar alerta para ameaças.

Reordenando mentalmente suas prioridades, ele fechou a porta e voltou para o carro. Colocou o Jaguar em marcha, esperou o portão se abrir completamente e então conduziu o veículo pela estrada. Ao lado dele, Suzanne colocou os óculos de sol, completando sua aparência angelical sem esforço. Havia até

mesmo um halo de ouro em torno do topo da cabeça dela, um truque de um raio de sol batendo em seu cabelo brilhante.

Ela era boa demais para ele, e isso era algo que ele nunca teria pensado que diria apenas alguns dias atrás.

— Bem — ela disse, dando um movimento atrevido de cabeça enquanto se virava para ele, — Steve encontrou a entrada secreta? Ou vocês apenas trabalharam em questões de segurança?

Fracasso.

— Não, — ele disse timidamente. — Mas você sabia que há uma sala de armazenamento cheia de artefatos realmente antigos e bizarros e coisas religiosas?

— Sério? — suas sobrancelhas subiram sobre as bordas dos óculos de sol. — Hã. Eu gostaria de ver isso.

Ela parecia genuinamente surpresa, e ele não duvidava disso. A entrada do quarto estava escondida atrás de uma porta disfarçada de estante de livros, e se Steve não estivesse procurando especificamente por uma porta secreta, ele nunca teria encontrado a sala de armazenamento.

Declan ligou a seta do Jaguar e virou a esquina.

De repente, um homem estava lá, parado no meio da estrada, seu dedo apontou para o para-brisa.

— Oh, merda! — Suzanne investiu contra Declan, batendo as palmas das mãos no joelho e empurrando para baixo, forçando o pé no acelerador. — Bata nele!

— *O que?* — ele girou o volante, e jurou que viu o cara sorrir quando o carro desviou loucamente.

Um lampejo de luz, tão brilhante que fez o sol do meio-dia parecer escuro, explodiu suas córneas, cegando-o com uma dor lancinante. Suzanne gritou enquanto ele pisava com força nos freios. O carro derrapou para o lado para parar, o chiado dos pneus se desvaneceu ao som da abertura da porta do lado do passageiro.

De alguma forma, sua visão retornou, parcialmente, pelo menos. Ele viu bem o suficiente para ver Suzanne sair do carro e correr em direção ao homem na estrada.

Exceto que não era mais um homem. Ele olhou, piscando loucamente, como se isso

acabasse por mudar a imagem à sua frente. Puta merda, era um monstro. Uma criatura com chifres saindo direto de seus pesadelos. E Suzanne estava correndo em direção a coisa.

— Suzanne! — Suas mãos tremiam enquanto simultaneamente puxava uma arma e abria a porta do carro. Quando o pé dele bateu no pavimento quente, a fera brandiu um enorme machado em Suzanne, e seu coração disparou contra sua garganta. — *Suzanne!*

Ela desapareceu. Bem diante dos olhos de Declan, ela desapareceu e o machado cortou o ar vazio. Uma fração de segundo depois, ela reapareceu atrás da criatura, foices girando como lâminas de liquidificador em suas mãos. De onde elas vieram? E que porra estava acontecendo?

A coisa monstra saltou no ar. Uma das lâminas de Suzanne pegou-a na boca quando isso girou, para ela, derrubando-a a nove metros de distância em um poste de telefone. Ela deslizou para o chão, mas antes que Dec pudesse dar um único passo em direção a ela, ela jogou a mão para fora, e uma bola de fogo, uma bola de fogo de verdade, disparou das

pontas de seus dedos.

A besta facilmente se afastou, e a bola de fogo gritou pelo ar antes de mergulhar em uma mansão próxima. O tempo pareceu ficar parado quando o telhado desabou e depois houve uma explosão que abalou o quarteirão inteiro. Detritos choveram e fumaça sufocou o ar.

Antes daquele momento, Declan tinha realmente pensado que talvez, apenas talvez, ele estivesse sendo punido. Ou que eles inadvertidamente dirigiram para o set de um filme de Hollywood.

Mas não, isso era muito real. Inacreditável, mas real, ele apenas sabia disso.

O monstro estalou o braço em um arco e lançou uma espécie de arma redonda em Suzanne. Cega por um véu de fumaça negra, ela não viu a esfera, e Declan não teve tempo de avisá-la antes que ela a atingisse na cabeça, derrubando-a no chão. O monstro atacou-a, mandíbulas estalando, seus enormes dentes serrilhados se chocando como um trovão demoníaco.

Uma sensação de déjà vu tomou conta dele. Como se ele estivesse separado de sua mente,

uma sensação de calma tomou conta e ele entrou em ação. Tomando um joelho, ele usou o Jaguar como cobertura e atirou na criatura com chifres. Ele rugiu e se virou para Declan, sua boca escancarada, pingando saliva e sangue.

Ele disparou novamente, mas as balas saltaram de sua pele como se fossem nada mais do que MMs atingindo o casco de um tanque.

Hawkyn se materializou no flanco esquerdo do monstro e o atacou vários com raios, o obrigando a diminuir sua velocidade. E então Sexy estava lá e outras três pessoas que ele nunca tinha visto.

De repente, uma dor atroz estilhaçou seu crânio fazendo-o cair no chão, e seu corpo convulsionou com tanta força que pode ouvir o estalo de ossos. A agonia infernal o despedaçou pelo que pareceram horas, até que finalmente tudo ficou escuro.

Capítulo 15

Declan acordou ao som da voz abafada de Suzanne. Abrindo os olhos, ele se encontrou no sofá dela. Ela estava de pé a alguns metros de distância, falando baixinho com um cara grande de cabelos escuros e couro que ele nunca tinha visto.

Por quê? E por que ele estava dormindo?

Suzanne virou-se para ele, com o rosto manchado de sangue e fuligem, e tudo voltou. Ele se levantou tão rápido que sua cabeça girou.

— Ei, — ela disse, correndo para ele. — Seja cuidadoso. Sexy usou energia de cura em você, mas ela não é muito habilidosa com isso e você provavelmente ainda tem uma concussão.

Ela disse *energia de cura*?

— E talvez alguns ossos fraturados, — o cara acrescentou. — Nós realmente deveríamos ter chamado Darien.

Suzanne revirou os olhos.

— Eu não confiaria em Darien para curar um corte de papel. Veja o que ele fez com Hawkyn.

O cara de couro puxou um fone de uma de suas orelhas.

— Tudo o que ele fez foi torná-lo fértil.

— Por acidente, — ela disse. — O que é ainda pior.

— Com licença, — disse Declan, sua voz áspera, como se ele não tivesse usado em anos. — Mas o que diabos está acontecendo?

Antes que Suzanne pudesse dizer qualquer coisa, o sujeito pôs a mão no ombro dela. O anel de caveira de prata em seu dedo médio brilhou em um raio de luz do sol que entrava pela janela, e Declan jurou que um dos olhos de rubi piscou para ele. — Tem certeza de que quer fazer isso?

— Não há outra escolha, Journey. Declan viu muito. Ele precisa saber a verdade. Além disso, ele é a única pessoa que conhecemos que pode nos dizer como derrotar Morroc.

— Eeee e eu pergunto novamente, o que diabos está acontecendo? Estou perdendo minha paciência aqui. Morroc? A verdade? Sim,

isso seria bom. Porque o que diabos foi aquela coisa que nos atacou? - Declan olhou para Journey. — Além disso, tire a porra de sua mão dela.

Suzanne e Journey trocaram olhares. O cara balançou a cabeça, claramente não querendo que ela dissesse nada, mas ela encolheu os ombros e se virou para Declan.

Journey tirou a mão e casualmente pegou o controle remoto como se esse tivesse sido seu plano o tempo todo.

— Era um demônio, — ela disse, parecendo muito séria. — Um bastante desagradável.

— Existem não-desagradáveis? — Journey brincou com o controle remoto, desligando e ligando. — sério?

— Você sabe que existem. — Ela pegou o controle remoto. — Agora, por favor, vá dizer a Idess o que está acontecendo? Nós precisamos de ajuda dela.

Journey franziu o cenho.

— Eu pensei que Ciph estava lidando com Idess.

— Cipher está lidando com o controle de danos na casa que explodi. Os humanos têm

que pensar que foi um vazamento de gás. — Ela olhou para Declan. — Ninguém ficou ferido, e não parece que houve testemunhas.

Os humanos têm que pensar que foi um vazamento de gás. Por que Suzanne estava falando como se ela não fosse uma humana? Declan estava completamente perdido.

Ele tentou controlar seus pensamentos enquanto Journey resmungava baixinho e saía do quarto, mas uma vez que estavam sozinhos, tudo o que ele podia fazer era deixar escapar: — Um demônio? Você está brincando comigo?

Suzanne foi até uma mesa onde alguém havia colocado um jarro de água gelada.

— Estou falando sério. — Ela derramou água em um dos copos na bandeja, toda suave e calma. Como se uma casa explodir, raios sair das mãos de Hawkyn, e um homem se transformar em um animal de três metros com chifre bem na frente da mansão não fosse nada demais. — Você tem uma explicação melhor?

— As forças armadas estão sempre experimentando com coisas doidas...

— Você realmente acha que os militares criaram essa coisa?

Não, eles não criaram. Inferno, ele estava começando a questionar sua sanidade.

— Talvez estejamos sob a influência de algum tipo de droga.

— Sim, tanto faz. — Ela colocou o copo de água sobre a mesa de café na frente dele. — Ou era um demônio Siecher.

— Certo, certo... — Ele pegou a água, obrigando-se a ficar calmo. — E você sabe disso, como, Suzanne D'Angelo, rica herdeira com um programa de culinária? Você veste um traje de super-herói e mata demônios à noite?

— Algo assim. — Ela inalou profundamente. — Você vai querer se sentar.

— Estou sentado.

— Bem... incline-se para trás. — Quando ele olhou, ela ergueu as mãos. — Tudo bem, nossa, ok. Então, talvez você já tenha adivinhado que eu não sou quem eu digo que sou.

— Estou começando a entender isso. Então vou direto ao assunto, quem é você?

— Eu sou um anjo.

— Humm, entendo. — Jesus. Ele sempre pegava os malucos. Então, novamente, ele estava tendo dificuldade em explicar as coisas

que tinha visto, como quando ela desapareceu e depois se materializou em outro lugar. Ou como ela jogou uma bola de fogo que derrubou uma casa inteira. — Eu não suponho que você possa me mostrar suas asas?

Ela desviou o olhar.

— Eu não tenho ainda.

Claro que não.

— Então, como você vai provar sua história?

— Eu vou lhe dizer a verdade, e espero que você se lembre de tudo.

Ele não tinha certeza do que dizer quando ela foi até a janela e puxou a cortina para trás. Na rua, carros de bombeiros e carros de polícia se reuniram para atender a casa em chamas nas proximidades.

— Há alguns anos, — ela disse enquanto se voltava para ele, — nós quase perdemos o reino humano para um apocalipse. Demônios emergiram do Inferno, e os humanos lutaram contra eles ao lado de anjos, três dos Quatro Cavaleiros e até outros demônios. O mal foi derrotado e, por alguns meses, os humanos tentaram se reconstruir e lidar. Mas vocês humanos tem medo e fome de poder e quando

as guerras religiosas ameaçaram irromper e os políticos aproveitaram a ideia de usar a ameaça dos demônios para controlar suas populações, os anjos decidiram intervir e mais uma vez reparar muitos dos danos e fazer a humanidade esquecer.

Mais uma vez fazer a humanidade esquecer? Ela era louca. Certificável. Um vírus foi responsável pela violência e destruição que havia se espalhado pelo planeta há alguns anos.

Você quer que eu acredite que demônios não apenas existem, mas eles atacaram humanos, nós lutamos de volta, e então nossas memórias foram apagadas por anjos?

— Apagada e substituída por uma explicação que suas mentes humanas primitivas poderiam entender, — ela disse. — Bem, a maioria de vocês. Os anjos mantiveram alguns humanos no circuito porque a existência de outro mundo não pode ser mantida em segredo por muito tempo. A tecnologia humana está evoluindo mais e mais a cada dia, e a inquietação em todos os reinos está causando instabilidade e frequentes incursões de demônios. Os anjos esperam que uma

introdução mais suave ao outro mundo impeça os humanos de invadirem o inferno.

— Uh-hum. — Ele tomou um gole de sua água e desejou que fosse vodca. — Então você está dizendo que o surto viral que causou o caos não aconteceu. Foram demônios. Minha mente primitiva simplesmente não se lembra disso.

— Sim. E posso apenas dizer que você está levando isso muito bem?

Isso porque era sempre melhor ficar calmo quando se lida com uma pessoa louca. Mas Jesus... Como ele deveria lidar com isso?

— Olha, — ele disse suavemente. — Talvez você pudesse explicar por que essa coisa te atacou. — Ele fez uma pausa, lembrando suas habilidades de luta. Assumindo que tudo isso era real, e isso ainda estava no ar, ela poderia cuidar de si mesma. — E também, por que diabos você me contratou para ser seu guarda-costas se você pode lutar assim?

— Eu te contratei e mudei para esta casa de propriedade dos anjos para mantê-lo perto. — Ela chegou mais perto, sua expressão estranhamente sombria. — Porque esse demônio não estava atrás de mim, Declan. Está atrás de

você.

Uau. Ele abaixou o copo com a mão trêmula.

— Eu? O que diabos eu fiz?

— Você não se lembra, mas você matou muitos demônios. Eu nem sabia até que Hawkyn me disse depois da batalha. Aparentemente você era um cara foda. E você matou o patriarca de uma poderosa família demoníaca. Essa família agora quer você morto.

Irritado com esse show incomum e completamente fodido, ele bateu com o punho na mesa.

— Pare com isso! Pare com essa besteira psicótica!

— Uau. — A voz de Hawkyn, soou atrás de Declan e o fez pular de pé como um gato nervoso. — Suzanne, você disse a ele?

— Eu precisei. Ele já sabe, Hawk. Ele viu tudo e, no fundo, ele sabe.

Naturalmente, seu assistente lunático estava nessa insanidade. Talvez eles tivessem saído do mesmo hospício.

— Apenas... prove isso para ele, — ela disse.
— Mostre-lhe as suas asas.

— Eu pensei que você não tivesse asas, — Declan rosnou.

— Eu não. Mas o Hawkyn sim.

— Uh-hum. — Ele ficou de pé para encarar Hawkyn. — Então vamos ver essas asas.

Asas reluzentes e brilhantes irromperam dos ombros de Hawkyn, enchendo o espaço e escovando o teto. Declan sugou o ar, balançando para trás um passo antes de recuperar o equilíbrio. Foi um truque. Não havia como o cara ser um anjo.

Suzanne suspirou.

— Eu não tenho asas, mas... — Ela estendeu a mão, e no tempo que ele levou para piscar, ela estava segurando uma foice, sua lâmina graciosa, curvada brilhando na luz. Depois desapareceu e ela segurava uma espada. Em movimentos quase rápidos demais para ele rastrear, ela realizou uma série de posturas de batalha e ataques com espadas que teriam matado uma dúzia de pessoas antes mesmo de vê-la se mover. Então ela fez a arma desaparecer em uma bola de luz.

Muito devagar, Declan afundou no sofá. Era real. Tudo o que ela disse a ele era real.

E de alguma forma, ele sabia o tempo todo.

* * * *

Suzanne assistiu enquanto Declan tentava processar tudo o que ele acabara de descobrir. Ela não conseguia nem imaginar o que ele estava passando. Bem, ela podia imaginar, sua vida tinha sido virada de cabeça para baixo quando ela foi arrancada de sua vida universitária feliz e se fixou em um novo mundo com uma nova realidade. Mas ela não sentiu nenhum choque. No momento em que ela conheceu seu primeiro irmão, a realidade tomou conta dela e ela sentiu como se sempre soubesse a verdade. Ao contrário da maioria de seus irmãos, ela não estava necessariamente em êxtase. Ela teve uma boa vida e foi feliz.

Ser forçada a sair daquela vida foi um pouco traumático.

Enquanto Declan bebia o copo de água como se fosse uísque, Hawkyn guardou as asas.

— Eu vou me certificar de que Journey encontrou Idess. Nós definitivamente vamos precisar de seu cunhado demônio para isso.

— O cunhado Demônio? — Declan perguntou. — Deus, isso vai levar tempo para

aceitar.

— Não se preocupe, — ela disse. — Nós vamos ajudá-lo com isso. Achamos que podemos restaurar sua memória. Ela deu um tapinha no ombro de Hawkyn. — Não é mesmo?

— Certo, — ele disse. — Estou indo. — Sem nenhuma razão para esconder qualquer coisa de Declan mais, ele piscou desaparecendo no ar.

— Puta merda. — Declan olhou para o espaço vazio onde Hawkyn tinha acabado de estar de pé. — Isso é loucura. — Ele esfregou a mão sobre o rosto. — Por que eu? Como eu me meti em tudo isso?

Ela sentou-se no lado oposto do sofá, não querendo perturba-lo.

— Você é o que chamamos de *Primori*. *Primoris* são pessoas cujas vidas são importantes para o futuro do reino terrestre. Eu pertenço a uma classe de anjo chamada *Memitim*. Nós somos os guardiões oficiais de todos os *Primori*. Mantendo vocês seguros é como ganhamos nossas asas e uma entrada no céu, assim como Hawkyn. Ele é especial, entretanto, porque geralmente uma vez que ascendemos, não temos mais contato com

outros *Memitim* não Ascendidos.

Hawkyn também não tinha acesso completo ao Céu, mas a situação dele era complicada e ela poderia explicar a Declan depois que ele absorvesse as informações mais urgentes.

Ele piscou para ela de onde estava sentado, com as pernas abertas, os antebraços apoiados nos joelhos, os lindos olhos um pouco vidrados.

— Você está dizendo que você é minha guardiã? Por quanto tempo, toda a minha vida?

— Eu tenho sido sua tutora apenas por um ano, — explicou ela. — Antes disso, você foi designado para um dos meus irmãos.

— Onde ele foi? Ele... Deus, eu não posso acreditar que estou dizendo isso... ele ganhou suas asas?

— Ele foi morto enquanto protegia outro *Primori*.

— Eu sinto muito, — ele disse, soando um pouco entorpecido. Ou em estado de choque.

— Tudo bem. — Realmente foi. Sempre ficava triste quando um irmão morria, mas ela nunca conheceu o irmão que havia vigiado Declan por três anos antes de herdá-lo. — Eu não o conhecia. Eu não conheço a maioria dos

meus irmãos e irmãs.

— Quantos você tem? — ele se endireitou, se animando como se um assunto tão normal como quantos irmãos ela tinha, fosse uma pausa bem-vinda da realidade bizarra que acabara de ser lançada sobre ele.

— Milhares. A maioria deles já ascendeu, então eu não os encontrarei até ganhar minhas próprias asas.

— Milhares? — Declan soou um pouco estrangulado.

— Bem, a maioria deles são meio irmãos. Nós todos temos o mesmo pai. Eu só conheci outros quatro com a mesma mãe também. Hawkyn é um deles.

— Hawkyn é seu irmão? — ele gemeu. — Agora merda faz sentido. Filho da puta maluco.

— Ele pode ser um pouco arrogante, — ela admitiu.

— Sim. Um pouco. Ele esfregou a garganta distraidamente. — Então ele é seu irmão completo, certo? Quem é sua mãe?

— Um anjo chamado Ulnara. Eu nunca a conheci, mas Hawkyn sim. — Em seu olhar confuso, ela explicou. — Nossos pais não nos

criam como a maioria dos anjos. Nós crescemos com famílias humanas.

— E eu estou supondo que seu pai é... Deus?

Ela riu.

— Desculpa. É engraçado porque os anjos sempre nos trataram como inferiores, e por milhares de anos eles nos disseram que eles foram criados pela mão de Deus, enquanto nossa existência veio através do pecado.

— Pecado?

— Você sabe. Sexo. Meus pais fizeram sexo. Mas o mesmo aconteceu com eles. Um bando de mentirosos.

— Droga. — Declan se jogou de volta no sofá e olhou para o ventilador de teto girando como hélices de helicóptero, graças ao fascínio de Journey com o controle remoto. A coisa poderia voar de sua base e decapitar todos eles, e ainda não seria a coisa mais estranha que aconteceu hoje. — Você sabe o que é louco? Passei toda a minha infância lendo sobre mundos fictícios e sobre o sobrenatural, e sempre achei que seria legal se algum dia descobrisse que algo era real.

— Eu acho que você está sendo muito

tranquilo sobre isso.

Ele soltou uma risada.

— Estou tão assustado agora. — E então, chocando-a, ele estendeu a mão. — Venha aqui.

Não ocorreu a ela dizer não, mesmo que a última vez que ele ordenou que ela fosse até ele, ele a tenha algemada a uma mobília sexual.

Ela deixaria totalmente ele fazer isso de novo.

Com pulso tremulando loucamente, ela pegou a mão dele e deixou que ele a puxasse para seu colo.

— Eu não posso acreditar que você é um anjo. Eu não tenho certeza se minha mente processou tudo isso ainda, mas estou feliz que você esteja aqui. Ele franziu a testa. — Espera. Você é um anjo. Puta merda, existem regras sobre nós? Humanos e anjos?

Droga. Ela não queria abordar isso. Ainda não. Havia tanta coisa acontecendo ao redor deles que eles não precisaram de mais complicações.

O que não significava que ela deixaria o assunto de seu relacionamento. Não, ela estava nisso pelo tempo em que ele a quisesse. Isso, ela

percebeu agora, tinha sido decidido a partir do momento em que o viu pela primeira vez.

— Definitivamente há regras. — Relutantemente, ela se afastou dele. — Não podemos deixar ninguém nos ver. Nós definitivamente não podemos deixar ninguém saber que fizemos sexo.

— Oh, Jesus. — O sangue drenou de seu rosto. — Eu fiz sexo com um anjo.

Agora provavelmente não era a hora de dizer a ele que ela era virgem. Não definitivamente NÃO.

A campainha tocou e, um segundo depois, sua irmã Idess estava na porta da sala de estar, linda como de hábito, com uma calça jeans baixa e um top cor de jade, a trança marrom grossa pendurada no ombro. Um cara loiro estava ao lado dela, uma manga de tatuagem estendendo-se desde as pontas dos dedos até onde desapareciam sob a camiseta verde da Heineken, apenas para reaparecer em seu pescoço, enredado com um duplo anel em torno de sua garganta.

— Mais irmãos? — perguntou Declan.

— Um deles sim. Declan, esta é minha irmã

Idess. Nós também temos a mesma mãe, mas ela é alguns milhares de anos mais velha do que eu. E ela não é mais um anjo. — Ela gesticulou para o macho ao lado dela. — E esse, eu estou supondo, é um dos seus cunhados.

Declan levantou-se.

— Demônio?

— Tudo bem, — disse o demônio. — Eu sou um dos mocinhos. — Ele estendeu a mão.

Por um longo momento, Declan não fez nada. E então, com um murmurado. — Que diabos, — e um aceno de cabeça, ele apertou as mãos do demônio. — Eu sou Declan.

— Prazer em conhecê-lo, humano. Eu sou Wraith. O demônio sorriu, mostrando as presas de aparência cruel. — E eu serei seu guia para os pesadelos que vivem em seu cérebro.

Capítulo 16

Declan não podia acreditar que isso estava acontecendo. Um demônio estava bem na frente dele. Um demônio de verdade. A mulher escultural com ele, a irmã de Suzanne, Idess, entrou na sala de estar com um sorriso e um passo leve, que parecia surreal. Ela tinha sido um anjo uma vez, e agora ela era amiguinha de um maldito demônio?

Ele olhou para Wraith. O cara não parecia em nada com o demônio que os atacou. Musculoso, alto e com uma juba brilhante de cabelos loiros compridos que batia nos ombros, que Thor mesmo teria inveja, Wraith poderia facilmente enfeitar a capa de qualquer revista, e se ele entrasse em qualquer estúdio de Hollywood, ele estaria nas telas de cinema no outro dia.

Eles teriam que disfarçar essas presas, no entanto.

— Então... você vai restaurar a minha memória?

— Eu vou tentar. — Wraith encolheu os ombros. — Mas anjos são idiotas, então quem sabe o que fizeram com você? Poderiam ter transformado seu cérebro em ovos mexidos.

Idess suspirou.

— Você não consegue ser normal por dois segundos, não é?

— O que é normal? — Wraith perguntou. — Porque, olá, você está me pedindo para reconstituir memórias apagadas por anjos depois de um apocalipse demônio. Então, você sabe, defina normal.

— Ele tem razão, — disse Suzanne.

Idess gemeu.

— Nunca diga que Wraith tem razão. Ou que ele está certo sobre qualquer coisa.

Wraith assentiu.

— Totalmente. Usarei isso contra você por toda a eternidade.

O que diabos estava acontecendo? Isto não era o que Declan esperava dos demônios. Ou anjos, para esse assunto.

Eu fiz sexo com um anjo.

— Declan? — Suzanne solicitou. — Você está bem? Você parece um pouco pálido novamente.

— Sim. — Ele limpou a garganta. — Sim estou bem. Mas não tenho certeza se estou confortável com isso...

Suzanne pegou a mão dele e apertou. Seu polegar acariciou sua pele em longos e suaves traços, um gesto íntimo que ele poderia não estar pronto há apenas alguns dias. A intimidade com as mulheres sempre foi limitada ao tipo sexual. Este material emocional era novo, e ele estava pronto para isso. Inferno, ele precisava disso. Dado tudo o que aconteceu, quem não precisaria?

— Você não precisa passar por isso se não quiser, — disse Suzanne. — Mas se você fizer isso, eu estarei bem aqui.

— Você conhece esse... demônio?

— Não, mas se Idess confia nele, eu também confio.

— Além disso, — Wraith entrou na conversa, — eu salvei o mundo uma ou duas vezes. Eu sou totalmente confiável.

— É verdade. — Idess revirou os olhos. —

Eu odeio acariciar seu ego já enorme, mas é verdade. Ele está do nosso lado.

Como? Como poderia um demônio estar do lado deles? Ele franziu a testa.

— Wraith... soa familiar. — Ele atormentou seu cérebro e, finalmente, algo clicou. — Há um personagem chamado Wraith nos quadrinhos de Demonica. Parece com você, na verdade.

Wraith sorriu.

— Isso é porque sou eu. Eu sou uma estrela do rock.

— Mas os quadrinhos... eles são fictícios.

— Não, — Idess disse suavemente, — eles não são. Eu não sei quem é responsável por eles, mas eles são bem verdadeiros na vida real. Wraith ajudou a salvar o mundo, assim como nos quadrinhos... — Ela deu ao demônio outro revirar de olhos. —... e ouvimos sobre isso regularmente. Minha teoria é que os quadrinhos são sancionados por alguém no alto do Céu a fim de fazer com que os humanos se acostumem com a ideia de demônios e anjos, e contar a história do que aconteceu antes que as memórias humanas fossem apagadas.

— Um anjo é definitivamente o autor, —

disse Wraith. — Você pode dizer porque os quadrinhos são totalmente tendenciosos contra os demônios. O autor me faz parecer um idiota.

— Isso é porque você é um idiota. — Idess se virou de Wraith para Declan. — Wraith de lado, eu acho que o objetivo dos quadrinhos é preparar pessoas como você para a verdade. Eles estão muito atrás na linha do tempo, o próximo apocalipse ainda não aconteceu e eles não introduziram os Quatro Cavaleiros do Apocalipse.

— O... o quê? — ele se lembrava vagamente de Suzanne dizendo algo sobre humanos lutando ao lado de três dos Quatro Cavaleiros, mas na hora não tinha registrado que ela estava falando sobre aqueles Cavaleiros.

Suzanne acenou com a mão.

— Eu vou te contar mais tarde. Agora temos que ativar suas memórias.

Claro, claro. Minerar informações importantes de sua cabeça era uma prioridade sobre os Quatro Cavaleiros da porra do Apocalipse.

Jesus.

Por outro lado, quantas vezes ele leu uma

história em quadrinhos ou viu um filme e se perguntou como reagiria se ele fosse um dos personagens que aprendesse que os poderes de super-heróis, alienígenas ou vampiros existiam? Ele sempre achou que se adaptaria rapidamente.

E ele sempre achou que seria incrível.

Mas realidade, estranho e, às vezes, aterrorizante.

— Então, — Wraith disse, — você está legal com isso?

Não.

— Eu tenho que estar.

— Pode ser doloroso, — advertiu Wraith. — Tente não resistir.

Declan acenou com a cabeça, e antes mesmo de terminar, Wraith estava atrás dele, um braço pendurado no peito de Declan, e uma dor lancinante e penetrante cortou seu pescoço. Fracamente, ele ouviu um coro de — Wraith! Você não tem que mordê-lo, — e — O que diabos você está fazendo? — Mas assim que ele começou a lutar, a dor se transformou em prazer, e Declan sentiu-se cair contra o grande demônio.

Então a foda mental começou.

Agonia rasgou sua cabeça, como se uma mão com garras estivesse dentro de seu crânio, rasgando o cofre que guardava suas memórias. No começo, ele resistiu à invasão antinatural, mas não demorou muito para que pedaços de visões, como trailers de filmes, começassem a brilhar diante de seus olhos. Havia monstros lá. E amigos da McKay-Taggart que lutaram contra os monstros. Declan se envolveu em uma briga de vida ou morte com alguma coisa assustadora, pálida e sem olhos.

Bom Deus. Como se a porta contendo suas memórias tivesse sido aberta, elas inundaram seu cérebro. Tantos demônios. Tantas batalhas. Declan se viu na África, lutando ao lado de pessoas que ele tinha sido enviado para capturar. Mas em um momento de desespero, todos os seres humanos se tornaram os mocinhos quando você estava enfrentando a desova do Inferno.

As lembranças passaram por seu cérebro em rápida sucessão, mal dando a ele tempo para absorvê-las. Mas ele suspeitava que não precisava. Elas foram desbloqueadas, e uma vez

que Wraith se desconectasse, Declan tinha a sensação de que ele seria capaz de voltar cada imagem para pegar mais detalhes, conforme necessário.

Finalmente, Wraith se afastou e o colocou no sofá. Declan odiava se sentir impotente e fraco, mas se não fosse pelo sofá, ele não teria sido nada além de uma poça no chão. Ele sentiu uma mão quente no joelho e sabia, sem olhar, que pertencia a Suzanne.

— Ei, — ela disse suavemente. — Como você está?

— Bom, — ele ofegou. — Com pouco um sede.

Wraith lambeu os lábios.

— Por causa da perda de sangue.

— Você realmente precisava fazer isso? — Idess perguntou, e sim, Declan estava se perguntando a mesma coisa.

— Eu estava com fome. Eu pulei o almoço. Me processe. Wraith olhou para Declan. — Você tem muita merda nessa sua cabeça. E cara, seu pai é um idiota.

Declan estava dividido entre se sentir violado e se sentir vindicado. Afinal, se um

maldito demônio pensasse que seu pai era um idiota...

— Vou pegar um pouco de suco ou algo assim. — Idess dirigiu-se para a cozinha.

— Então, — Suzanne perguntou hesitante. — O que você lembra?

Inferno. Ele se lembrava do inferno total.

— Demônios, — ele resmungou. — E a maioria deles não se parecia com Wraith.

— Isso porque os que se parecem com Wraith vivem entre os humanos há séculos sem causar muitos problemas. Quando o selo de Peste quebrou, liberou muitos demônios realmente ruins do inferno.

Peste? Um dos cavaleiros? Uma memória passou através de seu cérebro em câmera lenta, uma horda de monstros de pele de âmbar com garras como lâminas de faca e dentes mais longos do que a mão dele espremendo-se através de algum tipo de rasgo no chão. Eles vieram até ele e a equipe de segurança do hotel no local em que ele estivera morando na África do Sul enquanto trabalhava. A batalha foi cruel e horrível, mas a memória foi cortada antes que ele descobrisse como ele tinha saído vivo. Outra

lembrança veio logo depois, a de voar para Houston e descer do avião, e no mesmo momento algum tipo de monstro com chifres invadiu o terminal.

— Declan? — Suzanne apertou a mão dele. — Você está ficando pálido novamente. Você está bem?

— Sim. — Ele esfregou a mão sobre o rosto, esperando que ela não pudesse dizer que ele estava mentindo. Ele estava cansado de perguntarem se estava bem. Porque não estava. Nada disso estava bem. Bem, exceto Suzanne. Ela era literalmente seu anjo da guarda, e agora, ela era o mundo inteiro dele. — Só estou um pouco sobrecarregado.

Idess voltou com um copo de suco de laranja.

— Aqui. Tente relaxar. Você não vai querer ser inundado com muitas lembranças de uma vez.

Tarde demais. Mas mesmo quando o pensamento clareou sua mente, outra memória invadiu o espaço. Este era perto de casa. Literalmente do lado de fora dos escritórios da McKay-Taggart, três demônios, como o que

havia atacado hoje, o haviam emboscado, seu amigo Steve, Remy e Tag. Estavam todos armados, mas as balas não tinham arranhado os desgraçados... de novo, como hoje. Então, do nada, pessoas que ele achava que eram humanas, vestidas de trajes militares e equipamentos de combate, correram para a batalha com espadas, estranhas lâminas em forma de S e canhões cheios com um líquido que fez os demônios guincharem.

Um dos demônios tinha caído depois de ter sido atingido por um golpe de espada, e Declan saltou sobre ele e enfiou uma adaga profundamente no olho da criatura. O som que tinha feito... um guincho que agora perfurava seus ouvidos, tinha assustado os outros demônios, que desapareceram tão repentinamente quanto chegaram.

Mas o que ele tinha esfaqueado... ele havia encolhido e desintegrado. Os recém-chegados, pessoas que se chamavam Aegis, como nos quadrinhos, explicaram que o demônio estava morto, e então eles foram embora e ele nunca mais os viu.

— Eu me lembro de algo, — ele disse,

otimismo surgindo pela primeira vez desde que isso aconteceu. — Eu me lembro de demônios como o que nos atacou. Eu lembro de matar um.

Suzanne se endireitou.

— Como?

— Eu o esfaqueei nos olhos.

Suzanne praticamente desmaiou.

— Eu coloquei uma lança através do olho do demônio hoje, e ele mal notou.

— Então, se esses demônios não têm um ponto óbvio vulnerável, — disse Wraith, — olhe para a pessoa que o matou. — Ele gesticulou para Declan. — Quando eu estava em sua débil cabeça humana e o vi fazendo uma tatuagem. Vocês sabem que não é uma tatuagem normal, certo?

Declan pensou. Desde o começo, ele sentiu que algo não estava certo sobre sua tatuagem. Inferno, ele sabia que estava confuso. Mas ele disse a si mesmo que a tinta estava com defeito. Ou que a agulha tivesse danificado as terminações nervosas, causando as estranhas sensações que sentia de vez em quando. Ele racionalizou. Talvez o demônio estivesse certo e

sua mente estivesse fraca.

— Não é normal? — ele perguntou. — O que você quer dizer?

O demônio encolheu os ombros.

— Dei uma olhada na arte e pesquisei sobre o tatuador e apostaria as minhas bolas de que ele não é humano.

Isso não iria acabar nunca.

— Parece que é hora de uma viagem, — disse Suzanne, parecendo muito alegre. — Para onde estamos indo?

— São Francisco, — disse Declan quando ele procurou no bolso por o seu telefone, que estava zumbindo tão ferozmente que quase vibrava para fora de suas calças. Quando ele olhou para a tela, seu estômago caiu de pé.

Não. Oh, Deus, não.

— Declan? — perguntou Suzanne. — O que foi?

Dor torceu e arranhou suas entranhas, como se um monstro estivesse tentando sair.

— É meu amigo. É Steve. O telefone deslizou de seus dedos dormentes em seu colo. — Ele está morto. Alguém... ou algo... o despedaçou em sua própria casa.

Suzanne bateu a mão sobre a boca. — Oh, Declan, eu sinto muito.

— Despedaçado? — Wraith amaldiçoou. — Isso é o que demônios Siecher fazem para enviar uma mensagem.

— Steve estava lá naquele dia, — ele murmurou enquanto lutava para mantê-lo juntos. — Ele lutou ao meu lado.

— Morroc não podia chegar até você, então ele foi atrás de seu amigo. — Suzanne se aproximou e sentou ao lado dele, seu aroma tropical um conforto bem-vindo. — Ninguém que você conhece ou ama está seguro, Declan. Temos que parar isso.

Seus dedos tremiam quando ele pegou o telefone e pesquisou no Google a loja de tatuagens. Estava fechada. Mas amanhã? Ele ia estar lá ao amanhecer. E ele ia conseguir algumas respostas. Steve não merecia morrer, mas foda-se se ele morresse em vão.

Capítulo 17

— A cozinha está com um cheiro incrível.

Suzanne olhou para Hawkyn e lhe deu um sorriso cansado. Com tudo o que tinha acontecido, eles não tiveram a chance de falar sobre o assunto de ontem, mas talvez eles não precisassem. Hawkyn tinha relaxado, e ela estava feliz em apenas deixar passar. Ela nunca gostou de conflitos de qualquer maneira.

— Obrigada. Estou fazendo empadão de frango e torta de cereja.

— Você faz só faz torta quando você quer consolar alguém." Seu tom acusatório a deixou eriçada. Obviamente, Hawkyn não tinha esfriado tanto quanto ela pensava.

— Declan acabou de descobrir que suas memórias foram alteradas, que eu não sou quem eu disse que era, e que seu amigo está morto, provavelmente morto pelo demônio que nos atacou hoje. Eu acho que ele pode usar um

pouco de conforto, e você não vai me envergonhar por isso.

— Uau. — Ele ergueu as mãos em defesa. — Só estava preocupado com você, mas aprendi minha lição.

Não, ele não tinha, mas ela não iria discutir.

— Bem, obrigada por verificar o que Declan fez para conseguir ser caçado por um Siecher. Espero que possamos descobrir como ele foi capaz de matar um. E obrigado por conseguir ajuda para lutar contra o desgraçado.

Ele olhou para ela como se tentasse decidir se a mudança de assunto era intencional para evitar falar sobre o quanto ela queria confortar Declan, e se ele queria deixar passar.

— Por nada, — ele disse. — Você tem sorte de ter falado sobre os demônios que Declan pegou, e eu ver seu carro e Morroc no meio da estrada. Voltei para *Sheoul-gra* e peguei Journey, Maddox e Ilsa indo para a pizzaria. — Ele balançou a cabeça. — Eu não posso acreditar o quanto as coisas mudaram desde que Azagoth abriu seu reino para nós.

Aparentemente, *Memitins* nem sempre tinham lutado em equipe, mas a estrutura em

Sheoul-gra prestava-se a um ambiente familiar e à formação de equipes, e agora, na maioria das vezes, *Memitins* tinham ajuda simplesmente pedindo quando necessário.

— Eu não sei. — Ela pegou uma garrafa de água da geladeira. — Eu vim direto do treinamento para o *Sheoul-gra* e, como você gosta de destacar, sou um anjo bebê.

Isso tirou um sorriso dele, vendo como ela odiava ser chamada assim.

— Deixe-me saber como foi na loja de tatuagem.

— Eu vou. — Um silvo suave escapou de sua garrafa de água com gás quando ela tirou a tampa. — Oh, e Hawk? Quando você entrou nos arquivos de Declan na Embaixada *Memitim*, descobriu por que ele é o *Primori*?

Ele balançou sua cabeça.

— Qualquer informação, mesmo que ligeiramente relacionada com as ações futuras, está disponível apenas nos níveis mais altos. Eu quero dizer os níveis de Arcanjo. Nem mesmo o Conselho *Memitim* tem esse tipo de informação.

Isso era decepcionante.

— E, mana?

— Sim?

— Tenha cuidado. — Ele não estava falando sobre o estúdio de tatuagem. Ele estava falando sobre Declan.

— Você continua dizendo isso, — ela lembrou a ele. — Eu acho que vou ficar bem.

A expressão cética de Hawkyn permaneceu com ela enquanto ele balançava a cabeça e se afastava. Maldito seja. Ela sabia o que estava fazendo. Materia Declan vivo, e iria conseguir um trabalho incrível em uma rede de TV a cabo...

Ah não.

Ela deveria voar para Nova York pela manhã. Rapidamente, ela chamou Cipher.

— Super, Suzie Bear?

Sempre com os apelidos. Ela teria que inventar algo para Cipher.

— Ei. Podemos reagendar a reunião com as pessoas da rede? Eu não posso fugir agora.

— Eu vou ver o que posso fazer, mas não tenha esperanças. Eles disseram que tem sob um prazo. Retorno para você em alguns minutos. Ele desligou assim que o timer no forno indicou que o jantar estava pronto.

Alguns minutos depois, estava do lado de fora da porta de Declan com uma bandeja carregada com torta de panela, legumes salteados e pequenas tortas de cereja, além de algumas águas com gás. Ela bateu levemente com a borda da bandeja.

— Se você é um anjo, — ele gritou, — entre. Se você é um demônio, me dê um minuto para me armar.

Ela deu uma cotovelada na maçaneta da porta e entrou em seu quarto, onde ele estava esparramado no sofá, cercado por quadrinhos Demonica. Assim que ele a viu, ele ficou de pé e pegou a bandeja.

— Você não precisava trazer isso, — ele disse enquanto colocava a bandeja na mesa de café. — Eu teria indo para a cozinha.

Ela encolheu os ombros.

— Eu achei que você poderia querer ficar sozinho. Você já passou por muita coisa, e minha família pode ser... esmagadora. — Estendendo a mão, ela tocou seu ombro. — E eu sinto muito pelo seu amigo.

— Obrigado. — Ele olhou para a bandeja, onde seu telefone estava zumbindo. — Você tem

uma ligação.

Era Cipher.

— Desculpe-me por um segundo. — Ela apertou o botão de resposta. — Dê-me boas notícias, amigo.

A pulsação do silêncio do outro lado fez seu coração afundar.

— Desculpe, Suz. A rede não pode esperar. Eles cancelaram sua reunião.

Merda. Fechando os olhos, ela se deu um momento para superar a decepção. O sonho dela acabara de ser arrancado, e doeu mais do que ela imaginava. Ela deveria saber que não funcionaria. Seu destino havia sido selado desde a concepção. Talvez ela precisasse aceitar isso e seguir em frente.

Mas o pensamento de seguir em frente a fez querer chorar.

— Suzanne? — a voz de Cipher chamou suavemente. — Você está aí?

— Sim. — Ela se afastou de Declan para que ele não visse as lágrimas ardendo em seus olhos. — Tem certeza de que eles não podem adiar a reunião? Só por alguns dias?

Obviamente, aceitar e seguir em frente não

ia acontecer imediatamente.

— Eles disseram que é amanhã ou nada. Você pode deixar Declan com Hawk ou algo assim e piscar lá?

Por mais tentador que fosse, ela não podia fazer isso. Ela queria o programa de culinária mais do que tudo. Qualquer coisa, exceto se certificar de que Declan vivesse. Ela confiava em Hawkyn com sua vida, mas ela tinha um dever. Ela pode não gostar que ela tenha sido forçada a esta vida, mas Declan era mais importante do que seus sonhos.

— Tudo bem, Cipher. Obrigada. Eu falo com você depois. — Ela desligou antes que ele pudesse responder, e então ela ficou lá, olhando para o chão.

— Ei. — A mão de Declan caiu em seu ombro. — Algo está errado?

— Não, — ela disse, mas até para seus próprios ouvidos parecia uma mentira.

— Besteira. — Ele virou-a, o cinza em seus olhos mudando do aço duro e frio para uma névoa suave. — O que há de errado, anjo? — suas palavras, faladas em um sussurro abafado, a quebraram.

Lágrimas obscureceram sua visão quando o primeiro soluço sacudiu seu corpo.

— Eu perdi o negócio de TV.

— Sério? Não fazia parte da reportagem de capa?

Quando ela balançou a cabeça, Declan puxou-a em seus braços.

— Eu sinto muito.

Ela se sentiu como uma idiota por precisar dele quando ele tinha acabado de perder seu amigo e ela deveria ser a única que o confortava.

— Está bem. Estou bem. — Ela tentou se afastar, mas seus braços se apertaram ao redor dela.

— Você não está bem, e isso não é sobre o show de TV, é? — ele recuou apenas o suficiente para olhar para ela. — Eu não sei quase nada sobre anjos, mas eu sei quando as pessoas estão mentindo e quando estão dizendo a verdade. Todas aquelas mentiras que você me contou sobre quem você era? Uma rica herdeira? Não combinada com você.

— Não combinava?

Ele enxugou uma lágrima com o polegar, seu toque tão terno que ela quase suspirou.

— Você parecia tão confortável nesta casa como um caubói de meia-calça. Mas quando você fala sobre comida e culinária, você se ilumina, e você tem a menor sugestão de um sotaque sulista. Esse é o seu verdadeiro você.

— Eu sou um anjo, — ela disse, o peso desse fato sentado em seus ombros. — Isso não pode ser o meu verdadeiro eu.

— Veja? É por isso que eu disse que isso não é sobre o show na TV. É sobre quem você é.

Ela olhou para ele, maravilhada com sua capacidade de analisar o ruído de fundo e se concentrar no que era importante.

— Como você sabe disso?

— Porque eu não sei quem diabos eu sou, também. — Sua voz começou ríspida, mas quando ele baixou a cabeça e deu um beijo em seu cabelo, seu tom de voz suavizou. — Especialmente agora.

E novamente, ela se sentia uma idiota por reclamar sobre sua própria situação quando todo o mundo dele estava de cabeça para baixo. Seus sonhos haviam morrido, mas seu mundo ainda era o mesmo.

— Eu sei quem eu sou. E eu sei quem eu

quero ser. Eu simplesmente não posso ser essa pessoa. Ela afastou as lágrimas e recuou. — Não importa. O importante é que você esteja seguro.

— Foda-se isso. — Ele a guiou até a mesa de comida. — Eu quero estar seguro, mas também quero saber mais sobre você. As coisas estão um pouco desequilibradas entre nós, vendo como você tem me espionado por um ano e acabei de descobrir que você é um anjo em vez de uma herdeira. Então me diga quem você é. Quer dizer, não sei nada sobre anjos.

Ela afundou em uma cadeira. — Não há muito para contar. Eu sou um *Memitim* que vive em *Sheoul-gra* com mais de cem dos meus irmãos e irmãs não ascendidos. Eles são todos ótimos guerreiros, mas eu nunca me senti como se eu me encaixasse.

Declan sentou-se no braço do sofá. — Por que não?

Não importa quantas vezes ela explicasse seus sentimentos aos irmãos, eles não entendiam. Talvez Declan, como humano, faria.

— Eu cresci com uma família maravilhosa na Geórgia e eu era feliz. — Ela sorriu com carinho para a empadão de frango. Cozida em

uma frigideira de ferro fundida, era uma das favoritas da mãe dela. — Eu pensava que era humana e depois fui arrancada da faculdade e caí neste mundo. Eu sei que parece egoísta, mas eu não queria isso para mim. Eu quero cozinhar, ter uma família e ser normal, sabe? Ao invés disso, tenho essa responsabilidade incrível e nenhuma liberdade. Mas pelo menos eu tenho você como meu primeiro *Primori*. — Ela estendeu o braço direito para mostrar a ele o *heraldi* que ele perguntou sobre alguns dias atrás. — O que eu te disse sobre isso foi uma mentira. Na verdade, é um sistema de alarme ligado a você. Quando isso queima, é um aviso de que você está em perigo. Bem, era para me alertar, mas é um pouco complicado.

— Sêrio? — estendendo a mão, ele pegou seu pulso e gentilmente esfregou o polegar sobre as linhas cor de carne. — Isso é legal. Mas *Sheoul-gra*? Os quadrinhos da Demonica dizem que é onde os demônios e as pessoas más vão quando morrem.

— Verdade. Meu pai e Hades administram isso.

— E seu pai é...?

— O Grim Reaper.

Ela esperava que ele surtasse, mas ele apenas assentiu.

— É claro que seu pai é o Grim Reaper.

— Você está aceitando isso bem.

Ele riu, um som profundo e rico que a aqueceu toda.

— Nas últimas horas eu fui atacado por um demônio, tive um demônio bebendo meu sangue enquanto ele desembaralhava meu cérebro, aprendi que matei um bando de demônios, que minha namorada é um anjo, e que seu assistente psicótico é na verdade seu superpoderoso irmão psicótico. Acho que atingi meu limite de surpresa por hoje..

Minha namorada é um anjo. Suzanne não tinha ouvido nada depois daquelas palavras. Ele a chamou de namorada! Ela sentiu como se estivesse de volta ao ensino médio, tonta e apaixonada por esse homem incrível.

— Sim, bem, não conte com isso. — Ela colocou um pouco do empadão de frango em uma tigela, certificando-se de pagar bastante massa. — Eu aposto que você ainda é chocável.

— Teste-me.

Ela não deveria. Ela realmente não deveria. Mas aquele levantar arrogante de seu queixo praticamente implorou para que ela ganhasse esse desafio.

— Bem, — ela disse enquanto perfurava um grande pedaço de frango com o garfo, — já que nós, *Memitins*, estamos proibidos de fazer sexo, e eu não dormi com ninguém durante os anos em que pensei que era humana...

Demorou alguns segundos para ele perceber o significado das palavras. E então ele caiu de volta no sofá.

— Meu Deus. Você era virgem. Puta merda, eu... eu...

— Você deflorou um anjo.

Sim, ela estava certa. Ele definitivamente ainda era chocável.

* * * *

Declan não ficava em silêncio muitas vezes, mas cara, parecia que sua voz tinha tomado uma licença permanente de ausência. Ou talvez fosse o seu cérebro que estava frito. De qualquer forma, ele demorou para finalmente administrar

um altamente articulado — Huh?

— Não é grande coisa...

Ele se levantou, quase derrubando a mesa de café e a bandeja de comida.

— Nada demais? Vamos. Você disse que existem regras sobre humanos e anjos. — Não podemos deixar ninguém nos ver. Nós definitivamente não podemos deixar ninguém saber que fizemos sexo. — Você disse isso. O que acontece agora? Quero dizer, tirar a virgindade de um anjo? Puta merda, seu irmão maluco vai me matar.

— Ele não pode te matar. — Ela fez parecer que o cara não tinha tentado. — Você é um *Primori*.

— O que diabos é um *Primori*? Você nunca explicou isso. E por que eu sou um deles? Porque eu matei alguns demônios?

Ela deu uma mordida em sua torta e seu estômago roncou, embora a ideia de comer não parecesse bem com ele agora.

— Nós não sabemos por que alguém é *Primori*. — Ela engoliu a comida com um gole de água com gás. — Nós somos atribuídos a um humano ou demônio e nós os protegemos.

— Demônios? Você também protege os demônios?

— Às vezes. *Primoris* são pessoas, humanas ou demoníacas, que desempenharão um papel importante no destino da humanidade. Eles nem sempre são pessoas boas. As piores pessoas na história foram *Primoris* porque suas ações moldaram o mundo em que vivemos hoje.

Ele afundou no sofá novamente.

— Então você está dizendo que eu sou importante para a humanidade de alguma forma?

— Exatamente. — Ela gesticulou para os quadrinhos *Demonica*. — Talvez algum dia alguém escreva sobre você.

Essa seria a coisa mais legal de todas. Tomara que ele não seja um vilão. Ou o idiota sem noção que deflorou um anjo e foi atingido por um raio.

Oh, Jesus... ela era virgem. E se ela não fosse da idade legal do anjo? Qualquer que seja.

— Espero que esta não seja uma pergunta rude, mas... quantos anos você tem?

— Estou com quase setenta anos, — ela disse com uma fungada defensiva, como se isso

fosse um assunto delicado para ela. — Eu não sou um anjo bebê, não importa o que todos digam.

Uau. Ela parecia muito boa por ter a idade de quando seu avô havia morrido.

— Você disse que cresceu na Geórgia? Com uma família humana?

Ela assentiu.

— Todos os *Memitins* foram criados por humanos. Bem, isso está mudando agora que meu pai não está mais reproduzindo.

Reproduzindo? Ele ia deixar isso passar por agora.

— Seus pais humanos sabiam a verdade sobre você?

Ela balançou a cabeça.

— Minha mãe substituiu seu bebê humano por mim. É o que acontece com todos os bebês *Memitins*. A prática é a base do folclore de *Changeling*.

Fazia sentido, vendo como os *Changelings* eram supostamente a descendência de fadas que haviam sido trocadas por bebês humanos. E ei, olhe para isso, o conhecimento nerd de Declan estava vindo a calhar agora.

Todo mundo que já tirou sarro de mim, engulam isso. Tag, Remy, Shane, Steve, Gareth. Todas as pessoas que o conheceram do lado de fora da loja de quadrinhos.

Pensar em Gareth e Steve ameaçou deprimi-lo quando ele precisava estar alerta, agora mais do que nunca, então ele voltou a se concentrar em aprender o máximo que podia sobre este novo mundo que acabara de ser revelado a ele.

— Então, o que acontece com os filhos biológicos desses humanos?

Suzanne acenou com o garfo como se estivesse gesticulando para os Céus.

— Eles são adotados por meio de canais angelicais.

— Isso é meio fodido.

— É melhor do que costumava ser antes das agências de adoção. Houve uma época em que as crianças eram deixadas em igrejas ou nas praças da cidade. De repente, ela pareceu triste.

— Confie em mim, os bebês humanos geralmente conseguem o melhor no fim do negócio.

— Então, por que eles passam por todo esse problema? — ele finalmente estendeu a mão

para pegar um pouco do empadão, mas no último segundo foi para as tortas de cereja. Isso parecia um dia de sobremesa, quando a vida chegava a você com força e rapidez e você não sabia se viveria para fazer outra refeição. Ele e sua equipe militar especial acreditavam firmemente em comer a sobremesa antes de uma missão, e se alguma vez uma situação exigisse ter torta antes do jantar, ter um demônio tentando matá-lo era isso. — Por que você foi criada por humanos em vez de sua mãe?

— É assim que aprendemos os modos humanos que vamos proteger, — ela explicou. — E eles se certificam de que tenhamos infâncias horríveis, então seremos duros.

— Você não disse que teve uma ótima infância?

Ela assentiu.

— Eu tive sorte. Minha mãe humana deveria se casar com o malfeitor abusivo que a engravidou, então eu acho que os anjos pensaram que eu teria uma casa de baixa qualidade. Mas no último minuto, ela cancelou o casamento, se afastou da família que a

deserdou, e conheceu um médico brilhante e bonito e viveu feliz para sempre.

— Eles têm filhos?

Ela sorriu com carinho, e talvez fosse egoísta e estúpida, mas ele sentiu uma pontada de ciúmes por ela ter tido o tipo de infância que ele ansiava.

— Eu cresci com dois irmãos e uma irmã. Meus irmãos morreram com um ano de diferença um do outro há cerca de dez anos e minha irmã morreu mais recentemente. Eu a visitava todos os dias na casa de repouso.

— Então, se eles não sabiam a verdade sobre você, como você escondeu a verdade deles? Você obviamente não envelheceu além de vinte e cinco?

Ela sorriu.

— Eu mudei.

— Sêrio, — ele disse enquanto lambia o doce da torta de seu dedo. — Você envelhece?

— Nós paramos o envelhecimento quando chegamos aos vinte anos. Mas uma vez que ganhemos nossas asas, podemos escolher qualquer idade que quisermos. É o mesmo com os humanos no céu. Todo mundo parece que

está na casa dos vinte, a menos que eles mudem suas aparências para cumprimentar um parente que cruza a morte no reino humano.

Com o estômago se rebelando novamente, ele devolveu a torta sem prova-la. Ele daria qualquer coisa por uma dose de uísque agora. Isso era muita informação para processar.

— Então, como você descobriu a verdade? O que aconteceu com sua família?

— Uma irmã *Memitim* veio até mim quando eu tinha vinte anos. Eu estava na faculdade no melhor momento da minha vida. Eu estava apenas começando a namorar, e eu seria uma chef algum dia... eu tinha tudo. Então Marisol apareceu e eu tive que ir com ela.

Declan teria ficado emocionado ao saber que as pessoas que ele achava que eram seus pais não eram. Mas Suzanne não parecia estar feliz com as notícias. — Você acreditou nela imediatamente?

— Ela não teve que dizer uma palavra, — disse Suzanne depois de tomar um gole de água com gás. — No instante em que a vi, a verdade da minha existência me encheu.

— Foi difícil deixar sua vida e todos que

você amava?

— Foi horrível. — Tristeza lançou uma sombra em seu rosto. — Eu tive que fingir meu desaparecimento e deixar minha família acreditar que eu estava morta. Durante anos observei-os esperar, rezar e lamentar. Minha mãe foi para o túmulo acreditando que um dia eu voltaria para casa. - Ela respirou fundo e endireitou os ombros. — Então foi difícil, mas no final, eu entendi que fui criada para esse propósito. Eu tinha sido encarregado pelo Céu para proteger a humanidade, — ela terminou, um pouco defensiva. — Também ajudou que eu conseguisse me juntar a uma nova família.

Foi assim que ele se juntou aos militares. Era um amor duro com certeza, mas depois de nenhum amor, significava tudo para ele. Até que Gareth morreu e ele entrou numa compulsão autodestrutiva que o levou a se separar da Força Aérea. Ele amaldiçoou sob sua respiração, Suzanne deu uma mordida na torta de frango.

— Aqui. Coma isso. Vai ajudá-lo a relaxar.

— Por quê? — ele olhou para o garfo com desconfiança. — O molho é cheio de sedativos?

— Não. Está cheio de “*anjo emo*” antiquado,

como Cipher chama. — Ela fez um gesto impaciente com o garfo, então ele deu uma mordida. — Quando eu cozinho, minhas emoções se fundem com a comida. E quando eu cozinho no meu programa de culinária e as pessoas preparam os pratos enquanto assistem, a comida deles é infundida também. É por isso que meu show tem seguidores tão assíduos.

Ele se lembrou dela dizendo algo sobre isso quando seus espectadores preparavam seus pratos enquanto assistiam ao show, eles sentiam o efeito da comida que ela pretendia. Ele achava que a coisa toda era um truque. Era incrível que fosse real.

— Provavelmente ajuda a sua comida ser incrível, — ele disse. E ela estava certa. Ele apenas engoliu a torta e uma sensação de alívio já estava se espalhando por ele como sol quente. — Hoje mais cedo... o almoço que você preparou para mim e Steve... o que você estava sentindo quando cozinhou?

Seus longos cílios voaram.

— Nós tínhamos fizemos amor. Eu estava feliz. Você não percebeu?

Feito amor. Suas palavras o fizeram respirar

assustado. Ele não chamaria o que eles fizeram “fazer amor”. Eles fizeram sexo. Eles foderam. Em uma sala que ele só poderia supor que foi usada por anjos para torturar demônios.

Ela merecia melhor.

— Sim, eu poderia dizer, — ele disse rispidamente. — E colocou Steve de ótimo humor. Melhor do que eu o vi em muito tempo. — Fechando os olhos, ele parou um minuto para respirar. Steve era um bom sujeito, um bom amigo, e ele sentiria falta dele. — Obrigado por dar isso a ele antes de morrer.

— Eu gostaria de poder fazer mais. Para ele e para você. Ela colocou a comida para baixo e se moveu da cadeira para a almofada do sofá ao lado dele, sentando tão perto que ele podia sentir seu calor em ba pele. — O que eu posso fazer?

Olhando para aqueles olhos doces, tudo o que ele conseguia pensar era como eles estavam sonolentos, envidraçados e saciados depois que ele a fez gozar. Ele queria fazer isso de novo. Mas principalmente, egoisticamente, ele queria se consolar com ela. Este novo mundo era bizarro, e ela fazia parte disso, mas ela era

tangível e real, e ele queria se ancorar nela. E contra ela.

Movendo-se para encará-la, ele pressionou a boca sobre a dela. Instantaneamente, sentiu-a se derreteu seu peito, trazendo seu corpo inteiro em contato com o dele. Ela estava tão quente, sua carne firme, exceto em todos os lugares em que deveria ser macia.

— Eu quero ficar nua, — ela sussurrou contra seus lábios. — E eu quero que você esteja nu também. Em cima da cama. Eu quero estar enrolada nos lençóis com você. E quero que você me acorde em algumas horas para que possamos fazer sexo novamente.

Ele sorriu.

— Você é muito exigente.

Suas bochechas ficaram vermelhas.

— Eu vi coisas assim em filmes. Eu sempre quis saber como é.

— Você sabe, — ele disse, enquanto acariciava o lábio inferior com o polegar, — você parece muito diferente de seus irmãos e irmãs. Você é típico de um anjo? Ou são eles?

Seu olhar caiu como se ela estivesse envergonhada.

— Eles são. Eles gostam de lutar contra demônios e brigar uns com os outros e caçar os maus. Eles amam o que fazem. — Ela olhou de volta para ele, seus olhos castanhos nadando no que ele só poderia chamar de desapontamento. — Eu odeio isso. Eu quero servir de alguma outra maneira, mas nós nascemos com este propósito, e eu apenas tenho que engolir. — De repente, um sorriso perverso curvou seus lábios brilhantes. — Falando em engolir...

Seus dedos encontraram a braguilha de seu jeans, e antes que ele pudesse impedi-la, não que ele o tenha feito, ela o abriu. Então, assim que ela começou a escorregar do sofá para cair de joelhos, ele agarrou seus braços e a levantou.

— O que você está fazendo?

Ela fez um pequeno ruído triste.

— Estou fazendo errado? Eu li livros...

Jesus. Ela era tão... inocente.

O que você esperava? Ela é um maldito anjo.

Parecia tão errado querer vê-la fazendo coisas sujas.

Você a fodeu em um cavalo de escravidão.

E ele queria fazer isso de novo. Mas talvez

não até terem feito certo. Ela precisava de uma “primeira vez” melhor.

— Você não fez nada de errado. — Sua voz soava crua e carente, talvez porque suas bolas estavam apertadas com antecipação. — Só quero fazer isso em uma cama. Enrolados nos lençóis, como você disse. Ele a atraiu e a beijou antes de levantá-la em seus braços. — Você merece ser adorada.

— Porque eu sou um anjo?

— Não, — ele murmurou. — Porque você é Suzanne.

Desta vez, o barulho que ela fez não nasceu da preocupação de que ela tivesse feito algo errado. Desta vez, foi porque ela fez tudo certo e enquanto ele a levava para o quarto, ela colocou os braços ao redor dele e se acomodou contra seu peito, segurando-o com força.

Algo dentro dele se soltou naquele momento. Toda a resistência que endureceu seu coração quando se tratava de relacionamentos começou a se desfazer como uma avalanche de neve numa montanha. Uma onda de afeição caiu sobre ele, e ele sabia que depois de hoje, nada seria o mesmo.

Capítulo 18

Suzanne apoiou a cabeça no ombro de Declan enquanto ele a levava para o quarto. Foi bom segurá-la assim. Se ele entendeu corretamente o que ela disse, ela tinha sido uma guerreira por mais de cinquenta anos, e ela merecia algumas horas de ser uma *pessoa*.

— Ei, eu tenho uma pergunta. — Declan pressionou um beijo em seu cabelo. — Vocês dormem, certo?

Ela encobriu um bocejo delicado que deve ter sido invocado pelo uso da palavra.

— Nós não precisamos da mesma maneira que os humanos. Não enlouquecemos ou morremos, nem nada disso, mas o sono nos ajuda a regenerar. Pessoalmente, adoro dormir.

Ele a colocou contra seu corpo, e ela se aproximou o mais perto que conseguiu.

— Bom, porque acho que estamos precisando de descanso.

— Você está preocupado em voltar para o lugar da tatuagem?

Ele parou para fechar a cortina na janela sul.

— É um pouco desconcertante que a minha tatuagem tenha sido feita por um não-humano, — ele admitiu. — Eu quero saber porque. E o que isso faz para mim.

— Mas valeu a pena, — ela murmurou, — eu não tenho uma má intuição sobre isso. Mas será interessante ter a história por trás.

Interessante não era a palavra que ele escolheria. Perturbador, talvez. Mas de qualquer forma. Não fazia sentido insistir nisso. Ainda não.

Ele tinha amanhã para fazer isso.

Esta noite ele iria se consolar com Suzanne. A coisa era que ele não precisava de sexo. Ele queria, claro. Mas ele ficaria feliz em simplesmente deitar com ela. Acordar com ela e fazer as coisas íntimas que os amantes faziam, desde falar sobre filmes até compartilhar fantasias.

Isso tudo era novo para ele. Não o sexo, nem o fato de Suzanne ser um anjo. Embora a coisa

do anjo fosse nova, ele supunha. Era o resto, o simples desejo de estar com alguém, isso não era familiar.

Ele a colocou na cama, mas antes de entrar, pediu licença para escovar os dentes. Quando ele voltou para o quarto, ele quase engoliu a língua.

Suzanne estava reclinada em cima do edredom em uma pequena camisola azul que deixava muito pouco para a imaginação.

— Enquanto você estava no banheiro, pisquei para o meu quarto e escovei os dentes e me troquei. — Ela brincou com o decote rendado, seus dedos acariciando a pele cremosa do volume de seus seios.

Seios que ele ia provar em cerca de dois segundos.

— Ah, e você pode estar interessado em saber que *Memitins* não são férteis até que eles ascendam. — Um sorriso travesso bagunçou os cantos de sua boca. — Então, nós não precisamos de preservativos.

Oh sim, sim.

Ele se despiu em tempo recorde, seu ego masculino absorvendo a fome rodopiando em

seus olhos marrons de Suzanne enquanto ela o observava.

Quando subiu na cama, ela o recebeu com um sorriso tímido e braços abertos, a imagem perfeita de um anjo sedutor.

— Você tem certeza disso? — ele fez uma pausa enquanto ele pairava sobre as pernas dela, não querendo ir mais longe se ela precisasse de mais tempo.

— Eu tenho três quartos de século, Declan. Acho que já sei o que quero agora.

Ele deslizou uma mão por sua coxa, puxando uma respiração irregular dela. — Realmente?

Desta vez, quando ela falou, foi com menos confiança e mais falta de ar.

— Claro.

— Então me peça. Farei o que você quiser.

Uma sobrancelha cética se arqueou.

— Qualquer coisa?

— Se você pode imaginar, Suzanne, eu farei isso. — Ele estava contando com ela não tendo extrema imaginação quando se tratava de sexo, em parte porque ele planejava ajudá-la a preencher seu baú de imaginação sexual, e em

parte porque havia algumas linhas que ele não cruzaria.

Mas havia muitas linhas que ele seguiria.

Seus olhos se arregalaram e um rubor rosa se espalhou por suas bochechas. Exatamente como ele pensou. Mas ele não iria deixá-la mais confortável. Se ela fosse aprender sobre sexo, aprenderia a expressar seus desejos. Ela era uma gatinha agora, mas o instinto masculino dizia que ela seria uma tigresa quando encontrasse sua voz.

Ele queria aquele tigre, e ele ouviu-se rosnar com possessividade enquanto erguia a mão mais acima em sua coxa, até que as pontas dos dedos estavam roçando sua calcinha.

— Bem, — ele perguntou. — Você quer que eu talvez provoque seus mamilos?

Movendo-se, ele segurou um dos seios através do tecido e circulou o mamilo com o polegar. O menor suspiro em sua respiração através dos lábios levemente separados o estimulou. Ela gostava de conversa suja e provocação. Bom, porque ele gostava também.

— Você quer que eu chupe?

— Sim, — ela resmungou.

— Diga.

Ela o chocou inclinando-se para frente e dizendo corajosamente: — Eu quero que você chupe meu mamilo. — Então, sua persona corajosa desapareceu com um suave. — Por favor?

Sim, eles precisavam trabalhar na coisa do tigre.

Mais tarde.

Ansiosamente, ele baixou a boca para o seio dela e pegou o mamilo entre os dentes, beliscando um pouco, o suficiente para fazê-la se contorcer, e então lambeu, a sensação amortecida pelo material esticado em cima da aréola. Ele queria mordê-lo através da camisola e chupá-lo profundamente, mas ele poderia fazer isso outra hora.

Havia muito para mostrar a ela.

— Oh, Declan, — ela suspirou quando se arqueou para ele, suas mãos subindo para acariciar seus ombros e costas. Seus dedos encontraram as linhas da tatuagem, e as raios instantâneos de prazer foram direto para sua virilha. Maldito efeito erótico disso. Ele poderia gozar apenas com seu toque.

— Isso é tão bom, — ele sussurrou contra sua pele.

— Mmm. Então fala isso.

Delicadamente, ele soprou o ar sobre o tecido molhado, amando como o frio fez seu mamilo franzir. Ele observou a expressão dela enquanto rolava entre os dedos, a adoração nos olhos dela o deixando louco. Ficou claro que ela não conhecia o próprio corpo muito bem, não sabia como reagia ao toque de alguém e ele queria ser o único a mostrar a ela.

Cada centímetro de seu corpo ia conhecer sua carícia, e só a sua.

— O que vem depois, anjo? Quer que eu te beije toda? Beije até chegar a sua barriga?

Ela assentiu.

— Sim, por favor.

Ele quase riu. Tão educada quando o que ele ia fazer com ela seria tudo menos educado.

Empurrando a camisola para expor sua barriga perfeita e plana, ele beijou um caminho dos seios até o umbigo. Ela estremeceu quando ele a rodeou com a língua, e suas bolas estremeeceram ficando pesadas, doloridas e se ele não entrasse logo em breve, as coisas

começariam a doer.

Se movendo mais para baixo, ia abrindo as pernas enquanto descia.

De repente, ela se levantou.

— Espere.

— O que, algo errado?

— Nada. Eu só... eu quero fazer isso com você.

Seu pênis ficou excitado quando ela agarrou seus ombros e puxou-o de volta para cima de seu corpo para que ele estivesse escarranchado nela, seus joelhos em suas axilas, sua ereção tão perto de sua boca que ele podia o hálito quente.

Ele esperava que ela fosse tímida. Mas não, seu anjo o engoliu inteiro sem hesitação.

— Puta merda, — ele gritou quando ela chupou com força. Sua boca era quente, úmida e perfeita, o arranhar de seus dentes era áspero apenas o suficiente para impedi-lo de gozar em sua garganta.

Perfeição.

Sua língua girou em torno da cabeça de seu pênis antes que ela lambesse seu caminho pelo eixo, e quando trouxe uma mão para acariciar

suas bolas, seu corpo inteiro se sacudiu reflexivamente. Então ela acariciou mais forte.

Foi quando ele decidiu que ela não era um anjo. Suzanne era uma *sucubus* cruel que acabaria com isso antes de começar.

— Ok, — ele disse, puxando das profundezas quentes de sua boca. — Sua vez. — Ele recuou seu caminho por seu corpo novamente, beijando seus lábios inchados. — Você não quer minha boca entre as pernas? Minha língua empurrando dentro de você enquanto provo cada gota de sua excitação? Ele a abriu com os dedos e inseriu um em seu núcleo. — Ou você quer isso? — ele bombeou o dedo para dentro e para fora, espalhando a nata através de seu sexo. Ela estava tão pronta para ele. Mudando, ele retirou o dedo e substituiu-o com a cabeça de seu pênis. — Ou isto?

— Eu quero tudo, — ela respirou, e ele riu.

— Você é um anjo ganancioso e safado, não é?

Ela arqueou as costas e empurrou-se em seu pênis.

— Não desobediente o suficiente. Foda-me, Declan.

Mesmo quando ela disse isso, sua voz falhou e suas bochechas se iluminaram de vergonha. Ser rude não estava em seu DNA, mas ela estava tentando abençoar seu coração, e ele já estava no limite, então ele daria o que ela queria.

Mas da próxima vez? Da próxima vez ele ia passar meia hora entre as pernas dela e fazê-la gozar meia dúzia de vezes antes de afundar dentro de seu corpo lindo.

Gemendo com esse pensamento, ele mergulhou profundamente em seu núcleo de cetim. Seu grito de satisfação alimentou sua própria paixão. Ele plantou as palmas das mãos em ambos os lados da cabeça dela para que pudesse observar cada nuance em sua expressão. Queria ver seus dentes afundarem em seu lábio inferior do jeito que ela estava fazendo agora. E definitivamente queria ver como os lábios dela se separariam e os olhos dela fechariam quando atingisse o clímax. Ele perdeu tudo isso na primeira vez, quando ela estava de costas para.

Mas não iria perder agora.

Suas pernas subiram para engancharem

torno de sua cintura, puxando-o para mais perto enquanto ele bombeava nela, duro e rápido. Ela agarrou-o com suas coxas poderosas, forçando seu ritmo para o que ela queria. Ele sempre esteve no controle durante o sexo, sempre guiando suas parceiras na direção que ele queria. Não que ele fosse egoísta, a menos que ser egoísta significasse garantir que seu parceiro chegasse ao clímax primeiro. Não havia nada mais sexy do que uma mulher profundamente em sua paixão, seus gritos suaves instigando-o em direção ao próprio orgasmo.

Mas Suzanne entendia o prazer. Talvez não fosse prazer sexual, mas estando tão ligada à comida quanto ela, ela conhecia o poder da satisfação e tomava o caminho que queria. Forjando seu próprio caminho e fazendo sua própria receita.

Contanto que ela testasse aquelas receitas nele, ele definitivamente poderia negociar. Ela era sua agora. Sua própria chef pessoal, dentro e fora da cama.

— D-Declan, — ela engasgou. — Declan! — seu grito sacudiu as paredes, e oh, sim, aquela

expressão em seu rosto era o que ele estava esperando. O êxtase estava gravado em sua expressão, sua boca se abrindo, os tendões de seu pescoço se esticando enquanto ela se arqueava, as unhas se afundando em suas costas.

Ele bombeou seus quadris ainda mais rápido quando seu clímax se formou em seu eixo. O orgasmo acertou-o com a força de uma tempestade, a energia se espalhando por sua pélvis e subindo por sua espinha, fazendo-o perder o controle como nunca antes. Ele rugiu em êxtase, chamando o nome de Suzanne mais e mais.

A consciência se tornou fluida, ele podia jurar que perdeu e retornou a consciência dezenas de vezes antes do orgasmo finalmente diminuir e ele desmoronar em cima dela. Gemendo, ele enterrou o rosto na curva do ombro dela e tentou recuperar o fôlego.

— Isso, — ele disse quando finalmente conseguiu falar, — foi inacreditável.

— Foi bom?

Ele teria rido se tivesse ar suficiente em seus pulmões.

— Sim. Oh sim.

Ele a ouviu bocejar.

— Declan?

— Hum?

— É verdade que os machos humanos só podem ter orgasmo uma vez?

Ele levantou a cabeça e pegou seu olhar curioso.

— Na maioria das vezes. Por quê?

— Eu só estava me perguntando se poderíamos fazer isso de novo.

Ereção instantânea. Sorrindo, ele socou seus quadris contra ela para que ela pudesse sentir o que ela acabara de fazer com ele.

— O que você acha?

Seu sorriso lento e sonolento o deixou ainda mais duro.

— Eu acho que eu poderia fazer isso a noite toda.

Rosnando com impaciência, ele agarrou seus quadris e começou a se mover, o som úmido do pênis deslizando em seu canal juntou-se ao rangido suave do colchão abaixo deles.

— Então você é um anjo na cozinha e um demônio na cama, — ele murmurou contra seus

lábios. — Você é a fantasia de todo homem.

— Eu só quero ser a fantasia de um homem,
— ela sussurrou.

Oh sim. Ela era uma fantasia. Sua fantasia

E o mais louco era que ela também era a
realidade dele.

Capítulo 19

O estúdio de tatuagem parecia com qualquer outra que Suzanne já vira. Que era exatamente nenhum. Ainda assim, nada parecia se destacar. Nada gritava que este lugar é gerenciado por um demônio.

Também não havia ninguém por perto, apesar da placa de aberto pendurada na janela quando passaram pela porta.

Inalando o cheiro inconfundível de sálvia, ela olhou ao redor da loja, uma parede coberta de fotos de tatuagens que ela assumiu que tinham sido feitas aqui, outra parede coberta com modelos de tatuagem.

— Você tem certeza que este era o lugar? — O fato de que quem trabalhava aqui tinha usado sálvia para limpar e purificar o espaço de energia negativa ou mal provavelmente significava que o artista não era um demônio.

Mas Wraith disse que ele não era humano também.

Isso ainda deixava muitas possibilidades, incluindo metamorfos, elfos, bestas, fadas, vampiros... A lista era interminável.

Declan se moveu ao redor da loja como um predador, sua mão direita pronta para empurrar para o lado a batinha de seu coldre e puxar a arma, mesmo sabendo, dos gibis, que as balas eram ineficazes contra uma grande porcentagem de seres sobrenaturais.

— Eu estava bêbado pra caralho, mas mantive o cartão de visita que o cara me deu porque ele escreveu algo estranho nas costas.

Ela franziu a testa.

— O que ele escreveu?

Uma voz profunda ecoou atrás deles.

— Eu escrevi que se ele tivesse alguma dúvida sobre a tatuagem, ele deveria voltar.

Uma imensa onda de poder encheu o prédio, mais forte do que qualquer coisa que ela já tivesse experimentado fora do reino de seu pai. Instintivamente, ela convocou seu próprio poder, segurando-o na ponta dos dedos enquanto ela e Declan se viravam para confrontar o recém-

chegado.

Sua mandíbula bateu no chão e ela não conseguia parar de olhar para o homem que havia saído de um quarto dos fundos, seu cabelo longo e escuro fluindo sobre os ombros vestidos de camiseta, seus jeans e botas tão diferentes dos robes com capuz que ela sempre viu nele. Inferno, a única razão pela qual ela o reconheceu foi por causa da intensa vibração que ele emitia, uma que era tão única quanto uma assinatura.

— Jim Bob, — ela sussurrou. — Puta merda.

Declan olhou entre ela e Jim Bob, sua mão ainda pairando sobre a arma, o que seria totalmente inútil contra o macho na frente deles.

— Você o conhece?

Jim Bob era um visitante regular do pai dela, e ela tinha certeza de que ele era algum tipo de espião. Mas onde estava sua lealdade? Com o céu? Com *Sheoul-gra*? Com outra festa?

— Vá em frente. — Jim Bob gesticulou para Declan. — Diga a ele.

Ela não tirou os olhos de Jim Bob enquanto

falava.

— Ele é um anjo.

O olhar de Declan varreu o anjo da cabeça aos pés.

— E o nome dele é Jim Bob?

— Não... realmente. — Ela não tinha ideia de qual era o nome angelical dele. Seu pai tinha o hábito de dar a seus espiões nomes códigos ridículos. Jim Bob. Ricky Bobby. Um novo chamado Cletus. — É uma longa história. Eu vou te contar depois. Mas ele é definitivamente um anjo.

— Como você?

O riso profundo de Jim Bob ecoou pelo pequeno espaço.

— Nenhum *Memitim* é como eu.

Irritada, ela traduziu o insulto de Jim Bob.

— Ele nasceu um anjo celestial, — ela explicou. — Ele provavelmente pertence a uma das Ordens no topo da hierarquia. Eles acham que são melhores que nós.

Jim Bob nem tentou negar isso.

— Considerando que você está aqui e que Declan está claramente ciente da nossa existência, estou supondo que você tenha

algumas perguntas sobre a tatuagem.

— Sim. — Declan se adiantou para pegar uma brochura no balcão, mas quando ele se virou para falar com Jim Bob ela percebeu que ele intencionalmente se colocou entre ela e o grande anjo. Ele tinha que saber que Jim Bob poderia esmagá-lo com o dedo mindinho, mas Declan não parecia perturbado. Foi tão fofo. E muito quente. — O que, exatamente, a tatuagem faz, e por que você a deu para mim?

Jim Bob não se mexeu, mas a porta atrás deles se trancou e o sinal ABERTO na janela virou para FECHADO. Suzanne observou com inveja, ela nunca foi capaz de manipular objetos assim, mas alguns de seus irmãos podiam. Ele gesticulou para uma pequena mesa com três cadeiras no canto. Declan relaxou um pouco, mas Suzanne percebeu que ele ainda escolheu um assento que lhe permitisse manter um olho na porta.

— Um homem chamado Gareth trouxe você, — disse Jim Bob quando todos estavam sentados. — Você trabalhava com ele.

— Ele era um membro da minha equipe, sim. — A voz de Declan ficou rouca. — Ele foi

morto não muito depois de estarmos aqui.

Jim Bob bufou.

— Ele não morreu.

— Eu o vi morrer. — Declan agarrou o tampo da mesa com tanta força que os nós dos dedos ficaram brancos. — Eu estava lá. Eu não pude salvá-lo.

— Você não podia salvá-lo porque ele não era humano, — Jim Bob disse calmamente. — Ele é um anjo. Vivo e bem, e inserindo-se em negócios humanos em... eu quero dizer... Noruega? Talvez a Finlândia? Ele deu de ombros. — De qualquer forma, é uma coisa boa que ele goste de peixe.

— O que? — Declan sentou de volta em seu assento. — Eu não posso acreditar nisso, — ele disse, sua voz uma mistura de surpresa e alívio. — Ele me deixou pensar que ele estava morto. E humano. Aquele idiota.

— Ele é um *Nephunter*, — disse Jim Bob. — Ele é um anjo designado para encontrar humanos com DNA angelical.

Interessante. Suzanne não sabia que havia anjos especificamente designados para encontrar humanos que tivessem sangue de

anjo em suas árvores genealógicas. Mas então, havia muita coisa que ela não sabia sobre os acontecimentos no céu. E francamente, ela não se importava. Deixe pessoas como Hawkyn lidar com o funcionamento interno dos negócios angelicais.

— Mas por quê? — Declan perguntou, aparentemente ainda tão chocado com o fato de que seu amigo não estava apenas vivo, mas era um anjo, que ele não tinha percebido que Gareth deve ter mirado em Declan.

— Eles podem revelar-se valiosos na inevitável guerra entre o bem e o mal, — explicou Jim Bob. — É por isso que ele estava na sua equipe. Ele estava te observando. Avaliando você. — Ele encolheu os ombros. — E roubando seu sangue quando você não estava olhando.

Declan entendeu desta vez, e seus olhos se arregalaram.

— Eu? Eu tenho sangue de anjo no meu DNA? — Com o aceno de Jim Bob, Declan fechou os olhos e xingou baixinho. — Cara, esses últimos dois dias foram surreais. — Ele abriu os olhos novamente. — Então, por que

Gareth me trouxe aqui?

— Porque uma vez que encontramos alguém como você, eu os marco.

— Marca? — os olhos de Declan se estreitaram. — Você os rastreia?

Jim Bob não precisou responder. A curva astuta na boca disse tudo. As tatuagens eram para fins de rastreamento.

— As tatuagens são únicas para cada um, — ele disse. — Elas tocam no anjo interior de um humano e dão-lhes pequenos... ajustes.

— Ajustes?

Jim Bob encolheu os ombros.

— Depende de quão longe na sua árvore genealógica o DNA do anjo veio, e isso depende do próprio anjo. Você, por exemplo? Você é, por natureza, um guardião. É por isso que eu te dei asas. Desde que as adquiriu, você provavelmente percebeu que tem reflexos ligeiramente mais rápidos e sentidos mais intensos do que as pessoas ao seu redor.

Suzanne sorriu.

— Você é um super-herói.

— Eu pensei que estava enlouquecendo. — Declan passou a mão pelo cabelo, agarrando-se

a tudo isso enquanto se levantava para andar em círculos. — Eu ouço coisas muito antes de outras pessoas fazerem. Eu posso ver merda que outras pessoas precisam se aproximar para ver. — Ele fez uma careta. — Não quero discutir meu olfato melhorado.

O celular de Jim Bob tocou no balcão, mas ele ignorou.

— O que é que te trouxe aqui, afinal?

— Declan tem um demônio Siecher atrás dele. — Suzanne olhou para Declan, que parecia perdido em pensamentos enquanto andava. — Ele matou um antes, e nós suspeitamos que a tatuagem poderia ter algo a ver como isso.

Jim Bob sacudiu a cabeça.

— A tatuagem aumenta as habilidades, mas não forneceria a chave para matar um demônio Siecher.

Essa foi uma notícia decepcionante.

— O que você sabe sobre eles?

— Muito pouco. — Jim Bob tamborilou os dedos na mesa enquanto falava. — Eu nunca encontrei um, e o único anjo que conheço que matou um usou uma habilidade que você não possui.

— Como você sabe? — perguntou Suzanne, sentindo-se um pouco insultada. Ela pode ser uma *Memitim*, mas assumir que ela não tinha dons poderosos era um pouco elitista.

Jim Bob deu-lhe um olhar ainda mais insultuoso.

— Você pode separar um corpo em nível celular até que suas partes fiquem microscópicas?

Oh. Suzanne estava sem palavras, mas Declan estava ali para ajudar.

— Você pode fazer isso? — Declan perguntou a ela. — Porque isso seria legal. Aterrorizante, mas legal.

Ele tinha algumas ideias estranhas sobre o que era legal.

— Ah não.

A curiosidade brilhou nos olhos de Declan enquanto ele se dirigia a Jim Bob.

— Você pode colocá-los de volta juntos?

— Hmm. — Jim Bob considerou isso. — Eu não acho que alguém já tenha tentado. Eu não sei porque você quer. Quero dizer, você o explodiu por um motivo. Mas eu não vejo por que você não poderia colocá-los juntos desde

que você fez isso rapidamente. — Sua expressão dizia que ele queria testar essa teoria.

Suzanne estremeceu. Ela cresceu indo à igreja aos domingos e acreditando em um Deus irado e anjos compassivos, mas ela aprendeu que a realidade era exatamente o oposto. Anjos eram guerreiros capazes de crueldade implacável, crentes de que os fins justificavam os meios... contanto que os fins fizessem parte da agenda celestial.

Até mesmo os *Memitins*, considerados pela maioria como os “caras legais” do mundo dos anjos, eram Durões. Bem, ela duvidava que algum de seus irmãos e irmãs a considerasse durona, mas ela era uma exceção.

— Bem, — disse Suzanne, sentindo-se um pouco desanimada, — essa não era a notícia que eu queria ouvir.

— Desculpe, não poder ajudar mais. — De pé, Jim Bob mentalmente destrancou a porta e virou a placa para ABERTO, a deixa para saírem. Suzanne e Declan se levantaram para ir embora, mas quando chegaram à porta ele gritou: — Ah, e Suzanne?

— Sim?

— Você não pode contar a ninguém sobre isso, certo? — a voz profunda de Jim Bob estava impregnada de aviso.

— Dizer a eles o que? Que um dos espões celestes mais proeminentes do meu pai distribui tatuagens encantadas em uma loja decadente em São Francisco?

— Isso é precisamente o que você não pode contar a ninguém. Ninguém. Nem a seu melhor amigo, nem a seu irmão favorito, nem mesmo seu pai. Entendeu?

— Entendi.

Declan estendeu a mão e massageou seu pescoço como se estivesse duro, e dadas as últimas vinte e quatro horas, ela ficaria surpresa se cada músculo em seu corpo não estivesse tenso até o limite.

— E quanto a mim? Estou supondo que eu não posso falar também?

— Você é humano, — disse Jim Bob, conseguindo não parecer que a palavra “humano” fosse um insulto. — Poucos acreditarão em você. Mas aqueles poucos que o fizerem ou quererão te matar ou te usar, então sim, guarde para você.

— Não há problema. — Declan olhou pela janela, parecendo de repente triste, e ela se perguntou se ele estava pensando em Steve. — Eu só queria que você tivesse a resposta que precisávamos.

Os olhos de Jim Bob brilharam quando ele olhou para Declan.

— Você nunca disse como você matou o demônio. A maioria das armas humanas não arranharia suas peles.

— Nenhuma merda. Balas nem fizeram a coisa estremecer. Era como se estivéssemos jogando pedrinhas no Hulk. — Seus dedos tremularam sob a camisa, onde ele mantinha seu coldre, como se assegurasse que tinha uma arma, mesmo que fosse inútil contra essa ameaça em particular. — Eu coloquei uma adaga na órbita do olho.

— Sério? — Jim Bob inclinou a cabeça em curiosidade. — Que tipo de lâmina?

— Era minha. Um padrão... Declan se interrompeu, seu olhar se voltando para dentro. — Não... não era minha. Minha KA-BAR foi arrancada da minha mão durante a luta. Quando vi o demônio cair, olhei em volta

procurando uma arma. Ele balançou a cabeça.
— Eu não posso acreditar que não pensei nisso antes. Eu arranquei a adaga do cinto do demônio. Eu o matei com sua própria arma.

— Aí está, — disse Jim Bob. — Você precisa daquela lâmina. Você sabe onde está?

— Está na parede do meu chefe, está segura.

Pela primeira vez desde que Declan foi atacado do lado de fora do prédio de seu empregador, Suzanne tinha esperança de que isso acabasse logo. E também o status dela como *Memitim*, uma vez que viesse à tona que ela dormiu com seu *Primori*.

Mas esse pequeno contratempo era algo para lidar depois. Agora eles tinham um demônio para matar.

— Vamos ver seu chefe.

Declan olhou para ela como se ela estivesse brava.

— Eu não posso simplesmente ir até Tag e dizer a ele que preciso disso sem dizer a ele o porquê. Se suas memórias foram alteradas como as minhas, ele provavelmente nem sabe que ele a tem. Ele vai querer saber a verdade.

Merda. Declan estava certo. Ela já estava afundada até o queixo com todas as regras que ela tinha quebrado com Declan, e os anjos estavam trabalhando horas extras para reparar alguns dos danos, ou seja, a casa destruída na rua em frente da mansão D'Angelo. Ela ficaria ainda mais encrencada se revelasse o mundo deles a outro humano.

Infelizmente, ela não viu outra opção.

— Temos que contar tudo a ele.

— Eu não preciso te dizer que é proibido, — disse Jim Bob, sua voz um grunhido baixo e agourento. Então ele sorriu, e seu sorriso era tão sinistro quanto. — Mas há maneiras de dobrar as regras.

Hã. Ela estava começando a gostar desse anjo misterioso. — Então vamos fazer isso.

Capítulo 20

Enquanto Suzanne e Declan atravessavam os corredores do escritório de McKay-Taggart, ele não podia acreditar em como tudo parecia surreal. A última vez que ele esteve aqui, apenas alguns dias atrás, ele não sabia que demônios existiam. Ele não sabia que Suzanne era um anjo.

Ele não tinha tido relações sexuais com um anjo.

E as pessoas estavam andando por aí, sem noção. Como se tudo estivesse bem. Como se não houvesse acontecido um apocalipse bíblico que quase destruiu a humanidade.

Era enlouquecedor.

Quando chegaram ao escritório de Tag, sua assistente, uma funcionária de uma agência que substituía Sadie, recusou devido à falta de um agendamento, mas Declan insistiu que isso era importante, e depois de consultar Tag, ela os

deixou entrar.

Tag estava sentado em sua mesa, com os olhos vermelhos colados na tela do computador. Ele olhou para cima quando eles entraram, suas sobrancelhas subindo inquisitivamente quando viu Suzanne.

— Declan. Sra. D'Angelo. Isso é inesperado. Ele soltou um suspiro longo e prolongado. Ele parecia cansado, triste e mais do que um pouco chateado. — Você recebeu a mensagem sobre Steve?

— Sim. — Declan estremeceu. Deus, ele ia sentir falta de Steve, mas Declan jurou que se vingaria. Uma adaga através do olho, seu tipo de vingança. — Não consigo acreditar.

Tag rosnou.

— Tenho todos que posso poupar tentando descobrir o que aconteceu e quem é responsável. Nós vamos encontrar o filho da puta psicopata que o matou. Eu juro.

— Sim... sobre isso. — Declan e Suzanne afundaram nas cadeiras em frente a Tag. — Eu sei quem fez isso.

Taggart ficou tão rígido e reto quanto o cano de um rifle, seu olhar se fixando em Declan

como um míssil guiado a laser.

— Quem?

Aqui vamos nós.

— Ok, primeiro, eu preciso que você nos escute, e eu preciso que você não pense que somos loucos.

— Ou que usamos drogas, — acrescentou Suzanne.

— Eu não posso prometer nada, mas vou tentar. Provavelmente não tanto quanto você gostaria. — Taggart sacudiu a cabeça no mais simples dos acenos. — Não me deixe curioso. O que está acontecendo?

O intestino de Declan se agitou. Tag ia enlouquecer.

— Ontem, algo nos atacou. Eu não sabia o que era, mas Suzanne sim. — Ele lançou um olhar para Suzanne, que apertou sua mão tranquilizadamente, um movimento que Tag notou. O cara não perdia nada.

— Bem? — Tag solicitou agudamente. — Desembucha.

Declan cuspiu tudo. Toda a maldita história em um resumo confusa. E ele fez questão de dizer ao seu chefe que cair com a cara na

calçada não era um problema médico que colocaria sua vida em risco. Apenas um ataque demoníaco que colocaria sua vida em risco.

Tag não disse uma palavra durante a coisa toda. Ele se mexeu desconfortavelmente às vezes, olhava pela janela mais de uma vez, e duas vezes a veia em sua têmpora latejava com um pulso rápido. Finalmente, um total de sessenta segundos depois que Declan e Suzanne pararam de falar, ele se sentou em sua cadeira.

— Hã.

Declan piscou.

— Senhor?

— Eu tenho tido esses sonhos fodidos. Eu não contei a ninguém porque eles vão achar que eu sou louco. É uma merda bizarra. Monstros saindo dos esgotos. Anjos explodindo-os com relâmpagos. Um grande cara armado a cavalo saltando do nada. Os sonhos parecem muito reais.

— Porque eles são, — disse Suzanne. — Eles são memórias, não sonhos.

— Ok, vamos dizer que toda essa porcaria de demônio psicopata é verdade, e eu admito que estou muito cético. Eu posso até estar

planejando internar vocês enquanto falamos. — Ele apoiou os antebraços na mesa e se inclinou para frente, com os olhos encobertos e ilegíveis. — Então, por que vocês estão me dizendo isso?

Cara, Tag estava lidando com isso muito melhor do que Declan. Provavelmente fosse a diferença entre a verdade sendo revelada calmamente em um escritório e sendo revelada no meio de um ataque de demônio.

— Porque tudo isso começou quando eu matei o amigo desse demônio alguns anos atrás, — disse Declan. — E você estava lá, Steve e Remy também. Vocês dois estão em perigo agora, mas podemos ser capazes de parar este demônio se conseguirmos essa adaga que você guardou em seu escritório em segurança.

Tag franziu o cenho.

— Não há adaga no meu cofre. Você sabe que eu mal uso esse cofre. Veio com o prédio. Eu não o toco há anos.

— Você deveria verificar, — Suzanne disse suavemente.

Olhando para ela como se ele estivesse apenas fazendo isso para agradá-la enquanto esperavam que os caras com camisas-de-força

aparecessem, Tag saiu de sua cadeira e foi até o painel na parede que escondia o cofre. Segundos depois, ele amaldiçoou em voz baixa e removeu uma adaga, seu cabo de osso ainda manchado de sangue.

— Jesus, — ele respirou quando se virou para eles. — Tem estado lá todo esse tempo, mas eu nunca vi isso até agora.

Suzanne se mexeu em seu assento para enfrentá-lo.

— Isso acontece porque, quando os anjos alteram suas memórias, eles acessam a parte do cérebro humano que inventa explicações estranhas para o que não consegue entender ou simplesmente não “vê” conscientemente objetos que não fazem sentido. Aquele punhal era parte de um mundo que você não lembrava, então seu cérebro não registrou. Demônios têm usado essa falha humana por séculos. Eles constroem estruturas e dirigem ambulâncias demoníacas bem na frente de seus narizes, e os humanos nem percebem.

— Isso é uma merda maluca. — Tag entregou a adaga para Declan. — Eu ainda não tenho certeza se acredito, mas na chance de que

tudo isso seja verdade, você vai usar isso para matar o demônio que assassinou Steve, certo?

— Sim, — disse Declan.

Um grunhido baixo retumbou no peito de Tag.

— Eu quero estar nisso.

— Absolutamente não. — Suzanne chegou a seus pés, que estavam calçados com sandálias de tiras de salto alto dourado que parecia uma escolha ruim como calçados de batalha. Mas os anjos provavelmente não precisavam de botas de combate. — E ninguém mais pode saber disso. Já é ruim o bastante termos contado a você.

Tag não parecia feliz com isso.

— Por que ninguém pode saber?

— Não é a hora. Mas tenho a sensação de que será em breve. Pessoas que podem lidar com a verdade, aquelas que se adaptaram e lutaram bem quando os demônios violaram o reino humano, estão sendo trazidas primeiro.

— Então você está pensando em me deixar com esse conhecimento que não posso compartilhar com ninguém? — Os punhos de Tag se apertaram ao lado do corpo, a raiva rolando dele em uma onda palpável. — Isso é

fodido.

— Não. — Ela bateu na tela do telefone. — Sua memória será apagada novamente.

— O inferno que vai, — Tag gritou, e Declan não podia culpar o cara por sua reação. Ele não iria querer voltar para a ignorância também, e se anjos tentassem limpá-lo, ele lutaria muito. Ele e Suzanne definitivamente precisavam conversar mais tarde. — Demônios existem e você quer que eu deixe meus amigos e familiares ficarem em risco?

— Sim, os demônios são reais, — disse Suzanne, — mas sinceramente, agora seus amigos e familiares estão em muito mais perigo do que outros seres humanos.

Tag parecia que ele ia explodir, então Declan entrou rapidamente.

— Não há outro caminho?

— Sinto muito, — disse Suzanne, simpatia genuína em seus olhos. — Mas tem que ser assim. Estou com problemas o suficiente por dizer a verdade. Se eu deixar isso passar, eu poderia ganhar mil anos de punição. Ou pior.

Declan não sabia o que poderia ser pior do que mil anos de punição, mas ele não queria

que Suzanne fosse submetida a qualquer punição, muito menos séculos e séculos.

Tag teria que voltar a ignorar o mundo sobrenatural por um tempo. Provavelmente era melhor para sua sanidade, de qualquer maneira.

Um flash de luz encheu a sala de repente, e um segundo depois, o sujeito anjo da tatuagem, Jim Bob, estava de pé no escritório, com as enormes asas brancas estendidas, as pontas roçando as paredes dos dois lados do escritório.

— Santa mãe de... filho da puta! — Tag saltou para trás, batendo em uma estante, com os olhos colados ao anjo. — Quem diabos é você e por que há com as asas?

Estranho como Declan já tinha se acostumado com essa insanidade, porque ele não tinha nem piscado quando o anjo apareceu. Declan tinha parecido com Tag, todo olhos esbugalhados e de queixo caído quando ele viu seu primeiro conjunto de asas?

Sim, Provavelmente.

Ok, definitivamente.

A voz de Suzanne foi baixa e suave enquanto tentava evitar que Tag saísse correndo.

— Este é Jim Bob. Ele é um anjo, e ele vai se certificar de que você não se lembre dessa conversa.

— Não se preocupe, — disse Declan. — Vou trazer-lhe algumas literaturas para mantê-lo atualizado sobre a verdade.

Tag olhou para ele, ainda com todo tipo de surto.

— Literatura?

— Você sabe como você tira sarro de mim por meus quadrinhos?

Os olhos de Tag estavam selvagens, mudando rapidamente de Jim Bob para Declan.

— Sim...

Declan sorriu.

— Sr. Jim Bob? Você acha que, enquanto estiver na cabeça de Tag, você pode dar a ele uma apreciação pelos quadrinhos de Demonica?

Quando Jim Bob assentiu, Tag amaldiçoou Declan.

— Seu filho da puta nerd.

Sim. E tinha orgulho disso.

* * * *

Depois de deixar os escritórios da McKay-

Taggart com Declan, Suzanne os levou de volta para a mansão, onde Hawkyn, Cipher, Journey, Sexy e Maddox já estavam esperando. Ela mandou uma mensagem para eles enquanto Jim Bob reorganizava os arquivos mentais na cabeça de Tag e agora eles precisavam traçar um plano.

— Isso é muito legal, — disse Declan, depois que eles se materializaram na sala de estar. — Eu sempre disse que, se eu pudesse escolher uma superpoder, seria o teletransporte.

— É útil, — ela admitiu. Ela olhou ao redor para a multidão que esperava. — Alguém com fome? Eu posso preparar um lanche rápido para comer enquanto fazemos planos.

Journey, que nunca recusou comida, levantou a mão.

— Eu poderia comer.

— Cara. — Maddox levantou-se da cadeira e deu um soco na coxa de Journey. — Você acabou de comer duas pizzas grandes. Sente sua bunda no sofá.

Ninguém mais queria nada, então ela mergulhou na situação com eles. Bem, ela começou, mas Declan interrompeu.

— Antes de começarmos a planejar, posso ter algumas garantias de que, depois que isso terminar, não serei *neuralizado*?

Todos o encararam, incluindo Suzanne.

— O quê? — esse foi Hawkyn e falou com uma boa dose de aborrecimento.

— *Neuralizado*, — Declan repetiu. — De *Homens de Preto*. Você sabe, Will Smith? Tommy Lee Jones? Eles apagam memórias com o neuralizador.

— Peguei a referência, cara, — Cipher entrou na conversa, seus dedos rasgando o teclado. — Não precisa explicar para mim. Os outros perdedores na sala, no entanto...

— Ok, tudo bem. — Suzanne deu um passo à frente no centro da sala. — Eu acho que nós entendemos a essência. — Ela virou-se para Declan, sabendo que ele devia estar preocupado. Até que surgiu no escritório de Ian Taggart, ela nem sequer considerou o que aconteceria com a memória de Declan depois que tudo isso acabasse. Sim, eles estavam ocupados, mas isso era apenas mais uma evidência de que ela não foi feita para ser um *Memitim*. — Declan, vamos pedir ao Conselho *Memitim* para fazer uma

exceção para você. Você é claramente um trunfo. Não vai ser um problema. Ela estava apostando alto, como Maddox gostava de dizer, mas ela sempre foi otimista. Além disso, ela tinha um irmão com influência do lado dela. — Não é verdade, Hawkyn?

Ela deu-lhe um olhar atravessado e então revirou os olhos.

— Sim, está certo. Não será um problema.

— Viu? — ela disse brilhantemente. — Tudo bem. — Antes que Declan pudesse pedir mais detalhes, ela iniciou seu plano de ação. — Nós temos a arma que Declan usou para matar o Siecher que começou toda essa bagunça. Nós só temos que ter certeza de encontrar Morroc em um ambiente controlado, onde nós vamos ter a vantagem. — Ela olhou ao redor da sala. — Eu não suponho que algum de vocês pode desmontar um corpo a nível celular?

— Huh? — Maddox congelou enquanto desembrolhava um chiclete. — Podemos fazer o que?

— Atomizá-los. Transformá-los em névoa vermelha, — disse Declan. — Não pedaços, mas mais como molho de espaguete.

— Não como o meu molho de espaguete, — ela murmurou. — Além disso, eca.

Ninguém alegou ser capaz de fazer névoa de espaguete das pessoas, mas ela esperava isso.

— Ok, então como vamos matá-lo?

Cipher digitou algumas teclas.

— Flail disse que o Siecher será atraído pela dor de Declan.

Flail. O anjo caído estava se infiltrando nos serviços de Azagoth nos últimos meses, e Suzanne não gostava nada dela. Não que Cipher se importasse com a opinião de Suzanne. Tudo o que ele via quando ele olhou para a beleza maligna eram peitos grandes e pernas longas.

O que lembrou Suzanne de perguntar sobre Lilliana e quando ela voltaria para casa em *Sheoul-gra*. A Flail furtiva e paqueradora não precisava farejar Azagoth.

A sobancelha de Declan apareceu.

— Minha dor? Eu preciso me machucar?

— Ou outra pessoa pode fazer isso, — disse Cipher, seu olhar ainda colado na tela do computador. — Mas sim, você precisa estar em agonia.

— Mental ou física?

— Ambos são provavelmente os melhores.

Hawkyn deu um passo à frente.

— Eu vou ser voluntário para entregar a dor física. — Com o olhar de Suzanne, ele piscou inocentemente. — O que? É por uma causa nobre. Eu sou nobre.

— Você é um idiota, — disse Declan em voz baixa, e ambos Maddox e Journey concordaram com a cabeça. — Mas é provavelmente melhor que você faça isso. — Ele respirou fundo e olhou para Suzanne. — E se é agonia mental que você quer, eu acho que tenho o cenário perfeito. É no meio do nada, bom para uma batalha, e eu jurei que se eu visse de novo eu o queimaria. Então sim. Agonia.

Quebrou o coração ao meio ao ouvir que ele associava um lugar com dor. Então, se ele quisesse matar um demônio e exorcizar os outros, ele conseguiria o que queria.

Capítulo 21

Declan, porra, odiava esse lugar. Ele gostava da floresta e não tinha nada contra cabanas de milhões de dólares. Mas essa propriedade, escondida nas profundezas de Catskills, em Nova York, pertencia a seu pai, e as lembranças que ele tinha do lugar eram uma merda.

Suzanne soltou sua mão depois que todos se materializaram no gramado entre a cabana e o lago.

— Isto é perfeito. Espaço aberto, mas com muita cobertura. Por que você odeia tanto?

Ele realmente não queria falar sobre isso, mas ele não iria manter nada de Suzanne. Não parecia certo depois de tudo que eles passaram, e depois de tudo o que ela fez para protegê-lo. Além disso, os anjos pareciam ser desinibidos quando se tratava de brincar com as memórias das pessoas, e ele não precisava de um babaca como Hawkyn decidindo que queria descobrir a

verdade.

— Minha mãe me trouxe até aqui quando eu era criança. — Ele olhou para a varanda da cabana. — Acho que ela e meu pai usaram esse lugar como um refúgio. Eles poderiam se encontrar em longos fins de semana sem que sua família soubesse que ele estava com a amante.

— E ela trouxe você com ela?

— Ela estava sempre tentando fazer com que ele me reconhecesse. Quando eu era pequeno, eu não sabia o que estava acontecendo, mas olhando para trás? Sim, ela estava esperando que ele nos amasse e deixasse sua família. — Ele olhou para o lago intocado onde ele passou horas nadando e brincando na canoa. Sem supervisão, claro. — Mas o desgraçado me detestava. Ele me ignorou na frente dela, mas quando ela não estava por perto... — Ele balançou a cabeça. — Ele tentava me matar.

Suzanne estava examinando a floresta próxima, mas agora a cabeça dela virou para ele.

— Você está falando sério?

— Eu queria que não estivesse. — Ele não tinha entendido as tentativas pelo o que realmente eram até que ele percebeu, no ano passado, que seu pai tinha puxado as cordas para mandá-lo para as missões mais perigosas enquanto Declan era militar. Foi quando ele montou o tempo que seu pai o levou em uma caminhada e o “perdeu” na floresta, e que outra vez ele “acidentalmente” derrubou Declan de um penhasco durante outra caminhada.

Ele olhou em volta para a vista majestosa da montanha, ouviu o chilrear dos pássaros e a brisa suave filtrada pelas árvores, inalando o cheiro fresco de terra e pinho.

Deus, ele odiava esse lugar.

— Nós podemos também começar. O que o Hawkyn vai fazer comigo?

A voz de Hawkyn cresceu atrás dele.

— Nada que cause danos permanentes. Eu sei que você não pode permitir mais danos ao cérebro.

— Hawk, pare com isso. — Suzanne se virou para os outros. — Cipher, já que você não pode brigar, eu quero que você se afaste e peça ajuda de nossos irmãos e irmãs se precisarmos.

Hawkyn, você está no comando da adaga, mas qualquer um que tenha a chance de usá-la em Morroc deve aproveitá-la. Sexy, Journey e Maddox, encontrem um lugar a alguns quilômetros de distância para se esconderem. Eu não quero que Morroc sinta suas presenças ou ele pode não aparecer. Cipher pode enviar uma mensagem quando Morroc chegar. Eu vou ficar aqui com Declan e Hawk.

Cipher não pareceu especialmente feliz em ser relegado a ficar em uma posição de apoio, mas Suzanne explicou que, como um anjo *Unfallen*, ele não tinha habilidades que o ajudassem em uma batalha com uma criatura do submundo. Ele era mais forte e mais rápido que qualquer humano, mas na escala sobrenatural, ele era considerado fraco. Além disso, apenas estar fora de *Sheoul-gra* ou num espaço protegido como a mansão dos anjos era perigoso para ele, já que ele estava sujeito a ser sequestrado por anjos caídos. Ou algo assim. Declan foi inundado com tanta informação que ele não conseguia organizar tudo.

— Apenas para você saber, — disse Cipher.
— Siechers não viajam via *Harrowgate* ou

teletransporte. Eles se movem através da terra, então Morroc provavelmente estará emergindo longe o suficiente para não sentirmos os tremores.

Suzanne assentiu.

— Ok, todo mundo, fiquem atentos.

Quando os anjos se dispersaram, ela se virou para ele e, em um movimento descarado, pegou a mão dele. Declan jurou que viu fumaça saindo das orelhas de Hawkyn.

— Nós vamos terminar isso hoje, — ela prometeu.

— E depois? — ele nem sabia por que ele perguntou isso, já que ele poderia muito bem morrer em poucos minutos. E, verdade seja dita, ele nunca foi de planejar o futuro. Sempre viveu o momento.

Mas de repente ele queria planejar o amanhã. E semana que vem. Próximo mês. Próximo ano. E ele queria planejar essas coisas com Suzanne.

— E então você pode voltar para a sua vida e Suzanne pode voltar para a dela, — disse Hawkyn, seu tom de super idiota.

— Hawkyn, — disse Suzanne, — eu ia pedir

para você nos dar um minuto de privacidade, mas sabe de uma coisa? Eu quero que você ouça isso. — Ela se virou para Declan. — Eu não sei o que vai acontecer depois que terminarmos aqui. Mas sei que minha principal preocupação sempre será para você, seja eu um *Memitim* ou não.

— O que você quer dizer, se você é um *Memitim* ou não?

— Eu quero dizer que eu mais do que provavelmente arruinei minhas chances de ascensão...

— Suzanne, — rebateu Hawkyn. — Não diga isso. Farei tudo o que puder para ter certeza de que você ascenda.

O silêncio se arrastou por um momento. Finalmente, Suzanne disse baixinho:

— Eu não. Não se importe mais. Não é o que eu quero.

O horror inundou o rosto de Hawkyn.

— Você não quer dizer isso. Você é jovem. Você deixou seus sentimentos por esse humano obscurecer seu julgamento...

— Isso é muito insultante — interrompeu ela. — Você acha que eu não posso escolher por

mim mesma o que eu quero? Você acha que o amor me fez estúpida? Eu me sinto assim há muito tempo. Eu não estou destinada para isso. Cinquenta anos depois, sinto falta da vida que deixei para trás quando achei que era humana. Eu estava feliz o tempo todo naquela época. Agora eu só fico feliz quando estou cozinhando. — Ela lançou um olhar de lado para Declan. — Ou quando estou com ele.

Hawkyn amaldiçoou, mas sua voz era apenas um zumbido nos ouvidos de Declan. Tudo o que ele podia ouvir, repetidamente em sua cabeça, era o que Suzanne acabara de dizer.

Ela respirou profundamente e se voltou para Declan.

— Você provavelmente se sente diferente...

Ele nem sequer pensou sobre isso. Ele puxou-a contra ele e a beijou, mentalmente dando a Hawkyn um grande “foda-se”.

O que foi ajudado por um movimento do seu dedo do meio. Os olhos de Hawkyn quase saltaram de sua cabeça, e a fúria em suas profundezas de esmeralda prometia dor.

Recuando, Declan olhou para Suzanne, desejando que ele tivesse se aproximado dela há

muito tempo, quando ele pensava que ela era humana. — Você é a melhor coisa que já aconteceu comigo. Você... e este mundo que você abriu para mim. Eu sempre senti que não estava indo a lugar algum, como se eu fosse feito para mais. Eu não quero voltar para a vida que eu tive. Eu quero uma vida com você, e eu quero uma vida em seu mundo.

— Ei! — Cipher chamou de onde ele estava espreitando em alguns arbustos próximos. — Eu tenho merda para fazer. Podemos continuar com isso? — Sua mão saiu de alguns galhos e ele acenou. — Desculpe cara. Eu sei que você vai ser torturado e toda essa merda, possivelmente morrer, mas eu tenho um encontro quente.

— Sim, — Hawkyn gritou de volta, — com o seu notebook.

— É com uma fêmea de verdade, — Cipher gritou. — Alice vai ser mais tarde.

— Quem é Alice? — Declan perguntou.

Hawkyn fez um gesto eu-desisto.

— Seu notebook.

Apesar da terrível situação em que estava, Declan riu. Steve teria adorado Cipher. O lembrete de que eles estavam aqui para matar o

demônio que matou Steve, subiu rapidamente em Dec. Cipher estava certo. Eles tinham que seguir em frente.

Fazendo a mudança mental para o modo de batalha, Declan se afastou de Suzanne.

— Estou pronto.

— Declan, você não precisa...

— Sim, eu sei e você sabe disso. Minha dor é a única maneira de atrair Morroc.

— Então deixe-me fazer isso.

— Nunca, — ele rosnou. — Te machucaria mais do que me machucaria, e duvido que seja o caso do seu irmão.

— Nem um pouco, — Hawkyn ofereceu. — Eu prometo que tudo que eu faço vai te machucar muito mais do que me machuca.

Suzanne olhou para o irmão e Declan quase esperou que um raio da morte disparasse de suas pupilas. Os anjos poderiam fazer isso?

— Tudo bem, tudo bem, — disse Hawkyn. — Eu vou ser gentil.

Ela lhe atirou um último olhar antes de se afastar, mas a poucos metros da varanda onde ela planejava esperar, ela parou e olhou por cima do ombro para Declan, as ondas suaves

em seus cabelos captando a luz dourada do sol e fazendo-a parecer cada centímetro o anjo que ela era.

Lágrimas brilhavam nos olhos dela.

— Eu sinto muito.

Declan não teve chance de responder. A dor o engoliu inteiro, como se estivesse sendo mastigado por um tubarão gigante. O que diabos Hawkyn estava fazendo com ele? Arquejando, seu braço envolvendo sua barriga, ele olhou para o anjo idiota, que não estava nem olhando para Declan. Ele estava observando sua irmã, sua expressão gravada com a miséria enquanto Suzanne enterrava o rosto nas mãos e caía contra a varanda.

Hawkyn não se importava com a dor de Declan, mas seu amor por sua irmã era feroz.

— Mais, — Declan trinou fora. — Eu posso suportar mais.

— Eu não sei... —Hawkyn disse, mas droga, Dec estava cansado dessa besteira. Quanto mais tempo ele sofresse, mais Suzanne sofreria. Ele queria que o demônio estivesse morto, e se ele tivesse que quebrar todos os ossos do corpo para tirar a coisa, é o que ele faria.

— Mais!

— Não, — rebateu Hawkyn.

— Por quê?

— Porque você quer isso.

Ok, Declan estava feito com essa merda. Era hora de ficar sério. Hora de deixar Hawkyn realmente louco.

— Idiota, — ele cuspiu. — Você está querendo me destruir desde o momento em que me viu, tudo para proteger sua inocente irmãzinha. Bem, você falhou.

Hawkyn ficou tenso e seus lábios se afastaram dos dentes e das presas gigantes.

— O que você disse?

— Declan, não! — Suzanne gritou, mas tarde demais. Declan tinha tomado sua decisão, e se Hawkyn o matasse, bem, pelo menos Morroc não estaria mais atrás dele e Ian e Remy estariam seguros.

— Eu a fodi, — disse Declan, bloqueando olhares com Hawk. — Duas vezes. E maldição, ela é boa...

Ele parou quando a agonia o rasgou. Deus querido, talvez Hawkyn pudesse fazer a coisa da névoa vermelha, porque parecia que ele estava

explodindo a nível molecular. Caindo de joelhos, ele gritou, e em algum lugar no fundo ouviu Suzanne gritar também. Ele odiava que isso também a estivesse machucando, e embora ele nunca tivesse orado por nada em sua vida, ele orou para que, quando ele partisse, ela encontrasse a paz.

De repente, tão rapidamente quanto começou, a dor acabou, e algo o atingiu como um caminhão, derrubando-o em uma árvore. Gritos e rugidos irromperam em torno dele.

Morroc.

E não apenas Morroc. O demônio trouxe amigos.

— Merda! — Maddox gritou quando os demônios Siecher invadiram a clareira.

Raios e bolas de fogo voaram das mãos dos anjos, que se materializaram do nada. Declan gemeu quando ele se empurrou desajeitadamente a seus pés. Suas costelas e espinha dorsal gritavam de dor quando ele se abaixou em torno de um tronco de árvore para evitar o que teria sido um golpe fatal na cabeça. Como era, o punho de Morroc abriu um buraco na madeira, parando com força contra o ombro

de Dec quando ele explodiu do lado oposto.

Então Suzanne estava lá, uma foice nas duas mãos.

— Proteja-se!

Parecia errado se esconder enquanto todos os outros estavam lutando, mas ele era o alvo, e ele sabia por experiência que era difícil lutar contra um inimigo quando você tinha que se preocupar com a segurança de alguém.

Amaldiçoando suas deficiências humanas, ele correu para a varanda. Hawkyn passou apressado por ele, a adaga escondida ao seu lado, mas antes que ele pudesse alcançar Morroc, outro Siecher o atacou, e eles caíram no lago. A adaga voou no ar, caindo na grama a poucos metros de onde Suzanne e Morroc estavam trancados em combate mortal.

— Não! — ele gritou quando Morroc prendeu Suzanne, suas garras de navalha perfurando seu torso e o chão abaixo dela. Sangue espirrou como um gêiser, atingindo o rosto do demônio em uma chuva de sangue. A boca de Suzanne se abriu, seu grito silencioso gorgolejando pelo sangue.

Quando Morroc levantou seu outro punho

em preparação para derrubá-la com o outro, Declan enlouqueceu. Sua agonia, seu terror, seu instinto de proteger a mulher que amava, condensavam-se em uma bola de desespero e poder que vibrava em todo o corpo.

Calor construído com intensa intensidade que se concentrou ao longo das linhas da tatuagem nas costas.

Morroc deu um soco, rasgando mais uma vez o peito de Suzanne. Ele ia rasgá-la ao meio. O terror em seus olhos enquanto ela olhava para o rosto dele deixava claro que ela entendia o que estava prestes a acontecer com ela.

Raiva lançou Declan no ar, completamente fora do chão. Ele não considerou como ele estava voando ou por quê. A única coisa que importava era Suzanne.

Ele mergulhou baixo, pegou a adaga onde estava deitado em uma poça de seu sangue e atingiu Morroc por trás com tanta força que tirou o fôlego dos pulmões de Declan.

O demônio caiu para frente, levando o corpo empalado de Suzanne com ele. Hawkyn, com a perna torcida e um olho inchado, lançou uma espécie de arma redonda que parecia um disco

de plástico côncavo afiado feito de gelo. O disco cortou a carne do demônio, cortando um dos braços dele no cotovelo.

Suzanne rolou livre, mas quando seu corpo parou em um monte amassado, ela não estava se movendo.

Rugindo com a força de anos de raiva acumulada, Declan bateu no demônio, descendo em seu peito como o Homem de Ferro batendo na calçada. As costelas de Morroc racharam sob o joelho de Declan e, pela primeira vez, o medo cintilou nos olhos negros do demônio.

— Isso, — Declan rosnou, — é por Steve.

Com um grito de puro prazer, ele mergulhou a adaga no olho direito de Morroc. O demônio gritou, seu corpo batendo e tremendo com tanta força que Declan foi jogado longe com a força de um touro de rodeio jogando seu cowboy. Ele bateu no chão e rolou imediatamente para seus pés. Ao redor, os outros Siechers uivavam enquanto seu líder dava seus últimos suspiros.

Os anjos, maltratados e sangrando, atacaram os demônios, mas com o líder morto, a batalha terminou e, se Suzanne estivesse certa, a vingança contra Declan também estava

encerrada. Tremores sacudiram o chão quando ele se abriu sob cada um dos monstros e os engoliu.

— Hawkyn! — O grito aterrorizado de Cipher ecoou pelas montanhas.

Declan virou-se, o queixo caído ao ver quatro pessoas aladas atirando uma rede em torno de Cipher e depois desaparecendo em um spray do que ele só podia descrever como antiluz, uma pluma negra e oleosa que parecia ter vida própria.

E quando apagou, Cipher tinha ido embora.

— Não, — gritou Hawkyn. — *Não!*

Declan não tinha ideia do que era aquilo, e agora tudo o que importava era Suzanne. Ignorando sua multidão de dores e feridas, ele correu, mancando, para o lado dela.

— Nós ganhamos? — a voz de Suzanne, fina e esganiçada, gritou quando ele caiu de joelhos ao lado dela.

— Morroc está morto. — Ele queria juntá-la em seus braços, mas seu corpo estava além do limite, e seu treinamento médico entrou em ação. Ele não tinha mãos suficientes para cobrir todas as suas feridas, mas com a ajuda de

todos...

— Afaste-se, Declan. — Hawkyn se ajoelhou na frente dele, claramente ainda abalado com o que quer que tenha acontecido com Cipher, e Sexy se juntou a ele.

— Foda-se, idiota, — rebateu Dec. — Se você acha que eu vou...

— Sexy pode ajudá-la, — disse Hawkyn em uma voz chocantemente calma. — Mas você não pode tocá-la.

— Oh. — Sentindo-se um pouco envergonhado, Dec recuou quando Sexy colocou as mãos no abdômen de Suzanne.

— Isso não vai curá-la tanto quanto ela precisa, mas vai estabilizá-la para que possamos levá-la ao Underworld General.

Enquanto Declan observava, as correntes de sangue que saíam das feridas de Suzanne diminuíram e a carne começou a se unir. Como ex-médico, ele não pôde deixar de ficar fascinado. Se os humanos pudessem fazer isso.

Ele reconsiderou seu desejo. Humanos provavelmente usariam isso da forma errada.

— Ela vai ficar bem, certo? — ele olhou para Hawkyn, que assentiu, mas a preocupação

persistiu em sua expressão.

— Se ela sobreviver, é por sua causa, — disse Hawkyn, com a voz rouca de emoção. — Você sabe disso, certo?

Se ela sobreviver? Declan não era muito de rezar, mas isso foi antes de descobrir que o Céu era real, e ele enviou um silencioso — Por favor, deixe-a ficar bem — para quem estava ouvindo.

Incapaz de pensar em Suzanne morrendo, ele olhou para o local onde ele tinha visto pela última vez o anjo não caído da tecnologia que desapareceu em um monte de maldade.

— O que aconteceu com Cipher?

— Anjos caídos. — O corpo de Hawkyn caiu, a cabeça pendurada nos ombros encurvados. — Eles o levaram para *Sheoul*.

Ah Merda. Ele se lembrou do que Suzanne havia dito sobre isso. Era ruim. Realmente, muito ruim.

Journey mancava, sua coxa direita uma massa de carne mutilada que não parecia incomodá-lo tanto assim. Isso era legal. Dec tinha visto humanos se curvarem de dor por causa de um corte de papel.

— Eu liguei para Idess. Ela vai preparar a

equipe do pronto-socorro para a chegada de Suzanne. Journey bateu no ombro de Declan. — Uau, D. O que há com suas asas? Eu pensei que você fosse um humano desprezível.

— Desculpe-me? — Declan piscou, tão focado em Cipher e Suzanne que ele só ouviu metade do que Journey disse. A metade louca. — Asas?

— Você voou. Eu vi uma espécie de asas-coisas batendo como um beija-flor nas suas costas.

Hawkyn assentiu.

— Eu vi também.

— Eu não vi nada, — disse Maddox, embalando seu braço claramente quebrado. — Você pode fazer de novo?

— Eu nem sei como fiz isso da primeira vez.

— Sua tatuagem, — Suzanne raspou. Seus olhos estavam fechados, o rosto pálido, mas ela sorria. — É como se viesse à vida. Tirada de uma revista em quadrinhos.

— Ok, pessoal. — Sexy disse enquanto a mão ensanguentada em seu jeans. — Vamos levar a Suz ao hospital.

O hospital que também existia em uma

revista em quadrinhos.

Capítulo 22

Suzanne acordou em uma cama de hospital com Declan e Hawkyn ao seu lado. E eles não estavam tentando se matar.

— Você está acordada, — disse Hawk, sempre observador. — Como você está se sentindo?

— Na verdade, eu me sinto ótima. — Ela sentou-se e olhou para baixo, surpresa ao ver que ela não estava usando bandagens.

Ela estava, no entanto, vestindo um vestido de hospital rosa pálido pontilhado com minúsculos gatinhos cinza. Era adorável. Ela queria shorts de pijama feitos com aquela estampa. Mas ela não podia imaginar que os demônios ficariam emocionados por ter que usar essa fofura. Quem ordenou essas coisas tinha um senso de humor distorcido.

Mas então, havia correntes no teto e

prateleiras de coisas horríveis em jarros, crânios demoníacos e ferramentas malvadas que ela esperava não terem sido usadas ativamente neste centro médico, parecia que a bizarrice era ordem natural aqui.

Sob o vestido, marcas vermelhas manchavam sua pele, e todo o seu torso era uma massa de cicatrizes em processo de cura, mas, além de um pouco de sensibilidade, ela sentia como se pudesse correr uma maratona.

— Há quanto tempo estou no hospital?

Declan olhou para o relógio.

— Estamos chegando na marca de 24 horas.

— Ele estendeu a mão e pegou a dela, e ela jurou que suas cicatrizes começaram a se curar mais rápido ao toque dele. Seu pulso estava definitivamente batendo mais rápido. — Você não parece surpresa por ter acordado em um hospital de demônios.

— Eu ouvi todos vocês conversando quando Sexy estava me curando, — ela disse, divertida que Declan estava discutindo casualmente um hospital do submundo como se ele fizesse fazendo isso há anos. Ele estava se adaptando bem. Agora ela só tinha que esperar que ele

pudesse manter sua memória. Não, ela não ia esperar.

Ela ia ter certeza. Ela lutaria contra todos os arcanjos do Céu se fosse necessário. Ela o esconderia neste hospital onde os anjos celestiais não podiam entrar. Hawkyn deveria considerar-se sortudo de que, quando foi promovido de fora do ranking regular de *Memitim*, não perdeu sua habilidade de acessar o Underworld General.

Nos últimos anos, desde que Idess havia acasalado com um dos irmãos que dirigia o local, mais do que alguns *Memitins* haviam procurado tratamento médico aqui, e dois de seus irmãos chegaram a consultar o médico-chefe, Eidolon, sobre negócios relacionados a seus *Primoris* e o curandeiro residente de *Sheoul-gra*, Darien, tinha até sido interno aqui.

Até que ele foi demitido por incompetência ou algo assim. Ele nunca disse. Mas falta de competência era uma aposta segura.

Ela teve sorte que seus irmãos a trouxeram aqui em vez de a ele.

— Como eu me curei tão rapidamente? Minhas feridas foram quase fatais.

— Você não vai acreditar nisso, — disse Hawk, dando um tempo de jogar uma bola de algodão no ar, — mas nossa mãe salvou você.

— O quê? — ela se endireitou, e o aperto de Declan em sua mão permaneceu, mais um conforto do que ela poderia dizer a ele. — Como? Ela não tem permissão para entrar em contato conosco, exceto no Céu.

— Essa é uma das regras que eu mudei, — disse Hawkyn, o que foi um choque por conta própria. Ele jurou fazer mudanças no topo da cadeia alimentar *Memitim*, a fim de tornar toda a sua vida melhor, e ele cumpriu a promessa. — Mas isso não importa. Ela não pode entrar no hospital, então ela nem esteve aqui. Ela me deu o sangue dela. Ela é *vivificus*, lembra?

Declan franziu a testa para Hawk.

— *Vivificus*?

— Anjos que dão vida, — explicou Hawkyn. — Eles são raros e apenas alguns de nossos irmãos e irmãs herdaram o dom dela.

— E mesmo aqueles que conseguiram são uma forma diluída disso, — disse Suzanne. Ainda assim, ela invejava aqueles. Aparentemente Idess tinha nascido com a

capacidade de restaurar a vida, mas Suzanne assumiu que ela tinha perdido quando ela desistiu de seu status *Memitim* porque, apesar de ela trabalhar no Underworld General, ela não fazia isso em uma capacidade médica.

— Oh. — Hawkyn levantou o telefone, e ela se forçou a não tirar sarro dele pela foto de Aurora como pano de fundo. Ela leu em uma revista que os machos provocados sobre seus momentos de ternura, eram arruinados para futuros momentos de ternura. Ou alguma coisa do tipo. — Lilliana envia melhorar.

— Como ela sabia que eu estava aqui?

— Aparentemente, nada é secreto neste lugar. — Hawkyn baixou a voz como se alguém estivesse ouvindo. Provavelmente os crânios nas prateleiras. — Idess deve ter contado a Lore, que contou a seus irmãos, que disse aos seus companheiros, que disse... porra, eu não sei. Juro que todo mundo aqui é parente dos Cavaleiros, e acho que Lilliana está com Guerra... ou Ares... qualquer que seja o nome dele.

— Então ela não voltou para o pai ainda? — ele deve estar ficando mais amuado a cada dia.

— Não. Hawkyn guardou o celular. — Ele deve ter feito algo muito, muito ruim.

Bem, Azagoth era o Grim Reaper, então a interpretação para “muito, muito ruim” estava aberta. Mas se ele a tivesse traído... ela respirou fundo.

— Flail, — ela sussurrou. — Aquela vadia está bisbilhotando...

Um grunhido baixo e perigoso estalou no peito do Hawkyn e, maldição se a temperatura não baixou. Ela nunca tinha visto, ou sentido, Hawkyn fazer isso antes. Foi direto do chapéu de truques de Azagoth. Aqueles que faziam você rezar para que você não fosse alvo da raiva dele.

— Ela se foi, — ele rosnou em uma voz que prometia muita dor se ele a alcançasse. — Ela é a razão pela qual Cipher foi pego."

— Do que você está falando? — ela se sacudiu em surpresa tão forte que a cama se moveu. — Cipher foi levado? Levado para onde? No momento em que ela fez a última pergunta, ela sabia a resposta. *Inferno*. Cipher foi levado para o inferno. — Não importa, — ela resmungou, inclinando-se no ombro poderoso de Declan para apoio. Ela amava Cipher como

um irmão, e se ela já conheceu um *Unfallen* que merecia recuperar suas asas, era ele. — O que você disse sobre Flail? Foi culpa dela? Como você sabe?

Os olhos esmeralda de Hawkyn estavam tão frios quanto o quarto.

— Fui contar ao pai o que aconteceu com você. Ele está feliz que você está bem e ele disse que sente falta das suas “diárias”, seja o que for.

Ela sorriu apesar do desgosto sobre Cipher. Durante sua vida humana, ela tinha tentado ver ou falar com seu pai todos os dias até “desaparecer”, e desde que se mudara para *Sheoul-gra*, fizera a mesma coisa com Azagoth. No começo ele parecia irritado. E então tolerante. E então se divertido. Recentemente, ela pensou que ele poderia estar realmente ansioso por suas breves visitas ou mesmo apenas uma rápida passagem.

— De qualquer forma, — disse Hawkyn, trazendo-os de volta ao assunto. — Enquanto eu estava lá, Razr disse que Flail foi embora. Embalou toda a sua merda e limpou seu quarto. Limpou o de Cipher. Ela pegou o notebook dele. Foi quando percebi que ela sabia sobre os

demônios Siecher e ela sabia onde Ciph estaria.

Aquela cadela.

— E você acha que ela enviou seus amigos anjo caídos para agarrá-lo.

— Eu apostaria minha vida nisso. — Hawkyn olhou para Declan. — Cipher era um anjo *Unfallen*, o que significa que ele não é totalmente mal porque ele ainda não entrou no inferno. Anjos caídos como Flail gostam de arrastar *Unfallens* para o inferno e trazê-los para o seu lado.

— Eu sei. — Declan mudou apenas o suficiente para pressionar um beijo carinhoso em cima da cabeça de Suzanne, e seu coração deu um pequeno e feliz baque. Ela sabia que ele não teve muito afeto quando criança, então, ele mostrar isso como um adulto e mostrar abertamente, era notável. — Há um *Unfallen* nos quadrinhos Demonica chamado Reaver. Eu venho torcendo para que ele pegue suas asas de volta.

Suzanne trocou olhares com Hawkyn.

— Devemos dizer a ele, ou fazê-lo esperar até o gibi sair?

Declan se afastou para levantar as mãos.

— Sem spoilers.

Ele iria acabar sabendo de tudo eventualmente, então ela deixou ir. Além disso, ela estava preocupada com Cipher e triste por ele ter partido, e pareceu errado provocar Declan sobre o destino de outro *Unfallen*.

— Nós vamos trazê-lo de volta, certo? — ela praticamente implorou a seu irmão. — Vamos salvar Cipher.

— Sim, nós vamos, — prometeu Hawkyn, mas sua expressão estava compreensivelmente perturbada. Eles até poderiam encontrar Ciph, mas ele não seria o mesmo. — Olha, eu preciso te dizer uma coisa, e agora é um momento tão bom quanto qualquer outro.

Ela endureceu e Declan também.

— É uma má notícia?

— Eu falei com o Conselho sobre você.

Isso não era um não.

— E?

— E você está com muitos problemas. A maioria das leis e regras que você quebrou não teria chegado à atenção do Conselho se não fosse pela casa que você explodiu. Foram necessários fixadores do Escritório de

Retificação Celestial para fazer com que parecesse um vazamento de gás, e isso desencadeou uma investigação. Agora eles sabem que você não estava apenas vivendo com o seu *Primori*, mas que você disse a ele a verdade.

Ah Merda. Ela engoliu em seco.

— O que mais?

— Eles não sabem que você tem sido... íntima, se é isso que você está perguntando.

Sim, era isso que ela estava perguntando. Mortificada que seu irmão tinha descoberto e sabendo que não havia sentido em negar, ela limpou a garganta sem jeito.

— Então, o que eles vão fazer para nós?

A jaqueta de couro de Hawkyn rangeu quando ele se levantou. Seu irmão nunca poderia ficar parado por más notícias.

— Eles queriam tirar seus poderes e sua ascensão e depois relegá-la ao reino humano para sempre.

Ela esperou ser dilacerada pelo desgosto. Ou até mesmo uma leve tristeza. Mas não havia nada. Na verdade, ela estava achando difícil segurar o sorriso.

Até o que ele acabara de dizer.

— Espere. Você disse que eles queriam fazer essas coisas. Eles não fizeram?

— Eu falei com eles sobre isso. — Ele caminhou até um dos assustadores instrumentos parecidos com serras pendurados na parede, parecendo muito orgulhoso de si mesmo, mas seu coração afundou.

— Você não fez. — Ela balançou as pernas para fora da cama, preparada para agitar algum sentido em seu irmão, se fosse necessário. — Hawkyn, eu odeio ser um *Memitim*. Eu não quero isso. Vá dizer-lhes isso! Conte a eles sobre mim e Declan. Diga-lhes...

— Irmã, pare. — Ele se virou para ela. — Eu sei que você é infeliz. Eu realmente não entendi isso até hoje. Mas eu não posso deixar você perder o status de *Memitim* e todos os seus poderes. Eu não aguentaria ver você vulnerável. Ele fez uma pausa e ela quis chorar. — Então eu os convenci a deixar você servir de outra maneira.

Ela colocou o choro em espera, mas o manteve em reserva.

— Como? — ela e Declan perguntaram

simultaneamente.

— Suzanne não mais protegerá um *Primori*. Declan já foi designado para Journey.

Assustada, ela virou o braço e, com certeza, o *heraldi* havia sumido. Engraçado, mas isso a incomodava muito mais do que a possibilidade de perder seus poderes e suas futuras asas. O *heraldi* era uma conexão com Declan, um monitor físico de sua saúde e status. Levaria algum tempo para se acostumar a não tê-lo.

Mas ela supôs que se eles estivessem juntos, ela saberia se ele estava bem ou não. Ainda assim, tudo isso era tão confuso.

— Se eu não protejo um *Primori*, o que eu vou fazer?

— Você vai fazer o seu show de culinária.

Ele poderia tê-la derrubado com uma pena, como costumava dizer sua mãe humana.

— Eu vou fazer o meu show de culinária. — Ao seu aceno, ela olhou em descrença. — Você está falando sério? Como isso serve aos *Memitins* de alguma forma?

— Não estará servindo aos *Memitins*. Estará servindo ao Céu. — Ele passou a mão pelo cabelo e soltou um longo suspiro. — Isso é

grande, Suzanne. E não pode sair desta sala. Ele lançou um olhar significativo para Declan, e Dec fez um breve aceno de cabeça. — O Conselho do Arcanjo deu o aval para começar a revelar a verdade aos humanos. No momento, é em pequena escala. Pessoas que podem lidar com isso, como Declan. Mas para preparar o resto da população, eles precisam de rostos amigáveis no lugar. E eles acham que podem usar sua habilidade de infundir comida com emoções para acalmar as pessoas em grande escala ou algo assim. Não tenho certeza. O arcanjo com quem conversei não estava preenchendo muitos espaços em branco.

Declan fez um barulho assustado.

— Você falou com um arcanjo? Qual?

— Eu deveria falar com Gabriel, mas ele cancelou e enviou Aramel em vez disso.

— Uau. — Suzanne estava feliz por ter sido seu irmão e não ela quem teve que falar com um arcanjo. Ela provavelmente teria balbuciado como uma idiota e se metido em mais problemas. — Ele disse quando todos os humanos estarão plenamente conscientes?

— Vai ser um processo superlento. Tenho a

impressão de que será uma década ou mais.

Na época dos anjos, uma década era como um mero segundo, mas uma década para os seres humanos poderia provocar saltos tecnológicos e enormes mudanças sociais. Revelar a existência de seu mundo durante um período de dez ou mais anos era provavelmente uma maneira inteligente de fazê-lo.

— Há apenas um problema com este plano deles, — ela disse, pensando em Cipher. — Os executivos da rede que queriam me ver sobre o meu programa cancelaram porque eu não consegui ir.

Ele sorriu.

— Você vai querer verificar seu correio de voz. O outro negócio não seu certo e eles querem ver você na segunda-feira. Você terá o final de semana inteiro para montar sua apresentação.

Ela queria gritar de felicidade. Essa era a melhor coisa de todas. Mas ela não poderia ser feliz até ter certeza de que o destino de Declan não seria devolvido a um estado de inconsciência da realidade. Se ela tivesse que desistir de seu programa de culinária para garantir que ele mantivesse sua memória, ela o

faria.

— E quanto a Declan? — ela exigiu. — Quero dizer, ele sabe a verdade. Eles não vão apagar a memória dele, então?

— Foda-se isso, — disse Declan. — Eles não vão chegar perto da minha cabeça novamente.

— Eles não vão, — Hawkyn assegurou. — Mas há um problema.

Ah, merda.

— Eles querem que você trabalhe para uma equipe demoníaca de resposta a atividade. É chamado DART. É uma unidade que foi formada depois que o Aegis se dissolveu.

Declan parecia totalmente perdido.

— Eles se dissolveram?

— Oh, desculpe. Alerta de spoiler. De qualquer forma, eles entrarão em contato em breve. Ah, e você recebeu imortalidade. Eu não sei qual é a sua importância no universo, e eu não sei porque você é *Primori*, mas, porra, você ganhou na loteria celestial. Agora, — disse Hawk ao se levantar — tenho que contar ao nosso pai tudo isso. Mas algo me diz que ele já sabe. Na saída, vou avisar que você está acordada.

— Hawkyn, espere. — Ela saltou para fora

da cama, não se importando que sua bunda estava a mostra para todos atrás dela verem. Ainda bem que o “todos atrás dela” era apenas Declan. — Obrigada.

Ela se jogou nos braços de seu irmão, grata a ele por tantas coisas. Ele estava lá para ela desde o começo, primeiro como seu mentor, mas sempre como seu irmão.

— Sim, cara, — disse Declan, estendendo a mão. — Obrigado. Por tudo. Você não é tão idiota quanto eu pensava.

Hawkyn riu.

— Idem. — Os dois homens apertaram as mãos, e então ele saiu, deixando-a sozinha com Declan. Finalmente.

— Agora o que? — ela disse.

Ele pegou sua mãe e levou-a de volta para a cama, onde sentou-se ao lado dela. Não havia muito espaço, mas isso era bom.

— Parece que não temos impedimento ao nosso relacionamento.

Sua boca ficou totalmente seca, desesperadamente.

— Isso significa que você quer um? Comigo? Sério? Depois de tudo o que aconteceu?

Ele olhou para ela como se tivesse perdido a cabeça.

— É por causa de tudo o que aconteceu, Suzanne. Eu sinto que finalmente tenho um lugar neste mundo. Toda essa merda com minha família e os militares e a tatuagem... eu estou legal com isso. Aqui parece ser onde eu deveria estar. Vai soar piegas, mas é como se eu estivesse vivendo nos quadrinhos que amei a vida toda. Quer dizer, eu basicamente descobri que *Os Vingadores* são reais e eles querem que eu me junte a S.H.I.E.L.D. E a melhor parte é que minha namorada é uma super-heroína.

Se movendo para que estivessem de frente, ela colocou a mão no peito dele, sobre o coração. Havia muita força ali, batendo contra a palma da mão dela.

— Você também é, você sabe. Vamos arranjar alguém para trabalhar com você para entender seus próprios poderes. Jim Bob disse que a tatuagem se baseia no que está dentro de você e agora sabemos que você pode usar as asas para voar, então o que mais está lá?

O menor lampejo de dúvida surgiu em seus olhos.

— Talvez nada.

— Oh, não, — ela assegurou-lhe enquanto deslizava a mão por seu peito até o abdômen, onde ela passou a desenhando círculos em seus gomos druos. — Tenho a sensação de que o poço dentro de você é muito profundo.

Ele não parecia convencido, mas ela imaginou que havia tempo para levá-lo fazê-lo acreditar. Mas por enquanto ela só queria se vestir e depois ir a algum lugar com Declan para comemorar.

De preferência, um lugar com uma cama.

* * * *

Declan tirou a semana seguinte de folga do trabalho, gastando um tempo ajudando Suzanne a procurar um apartamento em Nova York, onde gravaria *Angel na Cozinha*. A grande coisa sobre isso era que o apartamento era somente para mostrar. Como ela podia aparecer em qualquer lugar que ela quisesse, ela não precisava morar lá.

O que significava que eles poderiam viver onde quisessem e, por enquanto, eles decidiram

morar Dallas, onde ele tinha amigos da McKay-Taggart, e ela estava desenvolvendo uma amizade com pessoas da Top. Seu apartamento era um verdadeiro apartamento de solteiro, então ele estava ansioso para encontrar um novo lugar para morar com Suzanne, desde que não fosse aquela maldita mansão D'Angelo. Ele também ficaria bem com um sistema de segurança de detecção de demônios.

Acontece que este novo mundo era um lugar ocupado e perigoso. E ele tinha muito que estudar a fim de contemplar tudo o que precisava saber, até os zilhões de tipos de demônios que ele poderia encontrar e a história de praticamente todos os anjos importantes que já existiram.

Um representante do DART, um cara de voz rouca chamado Kynan Morgan, que também era um portador de DNA angelical, o encontrara para uma entrevista inicial, e Declan se encontraria com a equipe local de Dallas na próxima semana. E um dos membros locais era a porra de lobisomem.

Os lobisomens eram reais.

Ele ainda tinha muitas surpresas.

E agora ele só tinha que descobrir como dizer a Tag que ele estava desistindo de McKay-Taggart.

Ele praticou seu discurso enquanto se sentava no escritório de Tag, esperando que seu chefe chegasse. Alguns minutos depois, Tag entrou com um pedido de desculpas por estar atrasado. Bem, foi o mais perto que ele chegou de um pedido de desculpas.

— Maldito idiota, — ele murmurou no caminho para a mesa.

— Eu? O que eu fiz?

— Não você. — Tag afundou em sua cadeira, e Dec não pôde deixar de olhar para os sinais de que ele se lembrava, mesmo num nível inconsciente, que ele e Suzanne tinham vindo buscar a adaga. — Então, como foi o trabalho? Fiquei surpreso quando a Sra. D'Angelo disse que você não era mais necessário.

— Situação de assediador foi revolvida.

— Bom. Porque precisamos falar sobre a designação de D.C.

Declan gemeu.

— Não isso de novo. Ian, Suzanne conseguiu um emprego em Nova York e eu quero passar

um tempo com ela lá. É por isso que estou aqui.

Tag recostou-se, surpresa levantando as sobancelhas.

— Ah! — E então ele era todo sorrisos. — Então resolveu sair da seca. Estava começando a me preocupar com você.

— Que bom que a minha vida sexual era motivo de preocupação, — Declan respondeu. — Então, terminamos com essa bobagem de D.C.? Porque precisamos conversar.

— Eu gostaria de poder dizer não. Mas há alguém aqui para te ver. — Tag se levantou e foi até a porta. — Diz que ele é seu tio. Lawrence Cantor. Ele é o único que queria contratá-lo para o senador McRory. Diz que ele é ajudante do McRory ou algo assim. Eu verifiquei o seu passado, e ele não é um lunático, mas se você não quiser vê-lo, não precisa. Mas o cara é insistente. E ele é um idiota de primeira classe. Ficarei feliz em ter segurança para acompanhá-lo, se quiser.

Era tentador. Declan só encontrara o irmão mais novo de seu pai uma vez, em um dos fins de semana na cabana do lago. Tio Larry tinha sido um fanfarrão desagradável que claramente

odiava garotos com nariz entupido. O cara era um idiota de classe mundial, tudo bem.

— Não, mande-o entrar, — Declan disse a Tag. — Estou curioso agora. — E ele poderia dar seu aviso mais tarde.

— Você entendeu.

Tag saiu, e um momento depois um homem calvo e acima do peso que era mais baixo e menos apto do que Declan se lembrava veio para dentro.

— Oi, Declan. — Ele estendeu a mão carnuda. — Você com certeza cresceu.

Declan ficou de pé, mas ele não ofereceu sua própria mão.

— Vinte anos fazem isso com você.

Larry deixou cair o braço, parecendo um pouco perturbado.

— Eu estava esperando que você viesse para Washington. Eu não queria voar para cá. Nunca gostei muito do calor.

— E eu nunca gostei muito de Washington. O que você quer, Larry? Pedir desculpas por me bater na minha cabeça com suas latas de cerveja meio vazias? E havia muitas delas. — O desgraçado ria e ria, e ele ria mais quando

Declan reclamava.

Não pode aguentar uma piada, seu maricas chorão? Buaa, buaa. A vida é dura. Acostume-se com isso.

O olhar perturbado de Larry ficou irritado.

— Isso foi há muito tempo. Somos ambos adultos, então vamos falar assim. Estou aqui para garantir que você fique de boca fechada sobre a sua paternidade.

Declan bufou.

— Deve ser um ano eleitoral.

— Seu pai está pensando em concorrer à presidência, — disse Larry, deixando Declan atordoado demais para responder. — Gostaríamos de lhe oferecer uma boa soma em troca de sua palavra, e um contrato assinado, é claro, que você nunca revelará a verdade sobre a identidade de seu pai.

Oh infernos não. O conhecimento de Declan era a única coisa que ele tinha que fazia seu pai suar. O cara estava olhando por cima do ombro há anos, e com uma oferta presidencial na linha, ele seria constantemente paranoico. Nenhuma quantia de dinheiro poderia tirar aquele simples prazer de Declan.

— Não. — Ele gesticulou para a porta. —
Saia.

Manchas feias nas bochechas vermelhas de Larry e seus lábios pálidos de peixe desceram de seus dentes.

— Ouça-me, seu pedaço ingrato de merda. Estamos oferecendo seis dígitos, mais dinheiro do que você provavelmente já viu. Eu sugiro que você pegue.

— O dinheiro não significa merda nenhuma

— Diz alguém que não tem isso.

Sério, Declan queria dar um soco naquele porra.

— Você acha que o dinheiro faz você melhor do que eu.

— Eu sei que faz. — O peito de Larry estufou como se ele fosse um galo grande e ridículo. — Você foi para uma escola preparatória de elite? Você conseguiu um diploma avançado em uma faculdade da Ivy League? Você fez...

— Você serviu seu país nas forças armadas? — Declan deu um passo mais perto. — Você já colocou as mãos dentro de um homem para arrancar uma artéria e impedi-lo de sangrar? Já

parou para ajudar uma pessoa idosa a atravessar uma rua movimentada? — Declan se aproximou ainda mais, perseguindo-o, apreciando o fato de que ele era muito mais alto do que esse idiota. — Conte-me. O que você tem além de seus bilhões?

— Eu tenho casas em todo o mundo. — A voz de Larry era estridente com indignação que alguém se atreveu a chamá-lo em sua auto importância. — Cassinos. Eu possuo um maldito resort. Eu posso conseguir o que quiser com um telefonema. Mulheres imploram para chupar meu pau.

— Sim, tudo bem. Quem não amaria tudo isso? Mas eu não pude deixar de notar que você não disse que tem amigos. Uma família que te ama. Auto respeito. Sua escola da Ivy League ensinou você a sobreviver? Não sobreviver em Wall Street ou na política, mas realmente sobreviver. Você sabe, no mundo real. Ele enfiou o dedo no esterno do tio Larry. — Tire seu dinheiro, o que você tem? Em muitas situações de sobrevivência, o dinheiro é inútil. Coloque você em um grande desastre ou perigo real e você vai quebrar como um galho. Você lambe

minhas botas e implora por minha ajuda em um apocalipse demônio. Você não é nada, cara. Desperdício de ar e desperdício do meu tempo.

Ele passou por Larry e abriu a porta do escritório.

— Saia daqui e diga ao meu pai para nunca mais entrar em contato.

— Isso não acabou, Declan, — disse Larry ao sair. Mas acabou. Porque pela primeira vez em sua vida, Declan era capaz de colocar o passado onde ele pertencia.

E também porque Declan se certificaria de que seu pai nunca se sentasse no Salão Oval.

Assumindo que seu pai não era um *Primori* e destinado a isso, é claro. Mas mesmo se ele fosse, Declan estava confortável com o conhecimento de que havia um inferno para pessoas como ele, e era apenas uma questão de tempo antes de seus maus atos, e o Grim Reaper, alcançá-los.

Nesse meio tempo, Declan iria aproveitar sua vida.

E agora, sua vida estava esperando por ele em seu apartamento, e de acordo com o texto que ela acabou de enviar, ela estava cozinhando

comida sexy e queria alguém para testar o sabor. Obviamente, ele se ofereceu.

Afinal, em heróis usa capa.

Capítulo 23

Seis semanas depois de Suzanne assinar o contrato para o programa de culinária, ela filmou seu primeiro episódio. Preparou costeletas quentes com um tema de comemoração, e depois que eles terminaram, a equipe tinha comido o que ela tinha cozinhado. O que se seguiu foi uma festa selvagem que ela e Declan não tinham escapado até bem depois da meia-noite.

Eles iam se atrasar.

Ela os piscou para o apartamento dela, onde eles passavam metade do tempo ultimamente. O apartamento de solteiro de Declan era adequado, mas eles precisavam encontrar um lugar maior, e ela gostava da cozinha gigante em seu apartamento. Além disso, parecia que um de seus irmãos ou irmãs estava sempre aparecendo, e seu apartamento havia se tornado um quartel-general não oficial para liderar a

caça para encontrar Cipher.

Até agora... eles não encontraram nada. Flail havia desaparecido completamente, sem deixar pistas, e Cipher, se ainda estivesse vivo, também não mostrara seu rosto em lugar algum. Uma coisa era certa, no entanto, eles nunca desistiriam de procurar.

No momento em que se materializaram na sala de estar, ela correu para o computador no escritório, arrastando Declan com ela.

— Ele ficará chateado por ter que esperar, — ela murmurou enquanto ligava a tela, e com certeza, seu pai estava tentando se conectar com ela via Skype.

Este não era o jeito que ela queria que Azagoth conhecesse Declan. Por que diabos o Conselho *Memitim* não poderia fazer uma exceção à regra de que *Primoris* não poderiam entrar em *Shoul-gra*? Eles deram permissão para a companheira de Hawkyn, Aurora, afinal.

Hawkyn tentou explicar que sua situação era diferente porque Aurora não era *Primori*; o bebê dentro dela era. Ainda assim, ele estava tentando acabar a regra. As habilidades de Aurora como Wytch e massoterapeuta seriam

úteis em *Sheoul-gra*, e ser capaz de levar o bebê para o trabalho não seria ótimo apenas para eles, mas ajudaria a garantir que a criança permanecesse segura. Afinal, que ambiente mais seguro para um *Primori* do que um reino cheio de *Memitins*?

— Olá, pai, — ela disse enquanto o rosto dele enchia a tela. — Eu espero que você não tenha tido que esperar muito tempo. — Ela puxou Declan ao lado dela para que ele estivesse no quadro. — Este é Declan.

Declan assentiu.

— Sr.... Reaper.

Azagoth grunhiu.

— Então você é o humano que roubou minha filha de mim.

— Eu não roubei ela de você, senhor. — Declan envolveu seu braço ao redor de seu ombro e a segurou apertado contra seu peito grande. — Ela sempre será sua filha. Estou aqui apenas para adorá-la.

Seu coração batia contra sua caixa torácica com tanta força que ela tinha certeza de que seu pai podia ouvir.

Ela estava positivamente derretida com

amor, mas seu pai não estava tão emocionado.

— Suzanne é especial para mim, — disse Azagoth, sua voz profunda e rouca como cascalho. — Então, adore-a bem e lembre-se de que meu alcance se estende para além das fronteiras do meu reino.

Declan inclinou a cabeça respeitosamente.

— Entendido.

— Suzanne. — A expressão de seu pai suavizou quando ele olhou para ela. — Vejo você amanhã?

Ela assentiu.

— Estou me oferecendo para orientar um dos recém-chegados. Uma criança de treze anos.

A adolescente, meia-irmã, ficou órfã recentemente em uma guerra civil e vivia em um campo de refugiados. Esperançosamente, saber que ela tinha outra família e uma nova chance de vida ajudaria a aliviar um pouco da dor, mas Suzanne sabia em primeira mão quanto tempo a dor de perder os entes queridos poderia durar.

— Bom — disse Azagoth. — Vejo você amanhã.

Sorrindo, ela disse adeus. Essa foi a primeira vez que ele soou como se estivesse

ansioso por suas “diárias”. Ela se perguntou se ele estava sozinho. Lillian ainda não tinha voltado para ele, e ele tinha que estar desesperado por ela.

— Viu? — ela disse para Declan. — Isso não foi tão ruim.

— Para você, talvez. Eu pensei que ele ia chegar através da tela e me estrangular. Ele soltou um suspiro de alívio e foi direto para a cozinha. — Eu vou pegar uma cerveja ou dez. Quer alguma coisa?

— Não, — ela disse, sentando-se em uma das banquetas na ilha. — Eu só quero olhar para você.

Ele atirou-lhe um sorriso malicioso enquanto se inclinava para pegar uma água com gás da geladeira.

— Sim? Então o que?

— Então vou tirar todas as suas roupas e tirar vantagem de você. Talvez no chuveiro. Ela estendeu a mão e desabotoou os dois primeiros botões da blusa. — Ou aqui mesmo.

Endireitando-se, ele colocou a garrafa no balcão.

— Eu não acho que estou mais com sede.

— Não?

— Não. — Seus olhos escureceram e sua voz ficou baixa. — Agora eu estou com fome.

— Você é insaciável, — ela ronronou. — Eu amo isso. Eu te amo.

Ele deu a volta na ilha e agarrou suas coxas, espalhando-as com uma leve pressão. Sua boca desceu sobre a dela quando ele colocou-se entre suas pernas, a ereção pressionando em seu núcleo através das calças.

— Eu também te amo, Suzanne. Todos os dias agradeço ao destino que você foi meu anjo da guarda.

Todos os dias ela fazia o mesmo. Mas a verdade não era tão simples assim. Ela foi designada para protegê-lo, mas no final, foi ele quem salvou sua vida. Foi ele quem permitiu que ela se afastasse de um caminho que ela teria odiado. Foi ele quem a ajudou a realizar os sonhos que ela teve desde a primeira vez que ela fez biscoitos com a avó.

Então sim, foi designada para mantê-lo seguro, mas no final, foi ele quem foi o verdadeiro guardião. Ele era, verdadeiramente, seu anjo da guarda.

{1} Significa Strategic Homeland Intervention Enforcement Logistics Division.
Versão em português: Superintendência Humana de Intervenção, Espionagem,
Logística e Dissuasão.

{2} Raça de cão.

{3} Granada montada em um foguete.

{4} Dispositivo explosivo.